



## ÍNDICE

O Sítio .....	1
Património Cultural .....	13
Património Natural .....	42
Acessibilidades .....	46
Equipamentos: .....	61
Bibliografia .....	65

### Índice de Imagens:

Cabanas  
Carvalhal de Valinhas  
Parque merendas de Pereiras  
Fervença  
Refojos de Riba de Ave  
Reguenga  
Zona de Lazer de S. Lázaro  
Alfena  
Moinho da Travagem  
Moinhos de Ardegães  
Milheirós  
Moinhos de Alvura  
Monte de S. Brás  
Santa Cruz do Bispo  
Parque das Varas  
Ponte do Carro  
Quinta da Conceição  
Porto de Leixões

**Índice de Mapas:**

Mapa 01 – Rio Leça | Hipsometria

Mapa 02 – Rio Leça | Troços

Mapa 03 – Rio Leça | Geologia

Mapa 04 – Rio Leça | Ocupação do Solo

Mapa 05 – Rio Leça | Património

Mapa 06 – Rio Leça | Hidrografia Principal

## ICONOGRAFIA

Cabanas | Carvalhal de Valinhas



Parque merendas de Pereiras | Fervença



Refojos de Riba de Ave | Reguenga



Zona de Lazer de S. Lázaro | Alfena



Moinho da Travagem | Moinhos de Ardegães



Milheirós | Moinhos de Alvura



Monte de S. Brás | Santa Cruz do Bispo



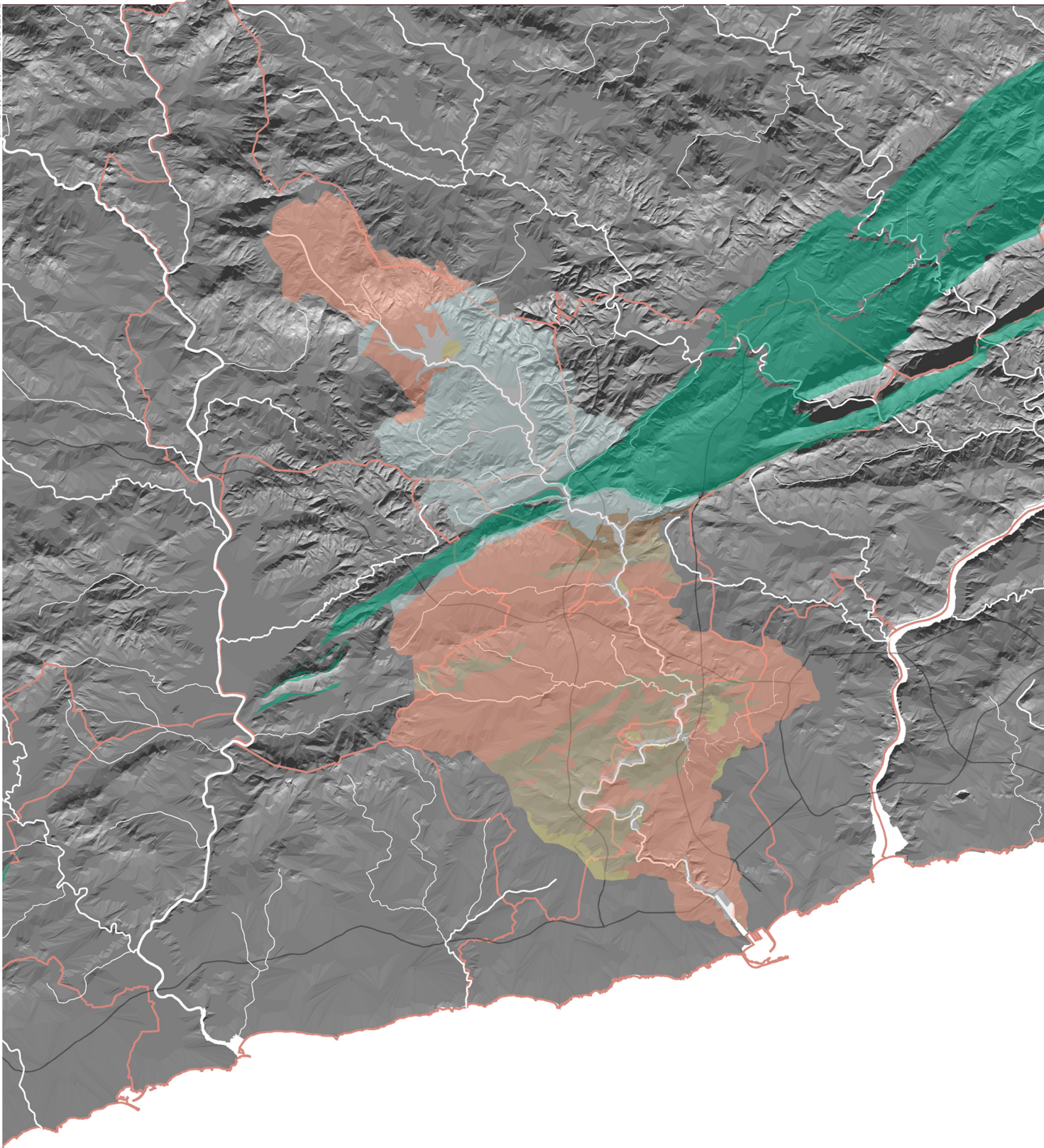
Parque das Varas | Ponte do Carro



Quinta da Conceição | Porto de Leixões



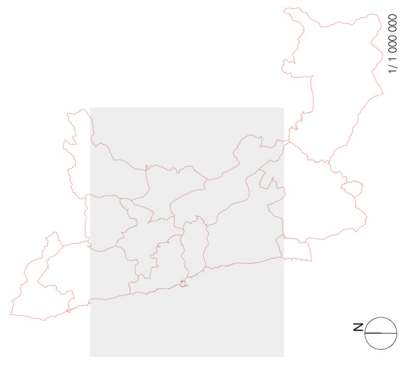
GMT 21.08 - 1700H SUDOESTE

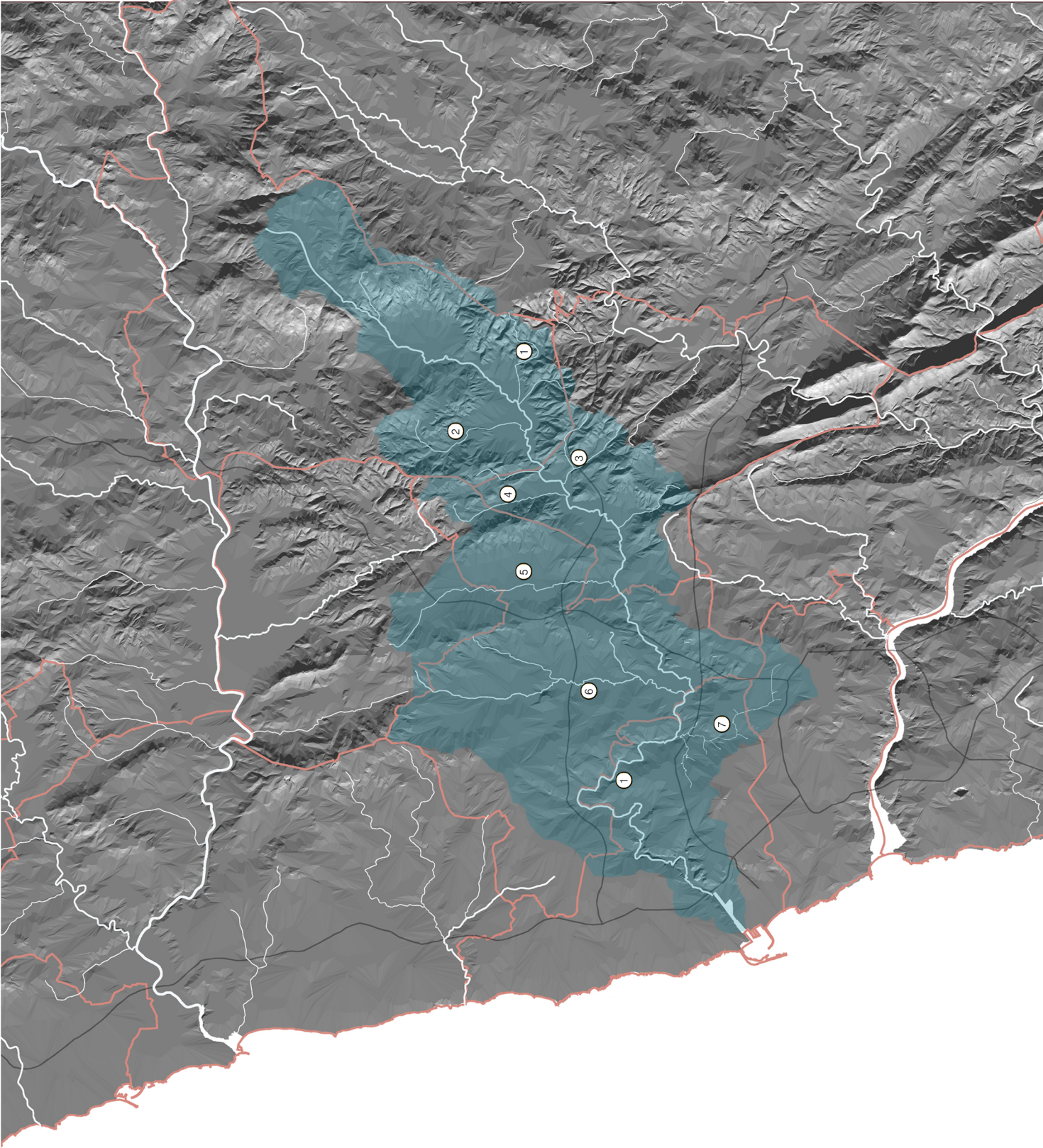


01 RIO LEÇA | GEOLOGIA

01 RIO LEÇA | GEOLOGIA

- Carbonífero Devoniano
- Aluviões e Fluviais
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauwauquico
- Ordoviciano
- Plio-plistocénico

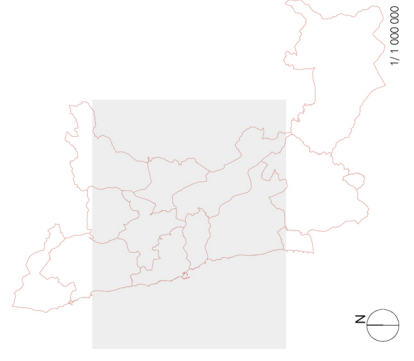


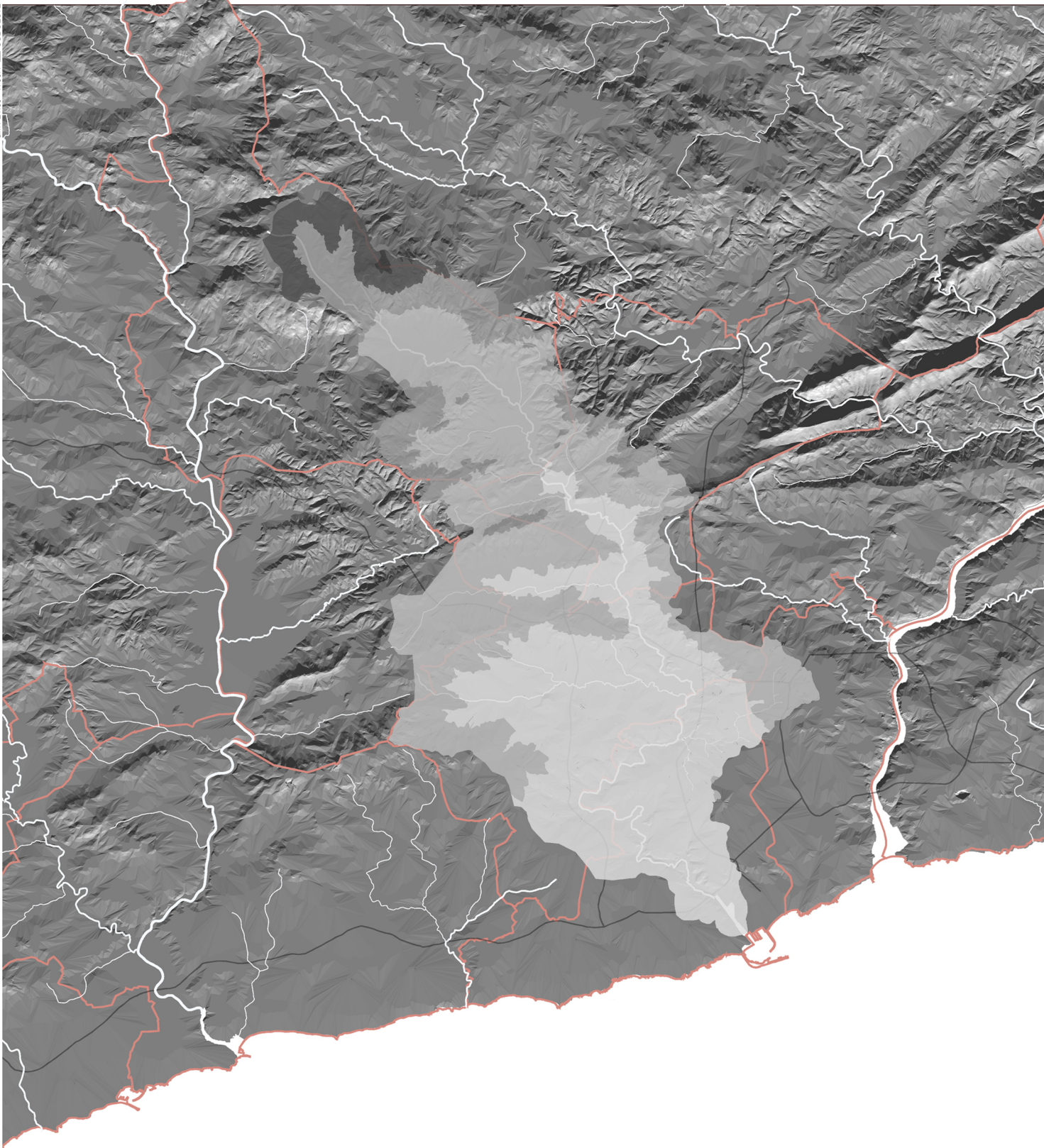


## 02 RIO LEÇA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

- 1 Ribeira da Balinha
- 2 Ribeira do Pizão
- 3 Ribeira de Tabão
- 4 Ribeira da Junqueira
- 5 Ribeira de Leandro
- 6 Ribeira do Arquinho
- 7 Ribeira da Asprela
- 8 Rio Leça

Bacia Hidrográfica do Rio Leça



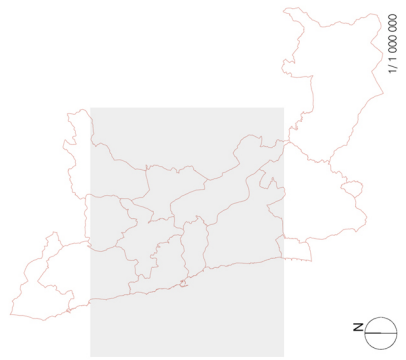


03 RIO LEÇA | HIDROGRAFIA

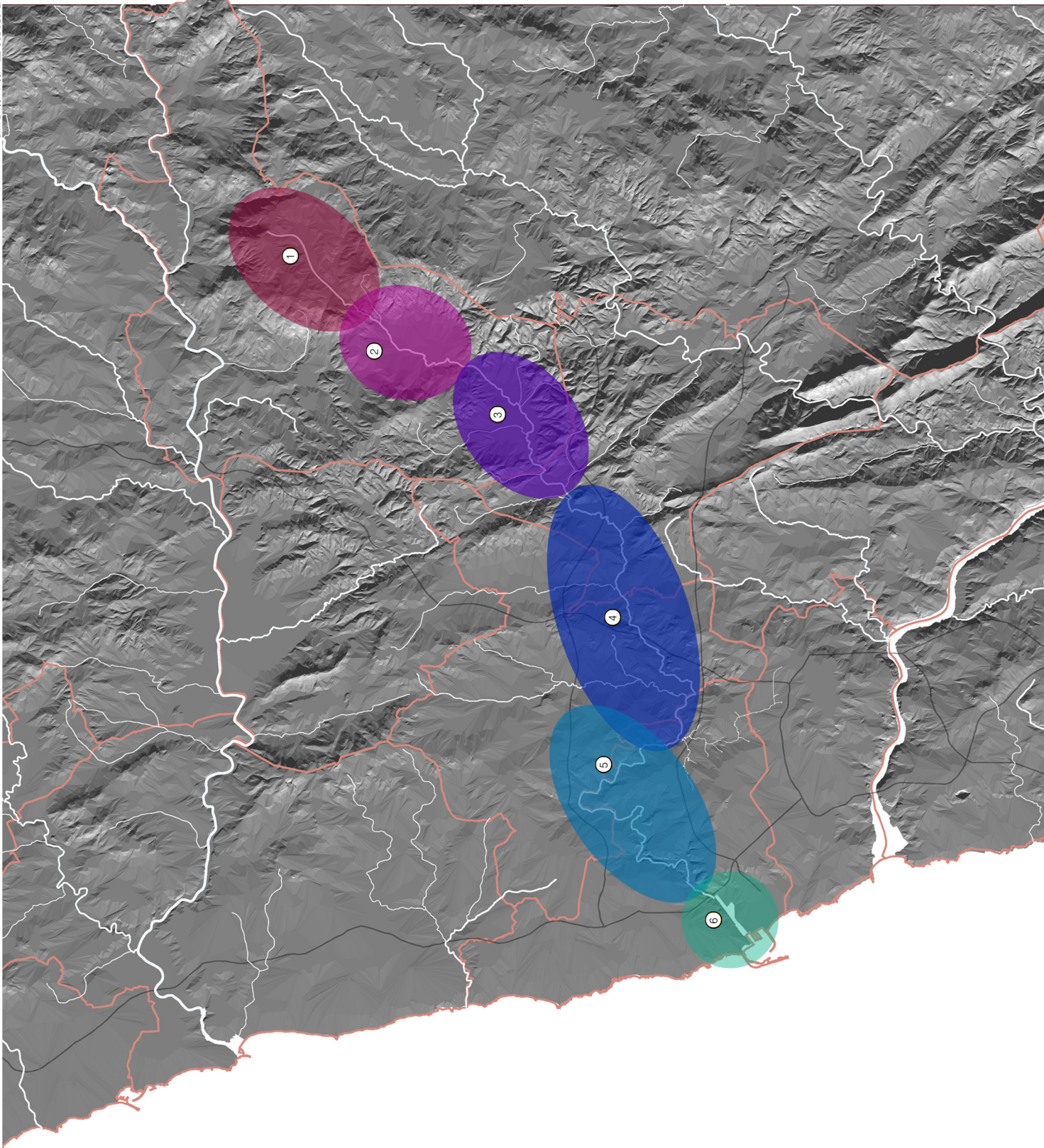
1 km

03 RIO LEÇA | HIPSOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- > 400 metros



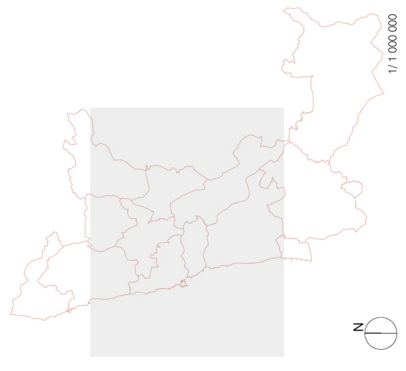
1/1 000 000

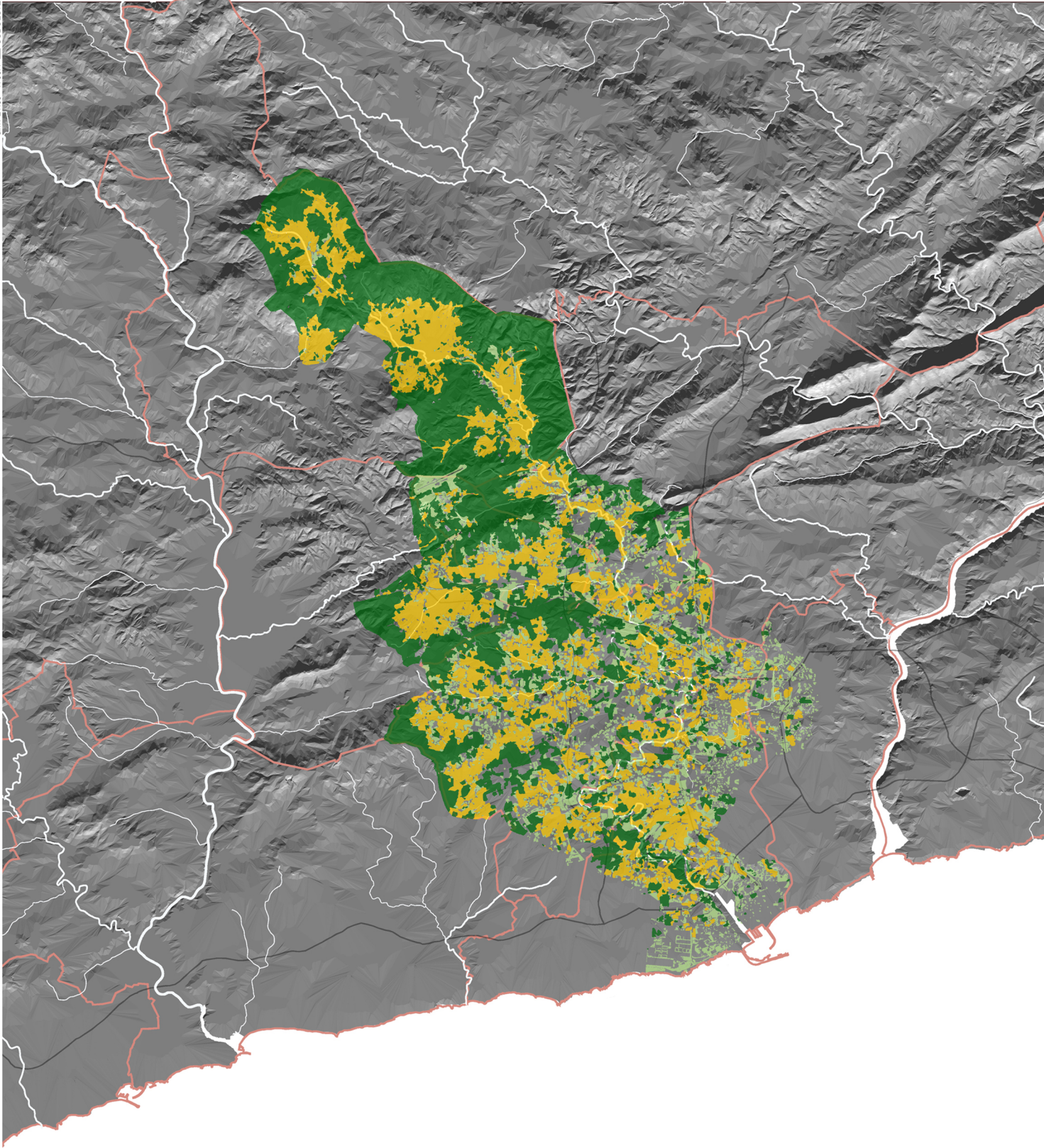


04 RIO LEÇA | TROÇOS

04 RIO LEÇA | TROÇOS

- 1 Nascentes de Fervença
- 2 Veiga de Relojos de Riba de Ave
- 3 Zona de transição de Pídre
- 4 Zona urbana Allena | Ermesinde
- 5 Vale Encaixado de Guilhões
- 6 Zona Portuária de Leixões

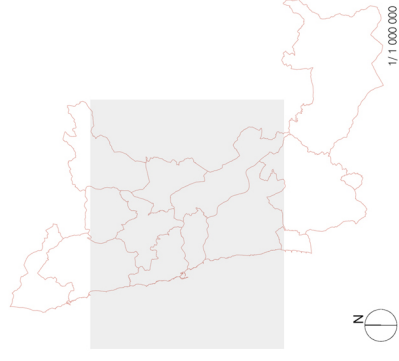




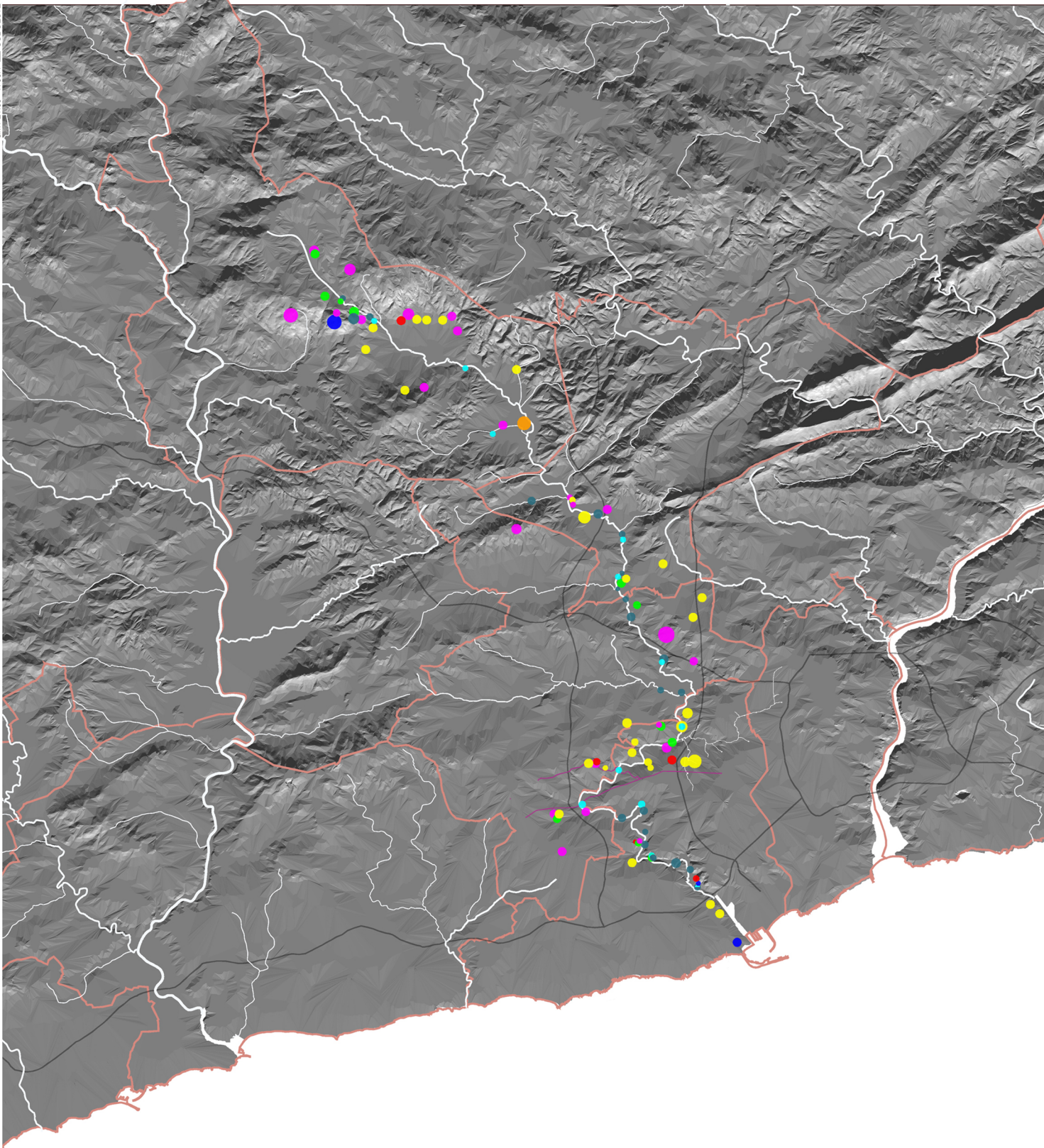
05 RIO LEÇA | OCUPAÇÃO DO SOLO

05 RIO LEÇA | OCUPAÇÃO DO SOLO

- Agricultura
- Floresta
- Incultos



GMT 21.08 - 1700H SUDOESTE

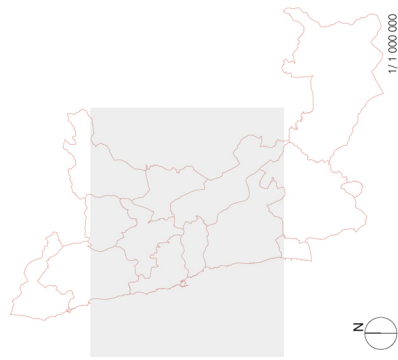


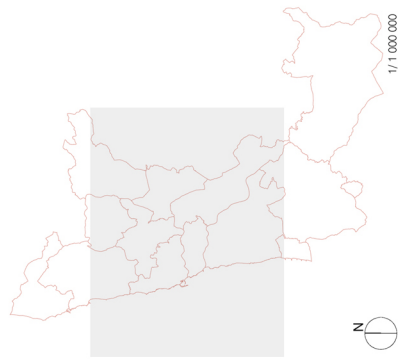
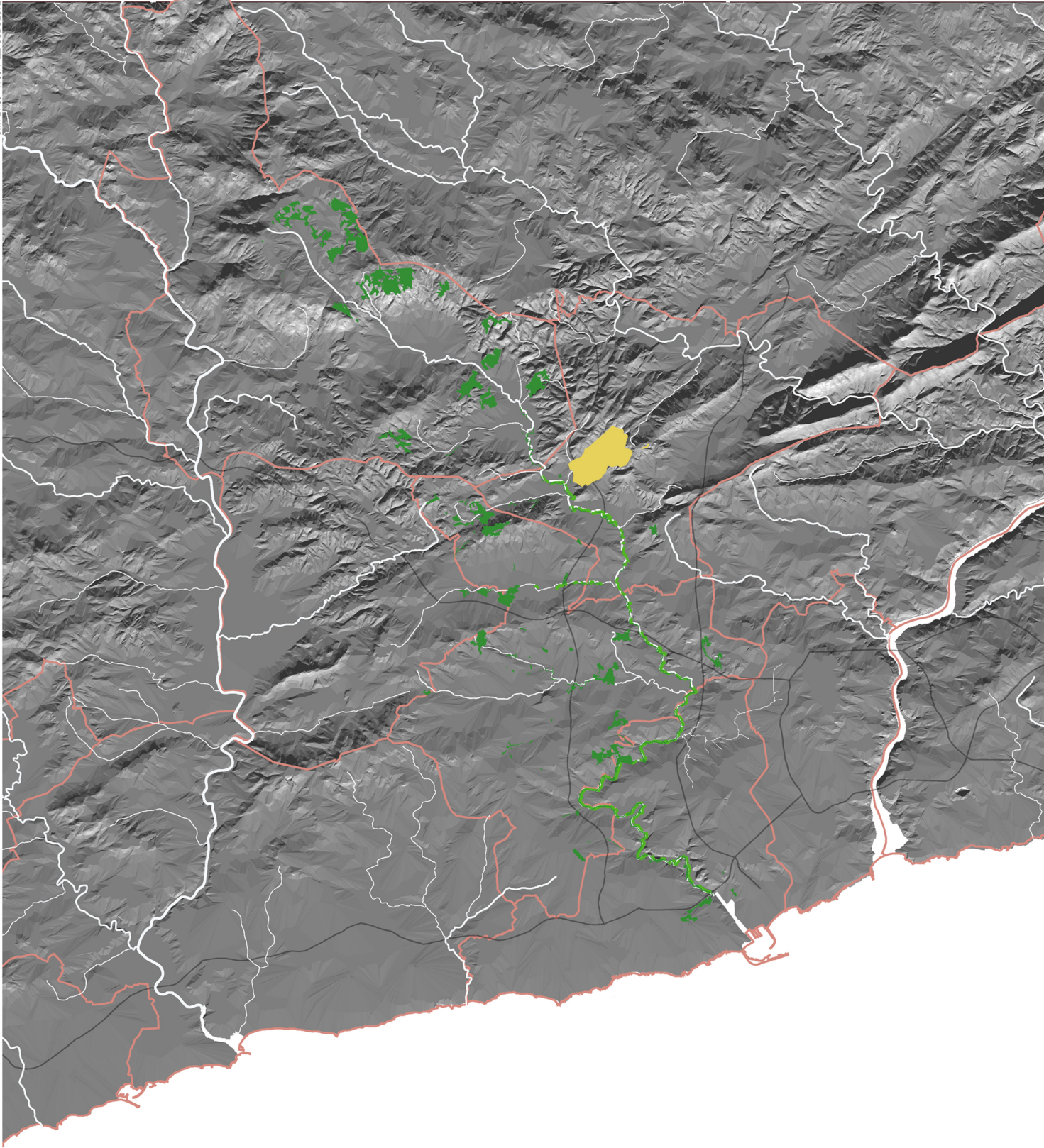
06 RIO LEÇA | PATRIMÓNIO

1 km

06 RIO LEÇA | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Quintas
- Parques
- Moinhos
- Pontes
- Património Arqueológico | Defensivo
- Equipamentos
- Núcleo rural
- Caminho de Santiago





## IDENTIFICAÇÃO

**Nome:** Rio Leça

**Área (ha):** 190 km<sup>2</sup>

**Freguesia(s):** Monte Córdova, Carreira de Santiago, Lamelas, Refojos de Riba d'Ave, Reguenga, Agrela, Água Longa (Santo Tirso), Alfena, Ermesinde (Valongo), Milheirós, Águas Santas, Gueifães, Maia, Moreira (Maia), S. Mamede de Infesta, Leça do Balio, Custóias, Santa Cruz do Bispo, Guifões, Matosinhos, Leça da Palmeira (Matosinhos)

**Localidade(s):** Santo Tirso, Valongo, Maia, Matosinhos

## DESCRIÇÃO

### O Sítio

O rio Leça nasce no Monte de Santa Luzia, na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, a uma altitude de cerca de 420 metros. Possui duas nascentes, estando uma localizada no lugar do Redundo e outra no lugar de Cabanas, no monte de Santa Luzia. Desde a sua nascente passa por quatro concelhos: Santo Tirso (nas freguesias de Monte Córdova, Refojos, Reguenga, Agrela e Água Longa), Valongo (freguesias de Alfena e Ermesinde), Maia (freguesias de Águas Santas, Milheirós, Gueifães, Maia, Moreira), Matosinhos (freguesias de S. Mamede de Infesta, Leça do Balio, Custóias, Santa Cruz do Bispo, Guifões, Matosinhos e Leça da Palmeira). É em Leça da Palmeira, no Porto de Leixões, que desagua no Oceano Atlântico, após um percurso de cerca de 48 Km.

Antes, localizava-se aqui o antigo estuário do rio Leça, considerado um local aprazível, onde se passeava, folgava e pescava. Nessa altura, neste local, aproximadamente um quilómetro acima da velha Ponte de Pedra (que ligava Matosinhos a Leça da Palmeira), e junto à Ponte Tavares, o rio Leça formava dois braços de rio: o rio Doce, do lado de Leça da Palmeira e o rio Salgado, do lado de Matosinhos. Estes dois troços do rio só voltavam a unir-se a jusante da Ponte de Pedra, que foi demolida em 1958, devido a trabalhos no porto (<http://www.geocities.com>).

Geograficamente, este rio pertence exclusivamente da Área Metropolitana do Porto (AMP), pois nasce, corre e desagua em concelhos pertencentes à AMP. Tem, como principais afluentes, a Ribeira do Arquinho e a Ribeira de Leandro (INAG, 2000).

Existem várias concepções acerca da **etimologia** do nome Leça, sendo da opinião de alguns autores que a palavra deriva de *Lethes*, como se chamava no tempo da ocupação árabe, ou *Lera* no tempo dos godos. Outros afirmam que se deve nome ao facto de nascer no lugar de Leça, passar no lugar de Leça e desaguar no lugar de Leça (Dias, 2001). Já no ano de 967, este rio surge já referenciado como rio «*Leza*».

O nome pertence ao grande número de rios que começam por "Lic-/Lec-", sendo a segunda forma «*Lec*-» uma variante fonética da primeira forma «*Lic*-». Estes nomes são tão antigos, que não se encontra, na Península Ibérica, França Oriental, Europa Central e Lituânia (áreas onde abundam os rios cujo o nome começa por *Lic*- ou *Lec*-), palavras que expliquem estes nomes de rios, excepto na Lituânia onde «*liekna*» significa prado lamacento (Moreira, 1996). Existe também a opinião que etimologicamente, a palavra Leça significa «saudade» (O rio da saudade, 1994).

O rio Leça possui uma **bacia hidrográfica** com uma área de cerca de 190 km<sup>2</sup>, enquadrando-se entre as bacias dos rios Ave e Douro. Possui uma extensão de 46,750 km desde a nascente até à foz do rio Leça, no Porto de Leixões (Dias *et al*, 1995). A bacia possui uma forma estreita e alongada, na direcção Nordeste-Sudoeste, com uma altitude média de 145 metros, sendo que 85% da área total se encontra a uma cota inferior a 200 metros (INAG, 2000).

Desde a sua nascente até Reguenga, o Rio Leça corre na direcção Norte-Sul; depois deste ponto, começa a inflectir para Oeste; possui, aqui, um traçado sinuoso, com muitas curvas sinuosas, que se assemelham a istmos ou penínsulas, como as que ocorrem em Moreira da Maia ou Araújo (INAG, 2000). No seu percurso, surgem irregularidades, sempre que o rio Leça passe em locais de formações rochosas mais resistentes ou mais compactas ou outros condicionalismos que dificultem ou impeçam a passagem do rio (Dias *et al*, 1995).

Os fenómenos de "*subida e descida do nível do mar durante os tempos geológicos*" (tendo o rio Leça corrido já a uma cota 30 metros acima da actual) e "*interacção com a importante bacia do rio Douro*" (sendo a margem Sul mais escarpada que a Norte) originam as principais alterações no curso do rio Leça (Dias *et al*, 1995).

As alterações no regime hidrodinâmico do rio Leça são reveladas através da existência de depósitos fluviais, existentes em S. Mamede de Infesta e Santa Cruz do Bispo. Após esta deposição, que se deu numa fase de senilidade do rio, ocorreu um rejuvenescimento e uma erosão, por parte desta linha de água dos elementos que se foram depositando. Provavelmente, existiriam meandros, em Goimil e Agrela, junto à Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, devido ao traçado sinuoso do rio neste local. Deviam-se à

*"erosão na parte côncava da margem e deposição na parte convexa"*. Estes meandros acompanham a forma do traçado do vale, originando bons terrenos para a agricultura. Em 1958, podia verificar-se a meandrização da foz do Leça, com dois canais (braços), e a existência de meandros divagantes, resultantes de um deles (Dias *et al*, 1995).

A bacia hidrográfica do rio Leça, apresenta baixos declives, excepto nos primeiros 6 km de percurso do rio na serra da Agrela, onde o relevo é mais acidentado e a diferença de cotas vai dos 420 metros até aos 120 metros. ([www.maretec.mohid.com](http://www.maretec.mohid.com)). Os troços médio e final, que se encontram já numa fase de maturidade, possuem *"vales apertados e um perfil longitudinal mais ou menos regular"* (Dias *et al*, 1995). Em contraste, nas serras da Agrela e do Penedo, o relevo é bastante vigoroso, existindo um desnível de 150 metros numa extensão de 1,5 km entre Pereiras (em Monte Córdova) e Granja (Refojos). No restante percurso do rio, os declives são pouco acentuados e bastante constantes (INAG, 2000).

Desde S. Mamede de Infesta até Guifões, as margens possuem declives inferiores a 8%, estando o rio sobre rochas do complexo Xisto-Grauváquico; na Ponte do Carro, as encostas tornam-se mais íngremes, sendo o declive de cerca de 65% (Dias *et al*, 1995). O declive médio é de 0,9 % (INAG, 2000).

Em termos de erosão e assoreamento, verificam-se 3 troços distintos no Rio: o troço de montante (3 primeiros km do rio), com um declive muito acentuado de cerca de 13%; o troço intermédio, em que o declive de talvegue é suave, entre 0,18% e 0,59%; o troço final (últimos 7 km), com um declive de cerca de 0,03%. A bacia apresenta um valor médio de erosão hídrica real de cerca de 2,5ton/ha/ano, localizando-se as áreas mais afectadas a Oeste (INAG, 2000).

Ao longo do rio Leça, existiam, no ano de 2000, cerca de 50 açudes, ocorrendo a deposição de sedimentos nas albufeiras resultantes, e verificando-se a ocorrência generalizada de assoreamento, com excepção do trecho superior do rio (INAG, 2000).

Para os concelhos que se localizam a Norte do rio Leça, a drenagem dá-se predominantemente no sentido Norte-Sul, enquanto para aqueles situados a Sul desta linha de água, a drenagem é no sentido Sul-Norte, mas também Este-Oeste e Oeste para Este (Dias *et al*, 1995).

Na área da bacia do rio Leça, o **clima** varia entre temperado, húmido e muito chuvoso (a montante) e temperado, húmido e moderadamente chuvoso (a jusante). Segundo a classificação de Thornthwaite, a montante, o clima é "superhúmido, mesotérmico, com pequena falta de água no ano e com pequena eficiência térmica no Verão", na zona intermédia é "húmido e temperado", sendo, na faixa litoral, "sub-húmido a húmido" (INAG, 2000).

O clima é influenciado pela sua posição geográfica e pela proximidade ao Oceano Atlântico. Assim, esta região é relativamente pluviosa, com a precipitação média anual entre 900 e 2 400 mm, sendo que este

valor é maior na zona perto da nascente do rio. Na zona das cabeceiras do rio Leça, a precipitação média anual é superior aos 2 000 mm, enquanto na zona litoral, na foz e no vale da Ribeira do Arquinho se registam os valores mais baixos de precipitação, com valores entre os 1 000 e 1 200 mm. Janeiro é o mês mais pluvioso, verificando-se, nesse mês, valores de 253 mm em Paços de Ferreira (localizado na parte a montante), 172 mm em S. Gens (com uma localização média em relação ao rio Leça e sua bacia hidrográfica) e 94 mm em Leça da Palmeira (situado junto à foz do rio). A estação seca é mais relevante no mês de Julho, que apresenta valores de precipitação de 13 mm, em Leça da Palmeira, e 29 mm em Paços de Ferreira (INAG, 2000).

A temperatura média anual situa-se entre os 13 e os 15°C. A zona a Este de Santo Tirso e Paços de Ferreira possui uma temperatura com um valor entre 11 e 13°C, sendo mais elevada perto do Oceano, com cerca de 14,5°C, embora em Pedras Rubras a temperatura seja cerca de 13,8°C (INAG, 2000).

Os Verões são do tipo moderado, sendo a temperatura média do mês mais quente cerca de 22 - 24°C. Os Invernos são também do tipo moderado, existindo, em média, um dia por ano com temperaturas negativas, normalmente em Janeiro. Nos locais com uma altitude superior, os Invernos são já do tipo frio, ocorrendo temperaturas negativas, numa média de 30 dias, sendo Janeiro o mês mais frio, com uma temperatura média de 3°C. Na zona mais perto do mar, o clima é do tipo litoral Oeste, com o Oceano actuando como agente atenuador de temperatura (INAG, 2000).

A evapotranspiração potencial anual média varia entre os 695 mm (a montante) e os 740 mm (a jusante), possuindo a evapotranspiração real média anual valores entre 518 e 596 mm. Entre os meses de Maio e Setembro, a evapotranspiração real é superior à precipitação (INAG, 2000).

O défice hídrico anual médio é de 100 mm (em Paços de Ferreira) e 200 mm em Leça da Palmeira, ocorrendo durante os meses mais quentes (entre Junho a Setembro); o excesso hídrico anual médio é cerca de 150 mm (jusante), 600 - 622 mm (sector intermédio) e 1 113 mm (a montante), sendo superior no mês de Janeiro (INAG, 2000).

Durante o Século XIX e princípios do Século XX, o rio Leça era considerado um dos mais belos e poéticos rios do Norte de Portugal, de tal modo que entrava na literatura e poesia nacionais. Escritores, geógrafos e historiadores como Pinho Leal, João de Barros, André de Resende, Manuel Pereira de Novais, João Rodrigues de Sá e Meneses, Pedro Mariz, António Nobre, Sá de Miranda e Manuel Faria de Sousa, entre outros, fizeram elogiosas referências ao Leça de outrora. Existem referências aos cenários de rara beleza que o rio Leça possuía, na área entre Alfena e Ardegães, possuindo moinhos e açudes, ao longo de campos com flores, vinha, produtos hortícolas, linho e milho, regados com água do rio. Em alguns locais, os campos alargavam-se em planícies mais ou menos extensas, enquanto noutros

apertavam-se entre pequenos montes com pinhais e eucaliptos, que começavam já a aparecer (Dias, 2001).

A partir da década de 60 do século XX, o rio Leça começou a ficar cada vez mais industrializado, tendo os primeiros protestos surgido dos pescadores, devido à mortalidade e desaparecimento dos peixes, que anteriormente eram abundantes no rio. Até aos anos 90, não foram tomadas medidas quanto à despoluição do rio Leça, apesar de a despoluição do rio estar contemplada no Projecto de Gestão Integrado dos Recursos Hídricos da Região Norte, sendo este considerado como um dos rios mais poluídos da Europa (Dias, 2001).

De uma paisagem "*bucólica*" com funções não apenas ecológicas, mas também funcionando como local de lazer, o rio Leça e suas margens sofreram um processo de construção anárquica que, aliada à deposição de lixos e poluição, provocaram a alteração deste cenário, para o que se verifica hoje em dia (INAG, 2000).

O INAG, no Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica do Rio Leça, dividiu esta em **três troços**. Um superior, correspondente à área da cabeceira, podendo mesmo dizer-se que nesta área, o rio Leça se encontra numa fase de juventude. A área da cabeceira do rio é pequena e estreita, alargando progressivamente. Aqui, a paisagem possui um carácter rural, observando-se pequenos aglomerados, bem ordenados. Compreende as freguesias de Lamelas e Refojos de Riba de Ave (INAG, 2000).

A zona intermédia, mais larga e comprida, vai desde Reguenga até S. Pedro de Fins e Ermesinde. No primeiro terço, encontra-se a freguesia de Agrela, que possui um carácter bastante rural; os restantes dois terços compreendem as freguesias de Água Longa, Alfena, Folgosa e Coronado, apresentando já um carácter "periurbano e industrializado", diminuindo a qualidade da paisagem (INAG, 2000).

O troço final que vai até á foz do rio é maior e mais extenso, localizando-se aqui os núcleos urbanos e periurbanos dos concelhos da Maia e Matosinhos, com bastante industrialização, e com uma qualidade paisagística desqualificada (INAG, 2000).

Por sua vez, Velha (1991) identificou as principais sub-bacias do da Bacia Hidrográfica do Rio Leça, sendo estas: área a montante de Pereiras, Ribeira de Alto de S. Jorge, Ribeira de Refojos, Ribeira de Vilar, Ribeira de Silves, Ribeira do Facho, Ribeira de Regada, Ribeira de Pisão, Ribeira de Covas, Ribeira de Tabãos, Ribeira da Junqueira, Ribeira da Cabeda, Ribeira do Leandro, Ribeira do Arquinho, Ribeira de Sangemil, Ribeira de Picotos, Ribeira de Maninho do Corgo e a Ribeira de Guifões ([www.maretec.mohid.com](http://www.maretec.mohid.com)).

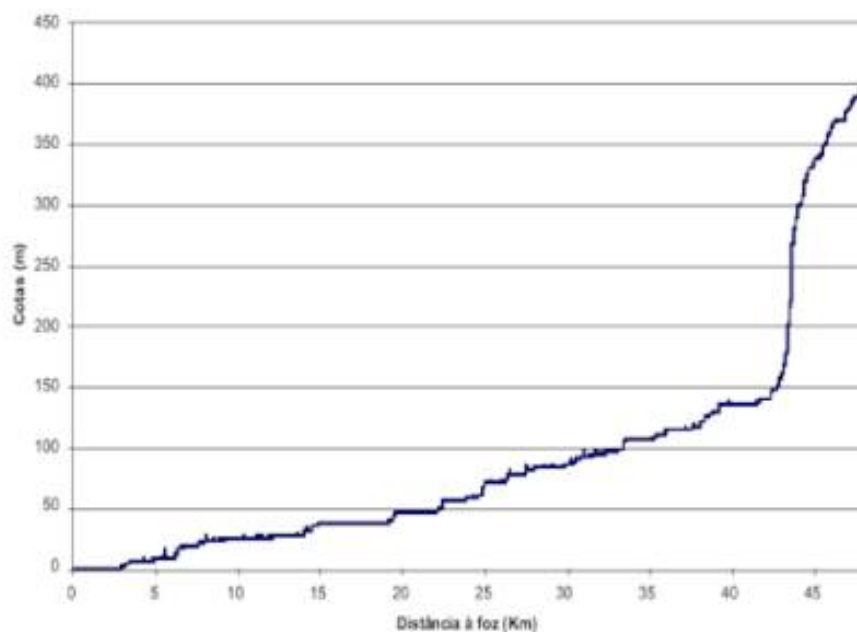


Figura 1\_ Perfil longitudinal do rio Leça (Fonte: DRA-Norte, 2000; [www.maretec.mohid.com](http://www.maretec.mohid.com))

Neste trabalho, de acordo com as alterações que o carácter da paisagem vai sofrendo ao longo da bacia do rio Leça, foram determinados **6 troços** do rio Leça, que apresentam características distintas. Assim, apesar de se apresentar como uma linha de água única com homogeneidade, pelos diferentes caracteres que vai assumindo à medida que paisagem envolvente se vai alterando, o rio Leça assume-se com várias identidades. Os troços identificados são:

Troço 1: Cabeceiras do Leça – Este troço estende-se desde as nascentes do rio Leça, compreendendo a freguesia de Monte Córdova. Nesta área o rio Leça, ainda numa fase juvenil, apresenta um pequeno caudal, possuindo duas nascentes, em áreas florestais, correndo depois para as áreas agrícolas, ao longo das quais passa, regando-as, e sendo também captado pelas levadas dos moinhos, accionando os mecanismos que possibilitam a moagem dos cereais. Ainda são bastante representativas as áreas de galeria ripícola que ladeiam este rio, em alguns locais com grande declive, como é exemplo Fervença, onde se localizam as “Quedas de Água de Fervença”.

Troço 2: Veiga de Refojos de Ave – Este troço abrange uma vasta área agrícola em solos aluvionares, que se estende pelo concelho de Santo Tirso, nas freguesias de Refojos de Riba de Ave, Reguenga e Lamelas. Neste troço, o rio Leça vai atravessando grandes parcelas agrícolas e áreas com quintas, muitas delas históricas.

Troço 3 – Zona de Transição de Pidre – Neste troço, o rio Leça encontra-se numa zona de transição entre a envolvente agrícola que caracteriza a unidade anterior e a forte urbanização que irá distinguir o troço seguinte. Aqui, o rio Leça encontra-se envolvido por parcelas agrícolas em solos de aluvião, que alternam

com áreas de ocupação florestal. Esta área marca o limite do concelho de Santo Tirso, sendo ocupada pelas freguesias de Água Longa e Agrela.

Troço 4 – Zona Urbana Alfena | Ermesinde – Neste troço, o rio Leça entra numa zona com forte pressão urbanística e elevada densidade populacional. Denota-se uma desorganização do território, em que as áreas mais urbanizadas co-existem com zonas mais rurais, como existentes em Alfena, Milheirós e Águas Santas, onde ainda se mantêm explorações agrícolas. Este troço estende-se desde Alfena (Valongo) até Leça do Balio (Matosinhos)

Troço 5 – Vale Encaixado de Guifões – Este troço situa-se entre Leça do Balio até Guifões. Aqui surgem propriedades agrícolas (principalmente explorações com vacarias) e os espaços florestais dispersos, se bem que intercalados com áreas habitacionais, industriais e rede viária. Surgem também grandes e importantes quintas patrimoniais.

Troço 6 – Zona Portuária de Leixões – Este é o troço final do rio Leça, que tem como elemento marcante o Porto de Leixões, ficando o rio completamente artificializado. Aqui, o rio insere-se entre as freguesias bastante urbanizadas de Matosinhos e Leça do Balio.

Na generalidade, os solos existentes na bacia do rio Leça resultam da desagregação e alteração do substrato rochoso existente, num processo de meteorização condicionada pelo clima, relevo e vegetação, tendo resultado materiais soltos, com diversas granulometrias e espessuras. As rochas mais representativas são os granitos; seguem-se os xistos, granodioritos e outras rochas deste tipo (INAG, 2000).

Relativamente a **geologia**, a bacia do rio Leça apresenta um predomínio de granitos, que são cortados pelas formações sedimentares. Na área Oeste do concelho da Maia (onde contacta com Matosinhos), nas freguesias de Vila Nova da Telha, Gemunde, Moreira, Barca, Maia, Vermoim, Gueifães, Milheirós e Águas Santas, encontram-se rochas do Complexo Xisto-grauváquico. Na área de contacto com o concelho de Santo Tirso, em Folgosa (Maia) e Alfena (Valongo), existe uma faixa marcante constituída por rochas dos Períodos Carbónico e Devónico e Silúrico, que sobem desde as serras de Valongo, onde ocorre o fenómeno geológico conhecido como Anti-clinal de Valongo. As rochas do período Silúrico ocorrem predominantemente na parte Oeste do concelho de Santo Tirso, nas freguesias de Água Longa, Agrela, Lamelas e Reguenga. Os aluviões localizam-se ao longo do rio Leça, sendo mais evidentes nas freguesias da parte Oeste do concelho de Matosinhos, e das freguesias do concelho Maia que contactam com estas, assim como em Ermesinde, Alfena (concelho de Valongo), Água Longa, Agrela, Lamelas e Reguenga, Refojos de Riba de Ave e Carreira, onde se apresentam em áreas maiores e mais extensas.

O rio Leça atravessa “afloramentos graníticos, que intruíram e metamorfizaram xistos e metagrauwaques do Câmbrio e do Silúrico, na maior parte da sua extensão. O maciço apresenta fracturações resultantes dos fenómenos tectónicos, assim como falhas, sendo que a Ribeira do Arquinho se encontra no alinhamento de duas falhas geológicas no sentido Norte-Sul, assim como o troço final do próprio rio Leça que segue o alinhamento de uma falha geológica aí existente, no sentido Nordeste-Sudoeste. Os movimentos neotectónicos, que se traduzem na existência de retalhos de terraços fluviais, provocaram levantamentos que provocaram o encaixe da rede hidrográfica. Encontram-se aqui depósitos de areias caulínicas com intercalações de argilas (INAG, 2000).

Relativamente ao tipo de **solos** presentes na bacia hidrográfica do rio Leça, verifica-se que os antrossolos são os mais representativos, ocupando cerca de 39% da área da bacia do rio Leça; os leptossolos ocupam cerca de 31%, os regossolos 15% e os cambissolos 10% da área da bacia; os restantes tipos de solos são pouco representativos. Os antrossolos ocorrem sobretudo nos terraços e socacos, em áreas cultivadas, sujeitas a lavouras profundas, subsolagens ou surribas, que apesar de ocorrerem por toda a bacia, são mais representativos na zona central e oriental da bacia; os leptossolos localizam-se predominantemente na área Este, enquanto os regossolos ocorrem principalmente na parte central e ocidental, e os cambissolos na parte Oeste da bacia (INAG, 2000).

Segundo o Plano de Ordenamento da Bacia Hidrológica do Rio Leça, foi efectuada uma análise dos **usos de solo** e caracterizadas as tipologias de **ocupação**, com base na cartografia resultante do Projecto CORINE-Land Cover, tendo-se verificado que, à data da elaboração deste Plano (2000), de um modo geral, a área de análise, ou seja, a bacia hidrográfica do rio Leça, se encontrava revestida com vegetação, com as seguintes proporções do tipo de coberto: áreas com uso agrícola com 28,8%, áreas com uso florestal com 45,5%, áreas artificializadas com 24,7% e outros tipos de uso com 1% (INAG, 2000).

O uso florestal é o que domina a bacia do rio Leça, estando as maiores áreas florestais, constituídas principalmente por povoamentos mistos irregulares de eucalipto e pinheiro-bravo, localizadas no interior do território, principalmente nos concelhos de Santo Tirso, Valongo e Maia, junto à Ribeira do Arquinho. As áreas agrícolas, distribuem-se igualmente por toda a área da bacia, com excepção dos concelhos de Matosinhos e Porto, estando localizadas na envolvente do rio (zona a montante) ou em conjunto com áreas florestais e artificializadas (zona a jusante) (INAG, 2000).

Na zona envolvente ao rio Leça, e de acordo com a programação do uso de solo em 2000, verificava-se um predomínio dos espaços artificializados, representando estes 51% da área total. Assim, os espaços urbanos e urbanizáveis representavam 47,8%, enquanto os espaços industriais eram cerca de 3,7% da

área total em análise. Em alguns locais, denota-se o atravessamento e a existência de frente em contacto directo com o rio, assim como a grande proximidade dos espaços industriais com o rio. Estes espaços dedicados à indústria contíguos ou inseridos em espaços urbanos, possuem maior incidência em Matosinhos (tanto em área total, como em número de espaços (INAG, 2000).

Os espaços de protecção englobavam 24,7%, os espaços agrícolas 10%, enquanto os espaços florestais ocupavam cerca de 3,3% (sendo que os espaços de uso indefinidos, ou seja, que albergam simultaneamente as actividades agrícola e florestais ocupam 10,5%) da área envolvente ao rio Leça. As áreas agrícolas são compostas por pequenos espaços fragmentados, principalmente localizados junto ao leito do rio, enquanto as áreas florestais ocorrem principalmente em pequenas manchas no concelho da Maia. Os espaços de protecção são mais relevantes em Santo Tirso, sendo a tipologia dominante neste concelho, embora na Maia e em Matosinhos, este tipo de espaços seja constituído apenas por estreitas faixas descontínuas ao longo do leito do rio, fragmentadas por áreas urbanas e industriais. Os espaços de uso indefinido têm uma distribuição irregular, localizando-se principalmente nos concelhos de Matosinhos e Santo Tirso (INAG, 2000).

Os principais usos de solos na área abrangida pela bacia hidrográfica do rio Leça são: "culturas anuais associadas a culturas permanentes (22%), tecido urbano descontínuo (14%), floresta com mistura de várias espécies florestais (14 %), terras ocupadas por agricultura com espaços naturais (11%) e resinosas (10%)". As culturas permanentes localizam-se principalmente na parte central da bacia, alternando com áreas agrícolas e florestais. As áreas de tecido urbano localizam-se principalmente na zona de litoral, onde ocorre a concentração dos principais focos populacionais (INAG, 2000).

Na área abrangida pela bacia do rio Leça, existem cerca de 4 690 hectares de **áreas agrícolas** regadas, das quais, em cerca de 4 490 ha, ocorre regadio privado e, em 200 hectares, existe sistemas de regadio tradicionais. Estes regadios tradicionais constituem *"pequenos aproveitamentos colectivos, nos quais a gestão da água de rega é realizada de uma forma comunitária, normalmente através de juntas de agricultores"*. A principal origem da água encontra-se nos cursos de água ou nascentes que aqui ocorrem, sendo o sistema de rega constituído por *"estruturas rústicas de pequena dimensão"*, de que são exemplo as levadas não revestidas ou regadeiras em terra, onde a rega é efectuada por acção da gravidade. Entre 1986 e 1993, ocorreram programas do FEDAP e PAMAF, com vista à reabilitação dos regadios tradicionais, tendo como consequência a melhoria da eficiência de captação, transporte e condução de água. Os regadios privados são, normalmente, pequenos ou muito pequenos, utilizando principalmente água de origem subterrânea (INAG, 2000).

No primeiro troço do rio Leça, na freguesia de Monte Córdova, verifica-se um grande abandono dos terrenos agrícolas, sendo a agricultura praticada em grande parte para auto-abastecimento, em contraste com a produção para a criação de gado bovino, que antes se observava. O pastoreio efectua-se agora com pequenos rebanhos de ovelhas, que pastam nos campos. Verifica-se um envelhecimento da

população que ainda pratica esta actividade agrícola e criação de gado ovino, por causas ligadas com a tradição e pela manutenção dos terrenos agrícolas sem matos.

Em inquéritos informais efectuados na freguesia de Monte Córdova, no âmbito deste trabalho, alguns habitantes, quando questionados acerca do abandono dos terrenos agrícolas, referiram como razão principal o encerramento de muitas pequenas vacarias (para produção de leite) e a falta de alternativas de produção agrícola que assegurassem rendimentos suficientes à prática destas actividades agro-pecuárias. As regras de afastamento de áreas habitadas, de higiene e de tratamento de efluentes das explorações, com altos custos em comparação com escassos proveitos, bem como o desinvestimento das empresas de recolha de leite nesta área, tiveram como consequência o abandono de grande parte da área agrícola da freguesia de Monte Córdova.

No segundo troço, o tipo de cultura agrícola dominante é os prados de inverno, usados para produzir forragem fresca para os animais. Nas zonas de encosta, principalmente junto dos povoados, os campos agrícolas e leiras estão cultivados com batatas, hortaliças, vinha em ramada e fruteiras (como laranjeiras, pessegueiros, nespereiras, limoeiros e oliveiras), que surgem principalmente na bordadura das parcelas agrícolas. Nas faldas das encostas dos montes que bordejam o vale do Leça, surgem bastantes propriedades agrícolas abandonadas, com belas casas construídas em granito, com portais, muros de granito e sistemas de rega tradicional, estando as estruturas por vezes já em ruína e invadidas pela vegetação (verificando-se mesmo em alguns locais matos). Os campos são cultivados com erva-azevém e milho (cultura de verão), sendo visíveis silos e fardos de palha a pontuar os terrenos agrícolas. Junto a estas parcelas agrícolas, surgem carvalhos, salgueiros, outras folhosas e sobreiros, embora nas matas predominam os eucaliptos.

Algumas das grandes quintas aqui existentes, tais como as quintas de Vila Verde, da Casa do Casal e da Casa de Cavelos, ainda conservam actividade agrícola e pecuária, principalmente com exploração de vacas leiteiras. São de realce as plantações de vinha na encosta, onde o declive é mais acentuado, existindo mesmo algumas que são efectuadas segundo modernas técnicas de plantação, em bardo, como observado em Lamelas.

Na zona de transição que caracteriza o terceiro troço, a área agrícola é bastante inferior ao observado no troço anterior, sendo o tamanho das parcelas mais reduzido, com excepção de algumas áreas junto ao rio Leça, em Pidre e junto ao ribeiro Pisão, que possuem ainda uma dimensão considerável. Os campos agrícolas encontram-se ocupados com os prados de Inverno, milho, hortícolas e vinha em ramadas, podendo observar-se, em alguns locais, silos de armazenagem de milho.

No quarto troço, nas freguesias de Alfena e Ermesinde, são de destacar a vinha, em alguns locais instalada em bardos, e os prados de Inverno. Junto ao Leça, existem campos cultivados e pequenas hortas, compostas principalmente com hortícolas (em grande quantidade, para vender), como cebolas,

couves-tronchuda, nabos, etc., com bordaduras constituídas por ramadas de videiras. Surgem também as árvores de fruto dispersas, como nespereiras, macieiras, castanheiro e oliveiras, assim como loureiros. Aqui, podem ser observados alguns terrenos agrícolas abandonados. Em Alfena, desagua no rio Leça a Ribeira de Cabeda. Em Milheirós e Águas Santas, a ocupação dominante do solo agrícola é as pastagens de Inverno para alimentar a vacas estabuladas, tendo-se mesmo avistado algumas vacas a pastar. Mas também são cultivados morangos, diversas fruteiras como marmeleiros, pessegueiros, nabal, couve-tronchuda, batatas, centeio e, no Verão, milho para fazer silagem para o gado bovino.

No quinto troço, em Custóias, Santa Cruz do Bispo e Guifões, as principais culturas agrícolas são as de forragens para alimentação das vacas que abundam. Vêem-se nos campos grandes quantidades de fardos de palha em rolo. Reconhecem-se estábulos e outros edifícios de apoio à agricultura, começam a aparecer manadas de vacas leiteiras. Surgem fruteiras como laranjeiras, macieiras, pessegueiros, vinha etc., e campos com couves e nabal.

No último troço, mesmo antes dos silos do Porto de Leixões, na margem esquerda do Leça encontram-se parcelas agrícolas utilizadas principalmente como hortas, abundam a couve-galega e a couve-tronchuda no Inverno, assim como prados de Inverno e algumas parcelas de cultivo abandonadas. E mais perto do centro de Guifões surgem campos agrícolas com ramadas de vinha e ovelhas a pastar.

Entre 1981 e 1991, verificou-se a diminuição da população activa na actividade agrícola, evidenciando o carácter residual da agricultura nesta área. Em certos locais, principalmente nos concelhos de Matosinhos e Maia, a adubação excessiva torna-se problemática, nos locais onde a agricultura é mais intensiva, resultando situações de poluição. Em termos de pecuária, é nestes concelhos que os efectivos de gado bovinos, ovino e caprino mais contribuem para a produção anual de azoto e fósforo, sendo o gado bovino o que provoca maior poluição. (INAG, 2000).

No concelho da Maia, a principal cultura agrícola cultivada é o milho, cultura extremamente produtiva que ocupa boa parte dos terrenos com aptidão agrícola. Encontra-se principalmente nos vales de aluvião, nas margens dos cursos de água. Alguns campos agrícolas surgem compartimentados por ramadas com vinha. Existe um património construído riquíssimo associado à agricultura constituído por celeiros, espigueiros, muros de compartimentação, casas rurais, etc., com maior expressão nas freguesias mais rurais do concelho. Também ocorre vegetação de bordadura de campos agrícolas com cerca de 17,7 km de comprimento ([www.ambiente.maiadigital.pt](http://www.ambiente.maiadigital.pt)).

A serra da Agrela encontra-se florestada predominantemente com culturas de eucalipto e, em alguns locais, com pinheiro-bravo. São, no entanto, significativas as áreas de matos, constituídas principalmente com urzes e tojos, que na altura da floração criam tapetes cor-de-rosa e amarelo que cobrem a serra. Em

locais mais abrigados, surgem bosquetes de sobreiros e carvalhos-alvarinhos que resistiram ao plantio intensivo de eucalipto. A acácia arbórea e a mimosa surgem principalmente junto da rede viária. A nível de estrato arbustivo, além do tojo (*Ulex europaeus*) e das urzes (*Erica sp.*), surgem também o *Cistus salvifolius*, carqueja (*Pterospartum tridentatum*), a giesta (*Cytisus sp.*) e a *Calluna vulgaris* e o medronheiro (*Arbutus unedo*), entre outras espécies.

Na margem direita do Leça, na cumeada arborizada que ladeia as freguesias de Carreira de Santiago, Lamelas e Água Longa, as encostas encontram-se ocupadas principalmente com plantações de eucalipto e pinheiro bravo e eucalipto com regeneração de após fogo. No entanto, nos locais de contacto entre áreas florestais e agrícolas, em sítios onde ocorre a convergência de linhas de água, com solos mais profundos, observa-se o aparecimento de carvalhos, sobreiros e outras espécies de folhosas.

No concelho de Santo Tirso, actualmente está em processo de constituição a Zona de Intervenção Florestal do Vale do Leça, com uma área de 2 077 ha, abrangendo as freguesias de Água Longa, Agrela, Lamelas, Guimarei, S. Tiago da Carreira e Santa Cristina do Couto ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

A partir de Alfena, e nos restantes troços do rio Leça, os espaços florestais existentes resumem-se a pequenas manchas ocupadas com eucaliptos e pinheiros-bravos, disseminadas na paisagem mais urbana e industrializada, ocupando essencialmente o cume de pequenas elevações e encostas com maior declive e, por vezes, compartimentando parcelas agrícolas.

Durante o Antigo Regime, havia estaleiros de navios nas duas margens da foz do rio Leça, cujo maior era o de Leça. As boas madeiras das árvores centenárias das matas do Balio de Leça e do bispo do Porto, em Santa Cruz, eram importantes recursos para a construção dos navios (Serén & Fonseca, 1998).

Segundo estatísticas da Direcção Geral dos Recursos Florestais (DGRF), acerca das áreas ardidas em incêndios florestais (em povoamentos e matos) desde 1999 até 2006 inclusive, as freguesias da bacia do rio Leça com maior expressão florestal tiveram os seguintes valores:

Freguesia	Área ardida total de povoamentos (ha)	Área total ardida (ha)	Anos excepcionais
Monte Córdova	449,7	570,6	Em 2002 e 2005 arderam respectivamente 122,6 e 156,5 ha de povoamentos florestais
Carreira de Santiago	44,5	69,7	-

Lamelas	1566,3	1849,8	Só em 2000 arderam 1522,2 ha de povoamentos florestais
Refojos de Riba d'Ave	305,6	359,3	Só em 2005 arderam 258,1 ha de povoamentos florestais
Reguenga	59,5	83,5	-
Agrela	82,2	100,7	-
Água Longa	83,8	108,6	-
Alfena	156,9	279,8	Só em 2005 arderam 117,4 ha de povoamentos florestais
Ermesinde	13,8	90,9	-

Quadro I – Áreas ardidas de povoamentos florestais no período 1999 – 2006 (Fonte: [www.dgrf.min-agricultura.pt](http://www.dgrf.min-agricultura.pt))

## Património Cultural

Na área da bacia do rio Leça, existem diversos valores e bens patrimoniais, com várias tipologias, funcionalidades distintas e derivados de diferentes períodos históricos, que se distribuem por toda a área da bacia. Como elementos associados a esta linha de água são de referência aqueles que se encontram relacionados com o aproveitamento hídrico, como é o caso das azenhas (INAG, 2000). Todos estes elementos constituem marcas da história da relação humana com o rio, das suas interações e o modo em como o Leça foi sendo aproveitado, usado e caindo no abandono.

Na área pertencente à bacia do rio Leça, foram encontrados vestígios de vários períodos, nomeadamente da presença celta ou celtibérica, com povoados desde o bronze final (sendo exemplo o Castro de Guifões, também conhecido como Monte Castelo); do período castrejo (desde o bronze final até à idade do ferro), marcado pelos castros, mineração e a actividade agro-pastoril; romanização, com a ocupação dos castros, exploração mineira, vias de comunicação construídas e marcos deixados; período românico, com igrejas, pontes e casas torre; período gótico, em elementos como a Igreja de Leça do Balio; período Barroco, presente em solares, paços e outras edificações. Ocorrem também elementos de património de arqueologia industrial, casa de brasileiros e elementos de arquitectura moderna, com relevância para o concelho de Matosinhos. *“Em toda a área o património cultural estende-se muito para além do edificado sendo notável o património etnológico, musical, literário, paisagístico e gastronómico”* (INAG, 2000).

O **Castro do Monte do Padrão** encontra-se no cimo do monte com o mesmo nome, sendo composto por dois núcleos: um mais pequeno (a Sudoeste) e um de maior dimensão (a Norte). A ocupação do local

remonta ao Bronze Final (Século IX a.C.), tal como verificado noutros locais similares do Noroeste de Portugal. Um primeiro núcleo populacional terá evoluído para um castro da Idade do Ferro, do qual subsiste, bem conservada e visível (principalmente a Sul e Leste), a primeira linha de muralha, que defendia a plataforma superior, bem como vestígios de mais duas linhas, detectáveis pelos taludes artificiais. No topo aplanado do monte, observam-se estruturas do período castrejo, nomeadamente casas circulares com ou sem vestíbulo, numa área de grande dinâmica urbana, evidenciada pela sobreposição de estruturas ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)). Este é considerado como um dos grandes castros do Entre Douro e Minho, estando classificado como Monumento Nacional, desde 1910.

*"Neste período o castro de Monte Padrão integraria um vasto território definido pela serra da Agrela a Oeste, o rio Ave a Norte e o rio Leça e a serra de Valongo a Sul a que corresponderia a unidade gentílica dos Fiduenae, cujo povoado nuclear seria a Citânia de Sanfins – Paços de Ferreira"* ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

No decorrer do processo de romanização, foi erguido um edifício de tipo *domus*, bem como grandes construções rectangulares a norte. A casa tinha um peristilo, um amplo pátio lajeado quadrangular, rodeado por um porticado, para o qual se abriam diversos compartimentos rectangulares. A Norte deste edifício, existiam amplos compartimentos, provavelmente associados ao núcleo residencial ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

*"Em época romana o castro de Monte Padrão, implantado sobre a via romana secundária que ligava o Porto (Cale) à via de ligação de Braga (Bracara Augusta) a Mérida, em S. João da Ponte, Guimarães, passando por S. Martinho do Campo, onde se conserva uma ponte sobre o rio Vizela, terá conhecido um amplo desenvolvimento que actualmente é visível devido à grande amplitude espacial da área ocupada pelos vestígios deste período"* ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

Situado a uma altitude de 413 metros, de onde é visível uma ampla secção do vale do Ave e numerosos e férteis alvéolos, bem como a planície fluvial do rio Leça. Este Castro serviria não só para controlar a navegação fluvial, como também um corredor terrestre, que ligava Cale à zona nuclear dos Bracari ([www.castrenor.com](http://www.castrenor.com)).

A ocupação medieval deste local também foi importante, no contexto da cristianização no Noroeste, existindo uma ligação à presença de S. Rosendo, figura emblemática do período da Reconquista. Ainda se encontram, perto da entrada Leste deste conjunto, os alicerces de uma capela alto-medieval, dedicada a este santo, assim como de um edifício posterior baixo-medieval. A necrópole que rodeia os caboucos destas construções data deste período, sendo composta por sarcófagos formados por lajes de granito e tampas, associada a um considerável espólio cerâmico medieval ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

A Câmara Municipal de Santo Tirso tem vindo aqui a desenvolver acções de conservação e restauro, complementadas pela escavação de novos sectores, estando o numeroso espólio recolhido neste local

depositado no Museu Abade Pedrosa, onde se podem observar os elementos mais expressivos ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

O castro encontra-se envolvido por uma área florestal, composta predominantemente por sobreiros, podendo, no entanto detectar-se alguns pinheiros-bravos. Junto ao percurso pedonal que dá acesso ao castro, encontra-se a capela da Senhora do Padrão e um cruzeiro.

O **Castro de Guifões** localiza-se na margem esquerda do estuário do rio Leça, numa colina chamada Monte Castêlo. É considerado como uma das mais importantes estações arqueológicas da Idade do Ferro e período de Romanização, existentes na Área Metropolitana do Porto. Deverá ter sido ocupado até ao século IV – V d.C., tendo sido reocupado pontualmente durante a Idade Média ([www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt), [www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt), [www.matosinhoshoje.com](http://www.matosinhoshoje.com)).

Este era um povoado rodeado por três muralhas. Actualmente, encontra-se num elevado estado de degradação, sendo apenas visíveis algumas pedras, entre as silvas e mato que se foram acumulando neste local. No entanto, são referidos vestígios dos arruamentos e edifícios, sendo um deles, "*de planta rectangular, com piso em barro e possuindo um lareira com lastro em tijolos assentes horizontalmente, conservava in situ, numa parede, um silhar com insculpturas apresentando um tetrásceles constituído por serpentes geminadas como tema decorativo principal*", provavelmente tratando-se de um santuário. Foram também encontrados um *abse* e fuste de coluna, num outro edifício, podendo tratar-se de um templo romano. Na encosta, foram descobertas edificações de planta circular e rectangular, com pátio lajeado, tendo-se verificado vestígios de posteriores ocupações do local. Em baixo, tinham também, em escavações realizadas anteriormente (em 1960), sido encontradas construções de planta rectangular, com pátios e arruamentos lajeados, parecendo estar organizadas em bairros. Perto deste local, foi encontrado um forno cerâmico de tijolo, embora já não restem vestígios deste achado. Do outro do lado do outeiro, foi também descoberta uma necrópole, que já foi destruída, podendo aqui ter existido, em tempos, um castelo medieval, do qual não restam vestígios, apesar de terem sido aqui encontradas algumas peças de cerâmica ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

A presença abundante de fragmentos de cerâmica à superfície despertou, desde muito cedo, a curiosidade popular e científica sobre este local. Desde finais do séc. XIX, que vários arqueólogos, como Leite de Vasconcelos, Martins Sarmento, Rocha Peixoto e Carlos Alberto Ferreira de Almeida se debruçaram sobre este local ([www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)). Os materiais recolhidos no Castro de Guifões encontram-se actualmente no Instituto de Antropologia da Universidade do Porto (Instituto Mendes Corrêa) (Cleto *et al*, 1999).

O seu acesso faz-se através da Rua de Monte Castelo, que rodeia o monte com este nome. Perto do castro, encontra-se o rio Leça, já no seu percurso final, antes de desaguar no Oceano Atlântico. O estuário do rio Leça era considerado como um porto de abrigo natural, devido à existência de uma série

de rochedos junto à sua foz. Antes da construção do Porto de Leixões, o rio Leça era navegável até ao Monte Castelo, tendo este povoado tido funções provavelmente relacionadas com a exploração de recursos litorais, funcionando como um importante porto de comércio fluvial e marítimo, e “porta de entrada” de produtos na região e sua redistribuição ao longo da bacia do Leça. Ao longo do Rio Leça, situavam-se alguns povoamentos de grande importância: Castro de Monte Padrão (em Santo Tirso) e a Citânia de Sânfins (em Paços de Ferreira), perto da nascente do rio Leça (Cleto, *et al*, 1999). Perto do Monte Castelo, situa-se um local cujo nome é “Porto Mouro” ([www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt), [www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt), [www.matosinhoshoje.com](http://www.matosinhoshoje.com)).

A envolvente do Castro de Guifões encontra-se ocupada por terrenos agrícolas (junto ao rio, no sopé do Monte Castelo) e floresta (onde se encontra uma zona de treino de tiro). As poucas habitações que aqui existem encontram-se bastante degradadas, possuindo anexos. Do lado oposto do rio, encontram-se os silos da Silopor. No cimo do Monte Castelo existe um restaurante e o campo de tiro, possuindo este local uma grande visibilidade, que abarca desde o Porto de Leixões e o Oceano Atlântico até à Maia. O monte encontra-se florestado, sendo as principais espécies existentes o eucalipto e a acácia. Neste local, apesar de, na zona junto ao castro de Guifões e habitações próximas, a vegetação ripícola ser quase inexistente, na área a montante, esta vegetação ribeirinha ainda se encontra relativamente bem conservada. O Monte Castelo possui também um importante património faunístico.

De modo a preservar o património existente neste local, foi desenvolvido, pela Câmara Municipal de Matosinhos, o projecto “Animação e Valorização Pedagógica do Monte Castelo”, com a criação de trilhos pedestres, possuindo infra-estruturas de apoio e papéis explicativos. Foram editados desdobráveis, assim como outro material de apoio e divulgação (Cleto *et al*, 1999).

Ao longo, da Bacia do Leça, são visíveis importantes elementos de **património arquitectónico**, tanto religioso, visível nos Mosteiros, Basílicas, Igrejas e Capelas, como também no vasto número de quintas que se encontram nas áreas mais férteis.

A **Basílica de Nossa Senhora da Assunção**, localizada no alto de Monte Córdova, constitui um elemento marcante na paisagem da bacia do Leça em Santo Tirso. Foi projectada por Ernesto Korrodi, em 1910, numa encomenda por parte da Irmandade da Nossa Senhora da Assunção, para substituir a Capela Velha, que tinha sido edificada em 1901, na encosta deste monte. O edifício, de planta em cruz grega, possui um estilo romano-gótico com elementos neo-românicos, como rosáceas, a banda lombarda na fachada e as grandes torres e contra-fortes. No interior, existe uma imagem de Nossa Senhora da Assunção, da autoria de João da Fonseca Lapa, que se encontrava na capela velha.

Em redor da Basílica, existe um adro pavimentado, onde a ampla bacia visual permite ver Santo Tirso e o Monte Padrão. O monte encontra-se fortemente arborizado, dominando, a Norte e a Nascente, as acácias arbóreas e alguns *Acer platanoides* (espécies de comportamento invasor), estando o estrato herbáceo

coberto por erva-da-fortuna (também exótica e invasora), enquanto a Sul e Oeste, surgem nas encostas sobreiros, carvalhos e outras folhosas de bom porte. Na envolvente, existe um bar de apoio aos visitantes da Basílica, assim como um restaurante e loja de recordações. O espaço encontra-se também equipado com sanitários públicos. Acima da capela, junto aos afloramentos rochosos existentes, encontram-se algumas mesas e bancos de piquenique, em granito.

Descendo o monte em direcção a Santo Tirso encontra-se a **Capela Velha**, onde existe um parque de merendas com mesas e bancos em granito, numa área onde pontuam grandes plátanos. Esta capela encontra-se integrada no edifício que actualmente funciona como restaurante.

No dia 15 de Agosto, realiza-se uma procissão em honra da padroeira ([www.jf-montecordova.pt](http://www.jf-montecordova.pt)), que vai desde a Capela Velha até à Basílica no alto do Monte Córdova. Antes a procissão iniciava-se em Santo Tirso.

A **Capela de Santa Luzia** localiza-se em Monte Córdova, situando-se num largo com pavimento em cubo de granito. O edifício, construído em granito, apresenta duas datas assinaladas: 1672 (acima do pórtico) e 1865 (numa coluna do alpendre). Atrás da capela, existem algumas oliveiras de bom porte e à frente surge um cruzeiro em granito. ([www.e-cultura.pt](http://www.e-cultura.pt)).

A **Capela de S. Gonçalo**, localizada no lugar da Costa em Monte Córdova, situa-se a meia-encosta, virada a Norte, numa área de povoamento disperso, sobranceira ao vale agrícola do rio Leça, de onde se tem uma vista privilegiada e se deslumbra o cume arborizado que separa as duas nascentes do Leça que se vão juntar mais abaixo. É um edifício setecentista de planta rectangular, com uma nave única e fachada com remate em empena truncada por sineira de ventada em arco. Encontra-se isolada junto a uma confluência de caminhos, possuindo, em parte, o adro sobrelevado com muros de suporte ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)). Nas proximidades, os campos estão todos cultivados, possuindo vinha e algumas fruteiras nas bordaduras, assim como medas de palha de milho. Existem algumas casas de granito antigas, quer na envolvente da capela, quer nas encostas. Relativamente perto, há uma pedreira em exploração.

A **Capela da Senhora do Padrão** situa-se isolada na encosta Sul do Monte Padrão, na subida para o Castro de Monte Padrão, em Monte Córdova. Possui um alpendre com três arcos perfeitos (um frontal e dois laterais), possuindo defronte um cruzeiro. O adro é em terra batida. Esta capela, dedicada ao Senhor Jesus do Padrão, data de 1738. Internamente, encontra-se decorada com várias pinturas, tendo no tecto uma cobertura em madeira feita de caixotões cuidadosamente trabalhados. Conserva uma antiga imagem de Cristo Crucificado, em granito policromado ([www.minhaterra.com.pt](http://www.minhaterra.com.pt)). Diz a lenda que esta capela marca o lugar onde esteve implantada a antiga Igreja e Mosteiro beneditino de Monte Padrão ([www.e-cultura.pt](http://www.e-cultura.pt)).

A **Capela de Nossa Senhora das Valinhas**, em Monte Córdova, constitui um edifício de planta rectangular, constituída pela nave, alpendre, sacristia e capela-mor que, ao fundo, possui um tríptico sobre tela representando Nossa Senhora da Misericórdia, em madeira dourada, da autoria de Avelino Leite. Trata-se de um imóvel classificado de interesse concelhio. Esta pequena capela, remonta pelo menos ao séc. XVIII tendo, no início do séc. XIX, o escritor Alberto Pimentel referido a famosa romaria, que todos os anos se realizava a 8 de Setembro ([www.geocaching.com](http://www.geocaching.com)). Actualmente, realiza-se aqui uma romaria no segundo Domingo de Setembro, revelando a procissão bastante interesse etnográfico. Inserido no parque encontra-se um coreto em granito e um cruzeiro. O cruzeiro, de granito, assente sobre dois degraus apresenta inscrita a data de 1879. No cimo, apresenta uma esfera cortada por uma cruz latina, com as iniciais N.R.

A **Capela do Senhor dos Aflitos**, em Refojos, é uma capela alpendrada maneirista, de nave rectangular e alpendre frontal assente em colunas de capitel toscano, porta de lintel recto com remate em cornija. A sua construção data do século XVII. É de realce a cruz latina com imagem escultórica de Cristo de carácter popular, sobre a cornija da porta, destacando-se, no interior, os painéis pintados do retábulo-mor, contrastante com o carácter popular conferido pela pintura a azul e branco dos elementos arquitectónicos do mesmo ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

Na encosta voltada para o vale do rio Leça, situa-se a **Igreja de Refojos**, cujo orago é São Cristovão, existindo mesmo uma imagem do santo num nicho esculpido na frontaria da Igreja. No adro, encontra-se um túmulo em granito constituído por duas peças: a caixa e a tampa, a qual tem um brasão de armas gravada na face superior. Fronteiro ao adro, há um mirante quadrado, revestido de azulejo. Logo acima da igreja existe um espaço arborizado, cuja espécie predominante são as tílias, com um pequeno coreto e, na parte superior, um cruzeiro, orientado para a capela do Senhor dos Aflitos.

A **Capela da Casa do Casal**, em Refojos, situa-se na Quinta da Casa do Casal, uma propriedade privada, muito perto da igreja de Refojos (Lamy, 1987). Entrando no portal do pátio exterior que dá acesso aos edifícios, situa-se à esquerda, tendo, do lado oposto, um fontenário.

A **Capela da Ermida de Santo António** localiza-se em Lamelas, num pequeno carvalhal (Santo Tirso, 1990). Esta ermida em granito, actualmente em ruínas, não possuindo telhado, encontra-se numa pequena cabeceira, de onde se tem uma ampla vista sobre o vale do Leça. A ermida, o cruzeiro defronte e a envolvente estão invadidos por matos e fetos. Do lado esquerdo, existe um pinhal e, mais abaixo, algumas habitações.

A **Capela de Nossa Senhora das Dores (Reguenga)**, situada na encosta Leste da freguesia, possui uma ampla escadaria e uma pequena arborização, de onde se pode observar o casario e o extenso vale do rio Leça ([www.minhaterra.com.pt](http://www.minhaterra.com.pt)). Ocorre aqui uma romaria no primeiro Domingo de Setembro.

Subindo a rua da Bela Vista, obtém-se uma ampla visão sobre o vale do rio Leça e chega-se à **Capela da Senhora das Dores**, na encosta, que possui uma escadaria frontal, ladeada por dois cruzeiros de cada lado. A capela é em granito, com dois miradouros em frente ao adro. Aqui, existe um espaço relvado, com alguns bancos de granito, com tílias, um carvalho alvarinho e acácias arbóreas. Na envolvente da capela, encontram-se pequenas e estreitas leiras, estando algumas cultivadas com vinha, batatas e hortaliças e habitações dispersas.

A **Capela e cruzeiro das Alminhas de Pidre** (em Água Longa) possuem uma envolvente rural, estando situadas numa zona de povoamento disperso, envolvida por terrenos agrícolas e florestais do vale do rio Leça. A capela é um edifício oitocentista de planta rectangular, com fachada principal com porta de arco de volta perfeita e remate em frontão de lanços com alminhas em painel pintado. Está isolada e envolvida, em parte, por um muro rústico. O cruzeiro, de pedestal e cruz de braços de secção quadrada, localiza-se ao lado da capela, junto da sua fachada posterior ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)). As Alminhas, que possuem de grande dimensão, e o cruzeiro localizam-se perto do acesso à A-41, na rua das Alminhas.

**Capela e cruzeiros (Agrela), capela da Sr.<sup>a</sup> da Guia e três cruzeiros** fronteiros que ficam num pequeno largo sobrelevado na rua do Peso. A capela de traça simples está virada para Sul e tem defronte três cruzeiros em granito, o adro é parcialmente empedrado em cubinhos de granito e possui alguns bancos de granito, sendo o restante espaço relvado com oliveiras adultas dispersas e outras plantas ornamentais.

**Capela N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Lurdes (Água Longa)**, foi construída no início do século XX e retrata a vida da santa e as suas aparições ([www.anafre.pt](http://www.anafre.pt)), situa-se perto da EN 105, na rua a que dá o nome, não possui adro nem acesso empedrado, e a envolvente da capela está cheia de ervas, na frente imediata está um stand de automóveis e tem algumas habitações muito próximas.

**Capela de São Lázaro (Alfena)**, segundo estudos antigos, existiram neste local duas capelas, uma em cada margem do rio Leça. Na margem sul, existia a de S. Lázaro e na margem norte, a capela da Sr.<sup>a</sup> dos Remédios. Actualmente só existe a capela da margem norte, que é designada por Capela de S. Lázaro (apesar de ser a antiga capela da Sr.<sup>a</sup> dos Remédios) e que possui as imagens de S. Lázaro, da Sr.<sup>a</sup> dos Remédios e de S. Gonçalo. Sendo S. Lázaro o padroeiro dos leprosos, e o facto de a capela ser de frontaria aberta indicia que fosse uma capela de peregrinação ( [www.geocities.com](http://www.geocities.com)), capela da Sr.<sup>a</sup> da Ponte ou dos Remédios (actual capela de São Lázaro, já existia em 1623) (Santos, 1984)

**Capela da Sr.<sup>a</sup> do Amparo (Alfena)**, já existia em 1623 (Santos, 1984), é setecentista de média dimensão e de assinalável interesse e beleza artística ( [www.freguesiadealfena.pt](http://www.freguesiadealfena.pt)). A capela da Senhora do Amparo e o **calvário** de Transleça situam-se numa encosta na margem esquerda do rio Leça, de onde se obtém um amplo panorama do vale do rio, quando este entra na freguesia de Alfena, no concelho de

Valongo. O adro da capela tem piso em cubos de granito, e canteiros com oliveiras adultas. Antes de chegar à capela encontram-se alguns cruzeiros da via-sacra, terminando mais acima com um conjunto de cruzeiros perfilados. Nas proximidades da capela, no vale agrícola, destaca-se a vinha, instalada em bardos, e os prados de Inverno. Também existem algumas árvores de fruto dispersas, como nespereiras, macieiras e castanheiros. Nesta zona o rio Leça apresenta uma galeria ribeirinha jovem e algo descontínua.

**Calvário da Costa (Alfena)**, situa-se numa encosta na margem esquerda do rio Leça, muito perto da ponte de São Lázaro, de onde se obtém uma ampla visão para o vale do rio. Está inserido num pequeno espaço ajardinado com algumas árvores, com alguns bancos de madeira e que forma um pequeno largo com forma triangular.

**Calvário de Aldeia Nova (Alfena)**, que data de 1733 ([www.freguesiadealfena.pt/](http://www.freguesiadealfena.pt/)), situa-se no cimo de uma encosta virada para o rio Leça. O espaço onde está inserido foi alvo de recuperação, com criação de um passadiço central e degraus em granito num espaço relvado, onde do lado esquerdo foram plantadas laranjeiras e do lado esquerdas oliveiras, as construções abaixo do calvário impedem o avistamento do Leça.

**Capela de São Miguel-o-Anjo (São Pedro Fins)**, era utilizado como farol pelos pescadores de Matosinhos, os quais realizavam uma festa no 1.º domingo de Julho, em honra do Anjo, de modo a agradecer a sua protecção (ainda hoje se realiza) (Maia, 2004). A Capela de São Miguel-o-Anjo encontra-se no ponto mais alto (255 metros) do monte de São Miguel-o-Anjo, que é o ponto mais alto do concelho da Maia. A rua de acesso é em paralelos de granito e o adro da capela é empedrado, com canteiros de tilias e outras folhosas. A capela está virada para Oeste, existindo na sua proximidade um posto de transformação da rede eléctrica e um marco geodésico. Possui no exterior um cruzeiro e uma pequena casa de cera, bem com bastantes bancos em cimento ao longo da amurada que serve de miradouro. Há iluminação pública e caixotes para a recolha de lixo. A área murada e arborizada (com grande variedade de plantas e árvores) que envolve a capela também é pertença da paróquia, quase todos os dias a capela é aberta, podendo ser visitada, segundo disse a zeladora que estava no local.

**Capela de N.ª Sr.ª da Guadalupe (Águas Santas)**, data de 1633 a construção da primeira ermida de Guadalupe e de 1722 a actual capela (Maia, 2004). É uma capela barroca, composta por nave única e capela-mor rectangulares. O interior é integralmente revestido com pintura mural e as paredes são autoportantes. Está em meio urbano, isolada com adro murado e arborizado, e implantada no alto de um morro, que constitui um miradouro sobre São Mamede, Leça do Balio e Maia. O adro confronta a Este com um terreiro elevado, inclinado e arborizado, através de um muro com duas escadarias nas extremidades. Tem adjacente um parque infantil, diversas mesas e bancos de piquenique em cimento ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

**Igreja de N.ª Sr.ª do Ó (Águas Santas)**, localiza-se na Rua do Mosteiro, na freguesia de Águas Santas, na Maia, é também chamada de Igreja de Santa Maria ou Mosteiro de Águas Santas. Foi fundada pelos Cavaleiros do Santo Sepulcro, antes da formação da nacionalidade (Marques, 2003). É um dos mais insólitos monumentos românicos portugueses, uma vez que a sua forma final, no século XIII, apresentava duas naves, desiguais entre si, caso único no contexto da arte nacional. Em 1874 (conforme inscrição no lado Sul da igreja) foi construída uma terceira nave, meridional em relação às restantes. No interior, a arcada longitudinal desapareceu, para dar lugar a duas arcarias de arco único abatido, que reforçam igualmente a unificação espacial. A igreja de Águas Santas é um caso singular na nossa História da Arte, constituindo um dos poucos exemplos de justaposição de épocas construtivas, por adição de corpos e não pela supressão das partes mais antigas ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

É um edifício composto por vários corpos que lhe foram sendo acrescentados ao longo dos séculos, desde a sua construção, no Século XII, e mais tarde, nos Séculos XII, XIV, XVII e XIX. Recentemente (nos anos 80, 91-92 e 2005), sofreu obras de conservação. Pensa-se que terá aqui existido um mosteiro paleocristão primitivo ou pré-românico, do qual dois capitéis tardo-romanos com folhas de acanto teriam sido usados para a construção do arco triunfal da capela-mor, em finais do Século XI – princípio do Século XII, quando foi também construída uma nave. Em finais do Século XII, a igreja foi ampliada, tendo-se aberto uma nova nave e capela-mor quadrangular. Foi também construída uma torre sineira quadrangular, junto à antiga fachada principal, assim como uma arcaria, com dois arcos, que efectuava a ligação entre as naves. Existem dúvidas quanto à construção desta parte, entre Século XII e Século XIII, quando foi construída a porta principal. No portal lateral Norte, encontra-se uma cruz de oito pontas (da Ordem do Hospital), símbolo dos antigos proprietários da igreja ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). No interior, existem retábulos de talha dourada barroca e neoclássica, dos Séculos XVII e XVIII ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)). Encontra-se classificada como Monumento Nacional, pelo Decreto 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910, ZEP, DG 46 de 23 Fevereiro 1974 ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

A igreja encontra-se encerrada por um muro em granito com gradeamento, que limita o adro. O pavimento é em cubo de granito. Encontra-se rodeada por magnólia solangeanas. No adro, encontram-se cinco sarcófagos monolíticos: quatro antropomórficos e um não antropomórfico; este é o mais recente e apresenta uma cruz gravada na cabeceira e na tampa um tabuleiro de jogo: os outros sarcófagos apresentam tampas de secção poligonal (<http://cultura.maiadigital.pt>).

Em frente, e do outro do lado da estrada, existe uma Fonte de Santa Maria, datada de 1951, assim como um monumento aos combatentes mortos nas ex-colónias. Ao lado, encontra-se o cemitério e, seguidamente, o Parque de Santa Maria de Águas Santas, um espaço pavimentado a cubo de granito, com liquidambares, que serve também de estacionamento.

**Capela de N.ª Sr.ª do Bom Despacho (Maia)**, o culto a Nossa Senhora do Bom Despacho é muito antigo, pelo menos cerca de 1680 já era bastante activo em S. Miguel de Barreiros. A devoção a Nossa Senhora do Bom Despacho, além de antiga era muito abrangente. Para além de funcionar como “advogada” das causas difíceis, ela era ao mesmo modo protectora da «fertilidade», sendo por isso muito da devoção das gentes do campo, mas era também, e sobretudo, protectora daqueles que andavam no mar. Em tempos passados, na Romaria da Senhora do Bom Despacho, na procissão da Senhora do Bom Despacho, o rico andor, majestoso e imponente, era transportado aos ombros de 16 pescadores que desde manhã cedo disputavam a honra de o levar (<http://cultura.maiadigital.pt/>).

**Mosteiro de Leça do Balio**, classificado como monumento nacional, este imóvel medieval é considerado um dos melhores exemplares arquitectónicos existentes no país, de transição do estilo românico para o gótico. Com origem anterior ao séc. X, foi posteriormente (séc. XII) a primeira casa mãe dos Cavaleiros Hospitalários da Ordem de Malta em Portugal. Da construção românica resta apenas, nas traseiras da igreja, uma ala incompleta do claustro, um portal e uma janela com decoração vegetalista. Foi reedificado no séc. XIV, segundo o modelo das igrejas fortaleza. A fachada principal de estilo gótico, com ampla rosácea radiada e rematada por uma cruz da Ordem de Malta, possui torre de menagem de traça românica, coroada de ameias. No interior, dividido em três naves, podemos admirar a capela-mor com abóbada de nervuras, a capela de Nossa Senhora do Rosário ou do Ferro e os túmulos de vários cavaleiros e frades, destacando-se a arca tumular de Frei João Coelho, Grão-Mestre da Ordem, com estátua jacente da autoria de Diogo Pires, o Moço, bem como a pia baptismal, cuja base é decorada por animais exóticos. No exterior, o Cruzeiro é também da autoria do mesmo mestre coimbrão. Foi neste Mosteiro que o rei D. Fernando casou com D. Leonor de Teles ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

Apesar da referência documental mais antiga deste monumento datar do ano de 1003, a fundação deste mosteiro é certamente muito anterior. No séc. XII é doado aos monges-cavaleiros da Ordem de S. João do Hospital, tornando-se assim a primeira sede desta ordem em Portugal. A estrutura gótica do monumento remonta às obras de remodelação e ampliação efectuadas no séc. XIV por iniciativa do Balio D. Frei Estevão Vasques de Pimentel ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

Do mosteiro resta apenas a igreja, de planta cruciforme, ladeada por uma alta torre quadrangular, provida de balcões com matacões, a meia altura e no topo, em ângulo, seteiras, dando à igreja um aspecto de verdadeira fortaleza militar. No seu interior destaca-se, sobre a campa de Frei Estevão Vasques, uma placa de bronze, com diversos motivos decorativos e contendo o epitáfio do defunto em caracteres leoneses. Está classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16.06.1910 DG 136 de 23 de Junho de 1910 ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

Pensa-se que antes teria aqui existido um edifício religioso construído no Século X, embora não existam vestígios desta edificação. Mais tarde, em meados do Século XII, o couto de Leça foi doado, por D. Afonso Henriques, à Ordem do Hospital, tendo no local sido edificado um mosteiro românico, que já não

existe. Na primeira metade do Século XIV, foi então construído o edifício hoje existente, através de Fr. Estêvão Vasques Pimentel, que se encontra sepultado diante do altar do Mosteiro ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

O edifício apresenta três naves, organizadas em cinco tramos, sendo dividida por pilares largos. Possui uma cabeceira tripla, sendo a capela-mor mais profunda que os absidiolos. As naves encontram-se cobertas com madeira e as ogivas da cabeceira apresentam um abobadamento em cruzaria ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt))

No exterior, apresenta merlões em volta do edifício, um caminho de ronda e um balcão defensivo sobre o portão principal. A fachada principal é ladeada por uma torre imponente ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Constitui uma construção gótica, embora aparente duas correntes artísticas distintas: *"o esquema palmétrico e volumétrico mendicante aplicado às igrejas"* e *"a máscara de fortificação e de poder que caracteriza exteriormente o edifício"* ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Trata-se de uma igreja fortificada (ou uma igreja fortaleza), possuindo um duplo carácter militar e religioso. Em volta do edifício encontra-se o adro lajeado e ajardinado, onde se encontram várias sepulturas antropomórficas, assim como pedras esculpidas. Na sua envolvente, encontram-se o cemitério e construções particulares. A Sul, encontra-se o Cruzeiro de Leça do Balio ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

**Capela de Santana (Leça do Balio)**, no Parque de Santana, um vasto espaço arborizado, dominado por plátanos e com uma pequena capela, realizam-se três grandes feiras anuais, famosas em toda a região e que mergulham fundo as suas raízes no ambiente rural aqui dominante até há bem poucos anos. A 19 de Marco há a Feira de S. José ou «das Árvores», por muita considerada, durante anos, como *«a mais agrícola das feiras do Norte»*. Ao terceiro domingo de Julho a padroeira é Santana, mas a feira é popularmente designada «das Sementes». No primeiro domingo de Outubro, S. Miguel apadrinha a «Feira das Nozes». Além destas, também há uma feira semanal às sextas-feiras (<http://jf-balio.pt/>).

**Capela de N.ª Sr.ª Mãe dos Homens (Moreira da Maia)**, data de meados do século IX, e festeja-se no último domingo de Setembro (Maia, 2004)

**Capela do Senhor dos Amarrados (Moreira da Maia)** (Lencart, 1999) inserida em meio urbano, em posição isolada sobre plataforma elevada arborizada e relvada, nas proximidades do Convento de Moreira e do Padrão de Moreira. A construção da capela data do século XVIII, de estilo barroco, de planta quadrangular, cobertura de barrete de clérigo com lanternim e fachada principal decorada com vocabulário barroco ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

## Núcleos históricos, rurais e outro património

**Centro histórico de Santa Luzia (Monte Córdova)**, numa área agrícola, na proximidade de antigas casas de lavoura de bela arquitectura, com muros de granito perto da capela de Santa Luzia. Na descida para o vale encontra-se um pequeno moinho mesmo antes de chegar aos campos agrícolas. Aqui já surgem esporadicamente algumas árvores ripícolas e existe mesmo uma estreita ponte de lajes de granito de acesso aos campos agrícolas da outra margem.

**Jardim das Oliveiras (Monte Córdova)**, a igreja matriz de Monte Córdova está rodeada de oliveiras, algumas tílias e ciprestes, e mais abaixo encontram-se cinco frondosas oliveiras com um pequeno espigueiro em ripas de madeira e cobertura de telha a decorar um pequeno espaço verde, que é conhecido por **jardim das oliveiras**.

**Casas do lugar de Pidre (Água Longa)**, algumas **casas de Pidre** são notáveis, casas de xisto mas de cantarias em granito nas portas, janelas e esquinas. Perto do rio Leça encontram-se as ruínas de alguns moinhos.

**Monte de S. Brás (Santa Cruz do Bispo)**, encontra-se na Rua de São Brás, próximo da Quinta de Santa Cruz do Bispo. Uma estrada secundária leva ao cimo do Monte, onde se localiza o **"Homem da Maça"**, uma escultura em granito de um homem e um animal deitado ao lado. Estas duas estátuas encontram-se protegidas por um gradeamento em metal. Junto e, mesmo no alto, envolvido pelos afloramentos rochosos, encontra-se um cruzeiro.

*"...Homem da maça, tosca escultura de granito, representando um varão de estatura possante. Sua significação e proveniência ignora-se. O vestuário parece eslavo. Dir-se-ia uma sugestão escultórica do vulto de Tolstói, na fase final da velhice."* (FCG, 1983)

Em redor, existem várias mesas com bancos, em granito, sendo também aproveitada a rocha que foi talhada para servir de banco. Mais abaixo, foram já colocadas novas mesas com bancos em cimento e madeira. Existem caixotes do lixo espalhados pelo local. Umas escadas em calçada de granito, ladeadas de mimosas conduzem ao sopé do monte, onde se localiza a **Capela de Nossa Senhora do Livramento e de S. Brás**. Em redor da capela, existe um amplo espaço com prado e árvores. Perto, situa-se uma habitação onde vive uma pessoa responsável pela capela. Umas escadas à frente à capela descem até à estrada, enquanto, lateralmente, existe uma pequena ponte pedonal que, atravessando a via rodoviária, passa para o espaço onde se localiza a **capela de S. Sebastião**. Atrás desta capela, existe um patamar sobre o rio Leça, mas devido à vegetação existente, quase não é possível avista-lo. Em baixo, localiza-se o moinho da Pinguela.

A festa de Nossa Senhora do Livramento e de S. Brás ocorre no fim-de-semana antes do Carnaval. Apesar do bom estado de manutenção do espaço e dos equipamentos existentes, a visita a este

espaço ocorre quase exclusivamente no dia desta festa. Umas escadas em madeira e saibro conduzem desde o topo do monte, onde se localiza o cruzeiro e o homem da maça, até às capelas por um percurso lateral na mata, onde predominam as espécies eucalipto e acácia. Este espaço pertence à Junta de Freguesia de Santa Cruz do Bispo, estando a manutenção a seu cargo.

Num dos muros, encontra-se uma placa onde se encontra inscrito um poema de António da Silva Rocha, de 1966:

*"Ó Monte de S. Brás*

*Miradouro de Santa Cruz*

*Fazes-me lembrar o Calvário*

*O sofrimento de Jesus.*

*Pois só nas horas de angústia*

*Nas horas de amargura*

*Me lembro de ti – Ó Monte*

*Da tua fresca verdura.*

*Lugar de refúgio e amor*

*De solidão e ternura*

*Onde melhor se vê fugir a vida,*

*Vida amarga, de pouca dura,*

*Meu Monte, meu querido Monte*

*- Companheiro de estudante*

*E onde versos fiz, ó se os fiz!...*

*Cabeça louca – Pobre amante...*

*E foram tantas as vezes que em ti encontrei*

*O amigo mais certo, leal e confidente*

*E quantas? – Ó!... Mas quantas vezes ó Monte*

*Aqui chorei, Chorei somente..."*

**Forte de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Neves (Leça da Palmeira)**, situa-se perto da foz do rio Leça. Trata-se de um edifício em granito, que se encontra envolvido por um espaço relvado, atravessado por um percurso em calçada irregular de granito. Em frente ao forte no relvado, existem grandes âncoras em ferro. Este edifício encontra-se sob alçada da Capitania do porto de Leixões, não sendo possível a sua visita. Junto encontram-se umas alminhas, com a imagem de Nossa Senhora. Neste espaço de enquadramento às alminhas, existe uma área pavimentada com lajes de granito, com bancos em madeira inseridos no muro. O local encontra-se em bom estado de manutenção. Junto à entrada, existe uma área de estacionamento, sendo também possível estacionar junto à rua principal. Na envolvente, existem vários cafés, bares e restaurantes, assim como um farol, o Porto de Leixões e a marina de Leça.

Ao longo de todo o vale do rio Leça, existem quintas, solares e casas brasonadas que merecem particular destaque:

**Casa de Menguela (Carreira de S. Tiago)**, solar oitocentista de propriedade privada com ermida a **N. S.<sup>a</sup> da Vitória**. Em pleno espaço agrícola, existe a Casa de Menguela, junto ao Largo de Menguela, no qual existe um pequeno parque de merendas num espaço ajardinado (inaugurado em 2000) com mesas e bancos de granito, iluminação pública, recipientes para recolha de lixo, com algumas oliveiras adultas dispersas, outras folhosas, uma sebe de buxo e outras plantas de jardim. A casa de Menguela e a quinta encontram quase no abandono, verificando-se a falta de vidros nas janelas, a corrosão no edifício e a invasão de vegetação daninha em redor do mesmo, apenas surgem algumas ramadas de vinha já decrépitas com poda em tornos, mas além do edifício e da capela anexa, são admiráveis os extensos e imponentes muros que rodeiam a quinta.

**Quinta da Granja (Refojos)**, propriedade privada na rua de Ventosela, possui dois portais de granito, num dos quais é visível a data de 1779, e além do portão possui duas janelas laterais, no outro portal existem dois bancos de granito a ladear o portão. Ambos os portais são encimados por uma cruz e quatro pináculos também de granito. Além dos jardins, que rodeiam o edifício com um torreão, destacam-se os pomares de citrinos. Subindo a rua da Fervença tem-se uma vista privilegiada sobre as quintas e o vale do Leça.

**Quinta da Casa do Casal (Refojos)** (Lamy, 1987), na avenida da Igreja encontra-se a **quinta da Casa do Casal** que tem a data de 1781 no portal do edifício principal, a quinta apesar de ser propriedade privada tem fácil acesso e merece ser admirada, quer pelo belo e imponente solar que possui um torreão, quer pela alameda e jardins que possui. O solar tem um pátio exterior, com um jardim geométrico dominado principalmente por camélias, no centro do qual existe um chafariz, do lado direito uma capela e em frente desta um fontenário. Existe outro chafariz, este já dentro do pátio do edifício em forma de U.

**Quinta de Vila Verde (Refojos)**, de propriedade privada na rua de Vila Verde, cuja data de construção é contemporânea à Quinta da Casa do Casal, pois ambas foram construídas por dois irmãos conhecidos por Gil Branco e Gil Preto (Lamy, 1987). A quinta de Vila Verde apresenta um edifício menos imponente mas tem detalhes arquitectónicos como a passagem superior, que cruza a rua e dá acesso à quinta do outro lado, os muros e a ramada curva que cobre a rua e que está apoiada nos altos muros de granito que rodeiam a quinta. Descendo a rua encontra-se do lado direito da rua um enorme espigueiro, suportado por pilares de granito encimados por mós e feito de ripas de madeira com telhado de quatro águas em telha.

**Casa de Santa Eulália (Lamelas)**, propriedade privada na freguesia de Lamelas, na encosta do vale do Leça, encontra-se na rua da Portela a Casa de Santa Eulália e o Fontenário da Portela. A casa que possui na fachada um nicho com a imagem da santa que lhe dá o nome, está junto da rua de onde se tem um panorama para sudeste na direcção do curso do rio Leça. O fontenário encontra-se mesmo em frente da casa de Santa Eulália, a água cai numa pia em granito, saindo pela boca de duas máscaras em metal, existindo ainda uma concha também de metal no meio das bicas, na parte de cima do muro de granito onde está incrustado o fontenário, surge um elemento decorativo em ferro.

**Casa de Cavelos (Reguenga)**, uma quinta privada murada com altos muros de granito e cuja ramada de vinha fronteira à rua é curva, proporcionando um belo efeito. Subindo a rua de Cavelos encontra-se uma represa de água, que aprisiona a água que desce da serra da Agrela, daqui tem-se boa visão para o vale do Leça.

**Palacete Visconde de Cantim (Reguenga)** ([www.minhaterra.com.pt](http://www.minhaterra.com.pt)), na rua Visconde de Cantim, um edifício privado de bela traça, em parte encoberta pelo frondoso jardim que o envolve, o muro exterior possui azulejos e gradeamento em ferro.

**Quinta da Agrela (Agrela)**, quinta agrícola e de recreio de propriedade privada, cuja data provável de construção da casa é a década de 30 do século XX tendo o projecto do jardim sido iniciado em 1940 por Raul Lino que o abandona passando-o a Francisco Caldeira Cabral, o projecto de execução e obra de arquitectura paisagista decorreu de 1944/1958. A quinta está implantada numa cumeada e encostas, é de planta regular composta por duas zonas distintas, a residencial e de lazer, que inclui a casa e o jardim, e a zona agrícola, composta pelos campos e construções de assento da lavoura. Destaca-se pelo agrupamento de elevado número de diferentes tipos de construções rurais, projectados por Caldeira Cabral ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)). A Quinta da Agrela, onde habitou um ministro do reino, Carneiro Pacheco, apresenta um mau estado de conservação, dos muros, edifícios e jardins, mas é notável, principalmente pelo número de edifícios dedicados à lavoura (como é exemplo o celeiro e eira em granito de grandes dimensões).

**Quinta das Telheiras (Alfena)**, *"o portal brasonado marca de forma indelével a entrada da Quinta das Telheiras, majestoso portão, de arquitectura barroca, em arco redondo rematado por armoriado frontão mistilíneo, adornado de pináculos e fogaréus"* ([www.freguesiadealfena.pt](http://www.freguesiadealfena.pt)).

**Quinta do Ribeiro (Alfena)**, *"mais recente do que o da Quinta das Telheiras, o portal oitocentista e brasonado no respectivo tímpano, é também ele um belo exemplar da arquitectura neoclássica. Localiza-se na entrada da freguesia, mais precisamente no lugar do Ribeiro"* ([www.freguesiadealfena.pt](http://www.freguesiadealfena.pt)).

**Villa Beatriz (Ermesinde)**, onde funciona o CMIA (Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental).

**Solar da Quinta da Granja (Águas Santas)**, actualmente é um espaço de Turismo de Habitação Rural (Maia, 2004).

**Quinta de Corim (Águas Santas)**, cujos jardins, escadaria e varandas se presume ser da autoria de Nicolau Nasoni (Maia, 2004).

**Quinta do Chantre (Leça do Balio)**, foi mandada edificar por D. Domingues Barbosa, cônego magistral da Sé do Porto, entre 1732-1736, tendo sido desenhada por Nasoni. Dom Domingues Barbosa ao construir esta casa de campo, teve por objectivo, repouso e descanso, o que foi perfeitamente conseguido, devido á sua excelente localização. Existe um belíssimo portão em ferro da entrada principal, através do qual se pode admirar não só a fachada do edifício, mas também alameda de acesso e os jardins e motivos escultóricos circundantes. A planta da casa é rectangular, apresentando no ângulo noroeste uma capela, a fachada do edifício, bem equilibrada, é dominada por um torreão central que ostenta a pedra dos Barbosa e Albuquerque. Uma elegante escadaria exterior, localizada igualmente no centro da fachada, dá acesso ao andar nobre, onde se abrem diversas janelas e varandas graníticas bem trabalhadas (<http://jf-balio.pt/>).

Pensa-se que seja um projecto de Nicolau Nasoni e que date dos anos 1740, possuindo elementos com parecenças com os observados na Igreja de Matosinhos e Capela da Quinta da Conceição e, mesmo a casa do Dr. Domingos Barbosa, que possui a pedra de armas igual na fachada da casa. A Quinta e Casa devem o nome ao cônego da Sé do Porto, Fernando Barbosa de Albuquerque, que foi Chantre desta Sé, em 1736 ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

Esta é considerada uma das obras mais importantes de Nasoni, integrando o conceito de vila italiana numa área rural dos arredores do Porto, integrando grandes alamedas, que funcionam como "elementos de dinamização do espaço". A habitação possui uma torre no centro e a Oeste uma dependência que efectua a ligação com a capela. A casa surge no alinhamento de uma alameda que a ligava à antiga estrada de Leça do Balio a Barreiros da Maia. Dos eixos diagonais, deriva um pequeno bosque ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)). Encontra-se classificada como IIP (Imóvel de Interesse Público) 95/78, DR 210, de 12 de

Setembro de 1978, com Despacho 26/01/2001, para a reclassificação da Quinta do Chantre, passando a incluir a Alameda das Tílias ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

**Casa de Fafiães (Leça do Balio)**, quinta setecentista, na rua de Santana, com frontaria elaboradamente decorada (Serén & Fonseca, 1998). No extremo da fachada, encontra-se a **capela de Nossa Senhora do Desterro**. Esta quinta foi uma importante e extensa propriedade rural que envolvia grande parte do território do lugar com o mesmo nome, já referenciado em 1258 num texto em latim, onde se pode ler “*militibus faffianis*”. Do conjunto arquitectónico que inclui ainda um tanque, destaca-se a capela de N. Sra. do Desterro. Na sua fachada, salienta-se a porta emoldurada em granito, com umbreiras decoradas com volutas. Sobre a padieira abre-se uma singela janela igualmente emoldurada em granito que remata numa concha (<http://jf-balio.pt>).

**Quinta do Alão (Leça do Balio)**, é seiscentista, embora sejam evidentes as intervenções e acrescentos dos séculos XVII e XVIII, como uma escada e varanda, que acabaram por unir a **Capela de Nossa Senhora Radegunda** ao solar. O edifício tem a forma de T e a capela, construída no século XVII, apresenta uma fachada de linhas simples. Um frontão quebrado é encimado por uma janela com grades, localizado sobre a porta principal desta capela que é rematada, ao centro, por uma pequena torre sineira. Os jardins fronteiros á fachada poente, desenhados por Nasoni, foram construídos nos séculos XVII, XVIII e ainda mais recentemente. No fim dum caminho público, murado, patenteia-se um portão com pedra armorial de granito, coeva da casa de Recarei, com as armas dos Alões, Moraes e Morales (Espanha). Á direita do portal situa-se um outro menos aparatoso e certamente anterior (séc. XVI), com escudo em pedra. A casa, do séc. XVI, existe ainda. O portão nobre data do século XVII (<http://jf-balio.pt/>).

**Quinta do Mosteiro (Moreira da Maia)**, existe registo que em 1060 pertencia ao mosteiro (Marques, 2002).

**Quinta de Santa Cruz do Bispo (Santa Cruz do Bispo)**, situa-se no Largo da Viscondessa, em Santa Cruz do Bispo. Foi mandada construir pelo Bispo D. Rodrigo Pinheiro, entre 1552 – 1572, após a doação da Igreja de Santa Cruz de Riba Leça e as suas propriedades, pela Infanta D. Mafalda, em 1239. O projecto de construção da quinta, que visava a criação de um local de repouso, divertimento e recreio para o Bispado, incluía o bosque, o rio Leça, ramadas, fontes, cascatas, ermidas, capelinhas e elementos escultóricos ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt); [www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Mais tarde, entre 1741 – 1752, realizaram-se intervenções na quinta a mando do Bispo José Fonseca e Évora, tendo o responsável sido Nicolau Nasoni. Estas não foram concluídas devido à morte do bispo ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt); [www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Pela quinta, são visíveis elementos como: fontes, ramadas, cascatas, ermidas, capelas, assim como uma escultura em granito e um portão em pedra de cantaria com as armas do Bispo D. José Fonseca e Évora ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Em 1911, a Quinta foi adquirida pelo estado e, após anos de abandono e degradação,

desde 1939, funciona neste local uma Colónia Penal da Cadeia Civil do Porto ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt); [www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). Em 1977, foi classificada como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 129/77, de 29 de Setembro ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

**Quinta de N. S. da Conceição (Leça da Palmeira, Matosinhos)**, constitui um parque público pertencente à Câmara Municipal de Matosinhos, próximo da foz do rio Leça. Localiza-se entre a Rua de Vila Franca e a Avenida Dr. Antunes Guimarães, possuindo entradas nas duas vias. Na primeira das ruas, a uma cota mais alta, encontra-se um pequeno estacionamento, em paralelo de granito. Uma das entradas a Sudeste liga a uma passagem sob vias rodoviárias, que leva a um espaço circular arborizado, podendo ser percorrida a pé e sendo ponto de passagem para pessoas que praticam jogging neste local. É composta por várias tipologias de espaços, com mata e áreas relvadas, a diferentes cotas, ligados por percursos em calçada de granito irregular. Podem-se contar: a capela, peças de estatuária, fontes, colunas, pórticos e um cruzeiro. Entre os equipamentos existentes, conta-se também a presença de um campo de ténis. Os muros e escadarias em granito, na área mais baixa da quinta, encontram-se em estado de degradação.

*“De quinta monástica (Quinta de N. S. da Conceição) converteu-se em aprazível logradouro público. Além de frondosas alamedas, contém uma excelente piscina e dois courts de ténis. Como sinal da sua antiga condição conserva ainda alguns fontenários de granito, bem lavrados, e uma graciosa capela setecentista.”* (FCG, 1983)

**Quinta de Santiago (Leça da Palmeira, Matosinhos)**, localiza-se junto à Quinta da Conceição, junto ao rio Leça, encontrando-se separada deste pela Avenida Dr. António Macedo. A casa foi mandada construir em 1896, pela família Santiago Carvalho, ao arquitecto veneziano Nicola Bigaglia. Possui um estilo inspirado no gótico, manuelino e românico, integrando também elementos neo-medievais, contendo muitos elementos estruturais e decorativos, com bastante simbolismo ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

Em 1968, a Câmara Municipal de Matosinhos comprou a quinta, que teve obras de recuperação e foi instalado o Museu da Quinta de Santiago (Centro de Arte de Matosinhos), numa adaptação do edifício da habitação, por parte do Arquitecto Fernando Távora ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

*“Uma magnífica vivenda de Leça, também ocupada pelo município por arrendamento, é o palacete de Santiago”* (FCG, 1983)

A área envolvente ao rio Leça era, no passado, pontuada por um grande número de **moinhos**, a maior parte construídos durante os Séculos XVIII - XIX, estando apetrechados de equipamentos para moagem

dos cereais, principalmente trigo e milho, mas servindo também para a aveia e o centeio. Em 1999, existia apenas um único moinho em funcionamento no rio Leça, tratando-se de um dos velhos moinhos do Abade, em funcionamento desde 1802. Pertencente à mesma família durante várias gerações, este moinho fazia a moagem de milho e centeio, não só para empresas de panificação como para particulares, sendo a água do rio a força motriz, sempre que o caudal permitia, apesar de possuir um motor eléctrico. Os restantes moinhos, muitos deles em ruínas, estavam desactivados e abandonados (<http://www.geocities.com>).

*"A água ao bater nas penas do rodízio, fá-lo girar accionando desta maneira a mó que está fixada na extremidade superior do eixo vertical que, na parte inferior, está cravado no centro do rodízio".*(<http://www.naya.org.ar/> ).

Nas margens do rio Leça, existia uma burguesia rural que controlava a produção do pão e das farinhas, dominando um número suficiente de casais e de moinhos, que aprazavam a mais de uma entidade. Por vezes, estas famílias eram as mesmas que, em Aguiar de Sousa (antigo concelho antes da reforma de 1836), em torno do rio Ferreira, controlavam os olivais e os moinhos de azeite, igualmente aforados, neste caso, aos senhores das honras. Esta burguesia era mesmo identificada como "burguesia dos moinhos" (Serén & Fonseca, 1998). Existem referências do século XVIII, ao funcionamento dos moinhos do Leça, muitas vezes durante todo o ano, o que levaria à proibição, da utilização da água do rio Leça para rega das terras agrícolas no Verão, ditada pelos proprietários dos moinhos, o que causaria perdas de rendimento agrícola e logo menor volume de cereais para moagem (Serén & Fonseca, 1998).

Em Santo Tirso, o rio Leça, através do Rego de Frades, da levada de Monte Córdova, mantinha a botica do Mosteiro de Santo Tirso em funcionamento, através do seu engenho (a roda da botica), para abastecer a farmácia conventual. No entanto, em 1842, a botica já estava desactivada. A água do rio Leça devido ao declive punha em acção dezenas de moinhos no caminho até à botica. A água do Rego de Frades era motivo de questões na justiça, chegando algumas delas à Relação, pois o caudal era muitas vezes desviado pelos vizinhos que usavam a água para a rega das culturas agrícolas ou mesmo como simples lavadouro ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

Ao longo do rio Leça, muitas vezes, os moinhos atingiam um elevado número e grandes proporções, existindo vários de dez, doze e quinze pares, e mesmo um de dezasseis, podendo-se falar de verdadeiras unidades proto-industriais. Existem vestígios seguros de 48 moinhos e referências documentais praticamente a outros tantos, que davam trabalho, na altura, a cerca de quatrocentas pessoas apenas no concelho da Maia, número bastante significativo para o total da população que seria cerca de 17 000 pessoas. (<http://www.naya.org.ar>).

A denominada "*Terra da Maia*" (área muito mais abrangente que o actual concelho da Maia) era uma terra fértil. Com o evoluir dos tempos e das técnicas, e usando a força da água, apareceram os moinhos

de maiores dimensões, de utilização "colectiva". Normalmente, os moinhos construídos nos rios eram de utilização sazonal. No Verão, com a diminuição dos caudais, a força da água não era suficiente para fazer movimentar os rodízios, existindo, neste local, várias soluções para o problema, tais como a adopção de um depósito de água com uma saída com um jacto forte (chamada seteira); a construção de pequenos moinhos em pedra, no leito dos rios, protegidos, por vezes, por talhamares, e que, quase submersos no Inverno, só funcionavam no Verão; a combinação entre moinhos de rodízio e azenhas, sendo que a roda da azenha permitia aproveitar caudais mais pequenos (<http://www.naya.org.ar>).

O tamanho dos moinhos variava muito, tendo em conta não apenas o local onde eram construídos, como também o regime em que seriam utilizados, e, sobretudo, a produtividade e a acessibilidade do próprio moinho. A actividade de um moinho baseia-se na força propulsora da água que, impelida contra as penas do rodízio, o fazem girar, sendo esse movimento giratório comunicado ao par de mós através de um sistema algo complexo de um eixo central. Existem duas partes distintas num moinho de rodízio: aquela onde pontificam as mós (parte superior) e aquela onde pontificam os rodízios (parte inferior). Na Maia, predominam os moinhos de rodízio, embora existam de ambos os tipos (<http://www.naya.org.ar/>).

Já na Idade Média, a actividade de moagem era muito importante na "Terra da Maia", como afirma Carlos Alberto Ferreira de Almeida: *"Em todos os aspectos, técnico, económico, social e mental, eles têm um lugar fundamental na vida medieval"*. A grande importância económica do moinho pode demonstrar-se através de um documento de 1102, onde é vendida metade de um moinho em troca um cavalo e dois bois. Em comparação, o valor de um casal regularia por um cavalo e uma casa poder-se-ia comprar apenas por um boi. Já no Foral da Maia, apareciam várias referências a moinhos, no reinado de D. Manuel I, normalmente associados a casais (<http://www.naya.org.ar>).

Nos séculos mais recentes, a fertilidade do solo do concelho da Maia manteve em funcionamento dezenas de moinhos, com importância decisiva para a economia da época. No Inquérito Industrial realizado no Distrito do Porto, em 1855, apareciam registados, no concelho da Maia: 40 azenhas e moinhos de moer cereal, 26 engenhos de linho e dois engenhos de azeite, todos eles utilizando a água como força motriz. Em 1880, já surgem dois moinhos a vapor e, no princípio do século XX, um a gasóleo (<http://www.naya.org.ar>).

Os moinhos mais relevantes que se encontram no curso do rio Leça são:

A **"Serra Hidráulica"**, localizada no lugar de Pereiras (Monte Córdova, Santo Tirso), constitui um edifício pré-industrial de planta regular com dois pisos: o piso térreo possuía sobrado em madeira, encontrando-se instalado nesse espaço o engenho de serrar, e a carreta, para a colocação dos toros de madeira. No piso inferior localizava-se a roda motriz, alimentada pelas águas do rio Leça, que vinham pela levada. Através do pejadouro, cubo de madeira que conduzia a água até à roda motriz, colocava-se a serra em

movimento. Este moinho permitiu o aproveitamento da energia hidráulica das águas do rio Leça para a serração no século XIX e, mais tarde, para a moagem no século XX. Actualmente, a planta do edifício mantém o traçado rectangular, tendo-se criando, no piso térreo, duas áreas distintas: a oficina de serrar (onde se encontra também a roda grande de ferro da moagem), e uma habitação contígua, destinada à moagem (onde se encontram instaladas duas mós). (<http://www.rotanoave.com/>).

Este é um dos últimos vestígios dos ancestrais engenhos de serração de madeiras do concelho de Santo Tirso, e o mais significativo, do grupo de engenhos existentes na freguesia de Monte Córdova. Construído provavelmente no final do século XIX, este engenho é representativo de um modo de produção pré-industrial (<http://www.rotanoave.com/>).

O edifício da Serra Hidráulica, em conjunto com a respectiva máquina, o açude em que está integrada e o canal que a serve, encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)).

**Devesa das Valinhas (Monte Córdova)**, junto da estrada nacional n.º 319, encontra-se logo junto da Rua dos Moinhos, quatro moinhos em ruínas, perfilados junto da levada, subindo a levada encontra-se mais adiante outro moinho em ruínas. Mais acima, antes de outros três moinhos, um dos quais com um tamanho considerável, surge um amieiro de grandes dimensões e no meio dos moinhos encontra-se um freixo de porte majestoso e alguns sobreiros. Mesmos antes de chegar a outros dois moinhos, que estão a par, está um grande choupo em flor (ouviam-se o zumbido dos insectos melíferos) e depois de passar os moinhos, incrustados nas pedras da levada estão grandes freixos, a maior parte de talhadia. Por fim encontra-se o último moinho, que está parcialmente envolvido por acácias e oliveiras, existindo mais oliveiras acima do moinho. No término da levada encontra-se uma pequena indústria de transformação de pedra, mais à frente encontrou-se pelo menos duas pedreiras em actividade. A encosta por trás da carreira dos moinhos tem grandes blocos e penedos graníticos, e bastantes sobreiros, alguns de regeneração natural, tendo-se observado na cortiça de alguns sobreiros adultos vestígios de fogo, também surgiam entre os penedos eucaliptos, a maior parte muito jovens e de regeneração natural.

Em Alfena, na zona de Lazer de S. Lázaro, localiza-se o **Moinho de São Lázaro**, actualmente recuperado e reconvertido em infra-estrutura de apoio a este parque.

O **Moinho hidráulico de Travagem**, em Ermesinde, constitui moinho de grandes dimensões, actualmente transformado em casa de habitação. Possuía cinco levadas que levavam a água aos moinhos, sendo que actualmente a água continua a correr apenas em três, estando as outras duas obstruídas. Contaram-se 16 mós expostas no exterior. Ainda existe o açude que retinha a água e permitia o funcionamento das mós do moinho. Localiza-se perto da Ponte da Travagem.

Os **moinhos de Ardegães**, na Maia, constituem um conjunto de edificações em granito, ao longo do rio Leça, sendo que a grande maioria dos quais se encontra em ruínas. São edifícios altos, com 2 pisos, que

se dispõem principalmente na encosta da margem direita do rio Leça. Foram aqui edificadas bastantes moinhos, devido às condições que o rio aqui oferecia, possuindo “muitos rápidos e penedias” ([www.avozdeermesinde.com](http://www.avozdeermesinde.com)). Durante o Século XVIII, e devido às alterações culturais que se processaram nesta altura, os moinhos que aqui existiam foram sendo alterados e ampliados, tendo mesmo surgido um (o Moinho do Pisão), que teria mais de 20 mós (<http://turismo.maiadigital.pt/>).

Ainda se pode observar, na margem esquerda do Leça, um moinho de grandes dimensões, que possui uma capela, apesar de se encontrar em elevado estado de degradação. A montante, existe um açude no rio. A envolvente é composta por habitações que sobem a encosta na margem direita. São edifícios com 1-2 pisos, possuindo quintais e anexos, em patamares delimitados por muros também em granito. No cimo da encosta, localizam-se a capela de Santa Luzia e, adjacente a esta, o Centro Social de Ardegães, um edifício de 5 pisos que, no topo, possui café com esplanada, exercendo um forte contraste visual com a envolvente. Na margem esquerda, existe uma área florestal com eucaliptos e sub-coberto de tojos (*Ulex europaeus*). Neste local, a galeria ripícola encontra-se bem conservada e em regeneração, existindo choupos e amieiros, embora esta esteja a ser invadida por espécies como heras e silvas, que se vão prolongando e cobrindo os moinhos em ruínas.

A efectuar a ligação entre as duas margens, existem três pontes: uma pedonal, em betão, inserida no núcleo de moinhos mais a montante; uma ponte rodoviária, em granito, antiga, possuindo o tabuleiro assente num só arco; e uma terceira ponte, em betão, constituindo a principal via de atravessamento para trânsito automóvel. Após estas pontes, existem mais um conjunto de moinhos, que se dividem pelas duas margens do rio, sendo ligados por uma pequena ponte pedonal em madeira que, na margem direita, conduz a um pequeno percurso em terra batida, que sobe a encosta, passando por dois moinhos redondos, que foram recuperados e convertidos em habitação.

O núcleo de **Moinhos de Alvura**, localizado em Águas Santas, constitui um grupo de edificações que data dos Séculos XVIII – XIX. Neste momento, estão a ser usados como habitação, existindo uma placa que os identifica como “Moinhos da Casa do Jericota”, embora em estado de degradação e verificando-se a presença de lixo e entulho no local.

Junto ao Rio Leça, a galeria ripícola, constituída por Amieiros (*Alnus glutinosa*), Freixos (*Fraxinus sp.*), Salgueiros (*Salix sp.*), Choupos (*Populus sp.*), associada aos cavalhos-alvarinhos (*Quercus robur*), encontra-se relativamente bem representada. Nas encostas florestadas surgem espécies como: eucalipto (*Eucalyptus globulus*), mimosa (*Acacia dealbata*) e pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*). Na malha urbana envolvente, existe habitação unifamiliar e algumas construções abandonadas, subsistindo ainda a presença de campos agrícolas e muros de pedra de granito.

Neste local, o rio Leça corre com ajuda de açudes, levando um caudal acentuado. Junto encontra-se a Ponte de Alvura, uma estrutura em granito, cujo tabuleiro se encontra assente sobre um único arco redondo.

O **Moinho de Gelfeiros** localiza-se mais acima, no rio Leça, no lugar de Gelfeiros, entre o rio Leça e a linha de Metro do Porto. O moinho encontra-se junto a uma habitação, em estado de degradação. Neste local, o rio passa por entre campos agrícolas (alguns abandonados) e por uma área de mata florestada com eucaliptos. Encontra-se também um grande depósito de lixo, junto à linha de água. A vegetação ripícola resume-se a algumas árvores bastantes distanciadas.

O **Moinho da Várzea** localiza-se próximo da Ponte de D. Goimil, em Custóias. Actualmente, o edifício encontra-se em ruínas, possuindo, na envolvente, extensas parcelas agrícolas, sendo a vegetação ripícola pouco expressiva.

O **Moinho da Pinguela** encontra-se, na rua da Pinguela, em Custóias, junto a uma habitação, em estado de degradação. Neste local, o rio encontra-se ladeado, de um lado por um muro em cimento e, do lado do moinho, por um muro em granito. Em cima, passa a VRI. Mais à frente, encontra-se o aterro sanitário da Câmara Municipal de Matosinhos, as instalações da SERURB e o estaleiro da CESPA. Apesar da má qualidade da água, foram encontrados perto deste dois moinhos, patos bravos.

O **Moinho de Monte de S. Brás**, situa-se no sopé do Monte de S. Brás, abaixo da Capela de S. Sebastião, na margem do rio Leça. Este, em estado de ruína e coberto com silvas, encontra-se perto de uma casa de habitação. Em seu redor, localiza-se o Monte de S. Brás (a norte), a Quinta de Santa Cruz do Bispo (a Oeste) e várias parcelas agrícolas (a Este). Perto do moinho, o rio é ladeado por vegetação ripícola. Encontram-se depósitos de lixo pelo local.

O **Moinho da Ponte do Carro** encontra-se inserido na Zona de Lazer da Ponte do Carro.

O **Moinho da Silva** localiza-se na freguesia de Santa Cruz do Bispo, junto à Rua Teófilo Carvalho do Santos, que atravessa o rio Leça. O moinho constitui um edifício bastante alto, que actualmente funciona como habitação, numa quinta que se encontra numa curva do rio, estando separada deste por um longo muro curvilíneo em granito. Ainda existe a levada que transporta água para o moinho, sendo que esta se prolonga para além da quinta. Antes desta, existem duas pequenas pontes: uma em granito, que atravessa a levada; outra, em cimento, que atravessa o rio Leça. Neste local, são visíveis os vestígios de outros moinhos que aqui existiram, mais acima, no rio. No entanto, pode-se observar a deposição de lixos, tanto nas margens como na própria água. As edificações na zona envolvente à quinta possuem pouca qualidade, encontrando-se bastante degradadas ou tratando-se de novas construções, pouco estéticas, com o predomínio do cimento e tijolos, e acumulação de anexos, que aqui vão sendo edificadas. Nas margens, a vegetação ripícola é escassa, verificando-se a existência de eucaliptos e a invasão com silvas. O campos agrícolas que aqui existiam, com excepção dos pertencentes à quinta,

encontram-se abandonados, tendo a florestação com eucaliptos ocupado esta área. A água possui má qualidade, verificando através do cheiro, cor e pelos detritos que nela existem. No entanto, existem pessoas que aqui andam de barco, como se pode ver pela existência de dois barcos parados junto à margem. Mais à frente, e do outro lado da estrada, localiza-se uma ETAR.

O rio Leça possui no seu curso, desde a nascente até desaguar no mar, algumas **pontes** que pela sua história, arquitectura, valor patrimonial e inserção paisagística do meio em que se encontram merecem ser destacadas:

A **Ponte de Pereiras**, em Monte Córdova, constitui uma ponte de granito, com pilares em cunha, que se encontra perto da Serra Eléctrica de Pereiras. Na envolvente, existe um pequeno espaço com pequenas herbáceas, na margem direita do rio, com uma pequena fonte e bordejado por grandes amieiros.

A **Ponte das Cabras**, em Refojos, encontra-se na transição das cascatas de Fervença para uma zona de vale, já na freguesia de Refojos de Riba de Ave. Esta é a primeira ponte com alguma envergadura no rio Leça. Junto desta passa o percurso pedestre PR1ST Pereiras – Valinhas, tendo-se também acesso às cascatas do rio, mais acima. A montante, o rio corre entre penedos graníticos, com amieiros, choupos, salgueiros e alguns carvalhos e loureiros, nas suas margens, e bastantes sobreiros instalados entre as fragas graníticas; nas encostas íngremes de afloramentos rochosos, predominam os eucaliptos e alguns pinheiros-bravos. A zona de encaixe do rio é bastante húmida, aqui existindo plantas típicas destes ambientes, com musgos a cobrir os penedos, fetos, cogumelos e heras.

As **Pontes da Reguenga**, constituídas por uma ponte actual, em betão e uma antiga, em pedra, situam-se no rio Leça, junto à estrada nacional 105. Na envolvente, encontram-se, pelo menos, três moinhos abandonados, em ruínas e invadidos por silvados, sendo ainda visíveis as levadas que levavam a água do rio para os moinhos. Neste local, o vale do Leça torna-se mais encaixado e só volta a alargar na freguesia da Agrela, na margem esquerda do rio. Aqui, a água do rio já apresenta alguns vestígios visíveis de alguma poluição e o espaço encontra-se bastante degradado. Perto, existem dois pequenos açudes. Em alguns locais, entre a vegetação ripícola existente, integram-se existem amieiros e choupos de bom porte.

A **Ponte medieval do Arquinho**, na freguesia de Água Longa, constitui uma das pontes mais antigas de um só arco em Portugal (Dias, 2001). Foi construída com blocos de granito, possuindo actualmente o tabuleiro em mau estado, com cimento a descaracterizar parte da estrutura. Localiza-se junto ao ribeiro de Pisão, um afluente do Leça, na rua de Santo António, junto a uma ponte mais recente. No dia em que foi visitada, estavam a decorrer trabalhos de desobstrução da ponte e limpeza do ribeiro. A jusante, os

terrenos agrícolas estão cultivados com prados de Inverno, enquanto a montante surgem algumas parcelas agrícolas abandonadas.

A **Ponte de S. Lázaro** localiza-se na Zona de Lazer de S. Lázaro, em Alfena. É uma ponte de origem românica que fazia parte no caminho velho que ligava Alfena a Água Longa, integrando-se no caminho medieval que seguia do Porto para Guimarães ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)). Encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Municipal. Possui um cavalete com largura máxima de cerca de 3,2 metros, sobre dois arcos de volta perfeita, sendo o central de maiores dimensões, em cantaria, com pegões cegos. O pavimento é em lajes de granito, podendo observar-se as marcas deixadas pelos carros de bois que aqui passavam. Possui guardas em granito, recolocadas nos anos 90. Provavelmente foi construída durante a antiguidade, tendo sofrido alterações durante a Idade Média e Idade Moderna. Nos anos 90, foram realizadas pela Câmara Municipal de Valongo, obras de restauro e arranjo dos muros de contenção das margens. Durante o restauro, foi aqui encontrada uma "pedra de recorte romano com almofadado e marca dos "ferrei fortex", e quatro estrelas medievais com cruzeiros insculpidas em ambas as faces ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)), indicando que esta ponte poderia também ter sido construída durante a época romana ([www.regional-editora.com](http://www.regional-editora.com)) e mais tarde reedificada durante a Baixa Idade Média. Existia, nas proximidades, uma gafaria de leprosos que, mais tarde, se transformou em Hospital, sendo que esta, em 1747, possuía anexas uma capela e uma casa nas imediações ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt), [www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

A **Ponte do Arquinho** localiza-se na Rua da Barreira (em Alfena), inserida numa área agrícola. Possuindo trânsito automóvel, foi construída em granito, embora tenha betão inserido no tabuleiro. Este é constituído por três vãos de grandes blocos de granito, com dois pilares em cunha, do lado a montante, no leito do rio.

As **Pontes da Travagem**, localizadas em Ermesinde, são três pontes com diferentes tipologias que surgem próximas: uma ponte medieval, onde passava a estrada real; uma ponte com três arcos construída em 1845 (Dias, 2001); e uma ponte ferroviária, construída na linha do Minho, tendo sido inaugurada a 21 de Maio de 1875 ([www.geocities.com](http://www.geocities.com)). A ponte ferroviária encontra-se a montante, possuindo apenas um arco, segue-se a ponte pedonal e, mais abaixo, uma ponte com três arcos, com trânsito rodoviário; junto a esta está o que resta da antiga ponte medieval da Travagem, uma ponte baixa em granito, com tabuleiro de lajes de granito. No leito do rio surgem bolbosas e agriões. Perto das pontes são visíveis descargas ilegais de águas residuais. A jusante das pontes, a galeria ripícola apresenta árvores de grande porte, principalmente amieiros.

A **Ponte de Alvura**, localizada em Milheirós, constitui uma estrutura de granito, de um só arco, que data provavelmente do século XVIII ou XIX ([www.geocities.com](http://www.geocities.com)).

A **Ponte de Pedra**, localizada em Leça do Balio, integrava a estrada romana que ligava a cidade de Olissipo (actual Lisboa) à capital da região da Callaecia, a cidade de Bracara Augusta (Braga), passando

por Cale (Porto). Remonta ao século II d.C. É uma ponte com tabuleiro plano, construída com um único arco de volta perfeita, sendo ainda visíveis, na sua parte inferior, diversas “pedras almofadadas” características da arquitectura romana ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)). Perto desta ponte, foi descoberto um marco miliário dedicado ao Imperador Trajano. Apesar das intervenções que foi sofrendo ao longo dos tempos, actualmente possui um aspecto medieval, ainda conservando algumas almofadas da época romana ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

*Na Ponte de Pedra há a notar, ao lado da ponte actual...uma outra, de nítida feição arcaica, muito estrita, mas robusta, de um só arco. É talvez a velha ponte romana que dava passagem, sobre o Leça, a remota via militar de Bracara a Cale, construída no séc. II da era de Cristo.”* (FCG, 1983)

A Ponte da Pedra era, no início do século XX, um local de recreio principalmente aos domingos, verificando-se barquinhos no açude (INAG, 2000).

A **Ponte de Ronfes**, também denominada de Ponte de Azenha, localiza-se em Leça do Balio. É uma antiga ponte românica, que possui três arcos de volta perfeita, tendo integrado a Karraria Antiqua, uma via de circulação regional que, na época medieval, ligava Cedofeita à Maia, através de Monte dos Burgos, Padrão da Légua, Gondivai e Araújo, embora originalmente pareça ter constituído uma via romana secundária ([www.regional-editora.com](http://www.regional-editora.com); [www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)). Fica ao lado da estrada Porto-Viana, que segue pela Via Norte e continua para o lado da Póvoa de Varzim, que foi, no passado, rumo das estradas reais do Porto a Viana e a Braga ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)). Esta ponte fazia a travessia entre a antiga freguesia de Barreiros e o lugar do Araújo, em Leça do Balio. Um pouco a jusante desta ponte, pode ver-se a Ponte Ferroviária, incluída na linha de Guimarães, uma obra de finais do século XIX ([www.geocities.com](http://www.geocities.com)).

A **Ponte de D. Goimil** encontra-se no lugar de Esposade do Fundo, em Custóias (Matosinhos). Constitui uma ponte românica, que estava incluída na antiga estrada romana que ligava o rio Douro ao rio Ave. Por volta de 1258, durante o reinado de D. Afonso III, esta estrada era designada por Via Veteris ([www.geocities.com](http://www.geocities.com)). É uma ponte de cavalete com um arco ogival, construída em alvenaria de granito irregular, apresentando uma tipologia construtiva característica da Idade Média (Séculos XIII – XIV). ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)). Encontra-se classificada com Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 516/71, DG 274, de 22-11-1971, ZEP DG (II Série), n.º 121, de 23-05-1973 ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

Actualmente, encontra-se fechada ao trânsito, estando a sofrer obras de requalificação e investigação arqueológica, estando a retirar-se o cimento que cobria o tabuleiro e colocando-se à vista o pavimento em granito original. A área envolvente apresenta extensos prados, onde pastam vacas. Aqui perto, o rio Leça é também atravessado pela Rua da Estrada, que conduz a Esposade. Perto, encontra-se o Moinho da Várzea.

A **Ponte do Carro** ou Ponte Românica do Carro, localizada entre as freguesias de Santa Cruz do Bispo e Guifões, é uma ponte em cavalete com um arco em volta perfeita, com guardas, em alvenaria de granito irregular. A sua tipologia de construção remonta à Idade Média, entre os Séculos XII e XIII ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)). É considerada com um interessante exemplo da arquitectura civil pública medieval, estando classificada como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 516/71, de 22 de Novembro ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

A **Ponte de Guifões**, que ruiu durante uma cheia do rio Leça em 1979, situava-se no sopé do Castro de Guifões, junto ao estuário do rio Leça. Era construída em alvenaria de granito regular e composta por três arcos de volta perfeita, possuindo guardas em granito muito características, cuja tipologia parece enquadrá-la cronologicamente na Idade Média. No entanto, a sua fundação parece remontar à época romana, integrando-se na via litoral que “per loca maritima” fazia a ligação ao estuário do Ave e a Vila do Conde, passando pela villa romana de Lavra ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

Foi classificada como IIP Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto 516/71, DG 274, de 22-11-1971 ZEP DG (II Série), nº 93, de 19-04-1973 ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)), quatro anos antes da sua queda ([www.regional-editora.com](http://www.regional-editora.com)). Actualmente só aqui se observa o início do arco da margem esquerda e parte do da margem direita.

O atravessamento do rio Leça apenas era possível em certos locais, existindo mesmo direitos de cobrança de passagem e por vezes também alguns abusos, como o caso da viúva do conde D. Francisco de Sá e Meneses, que em 1587, sentia-se no direito de, dado destruição da ponte de madeira entre Leça e Matosinhos, impor a travessia do rio numa barca sua, ao preço de um real por pessoa, tendo no entanto a Câmara rejeitado essa pretensão (Serén & Fonseca, 1998).

Encontram-se associados a este rio, assim como às povoações por onde passa, diversas lendas e poemas, como os que se seguem:

*“De um rio se diz*

*que as águas não regressam,*

*nem perguntar se deve*

*aonde param pois resposta não consta*

*do grande livro da saudade.*

*Ao recordá-lo*

*é o nosso passado que entre margens flui,*

*entre limites. Águas claras*

*que foram também a juventude,  
o firme caminhar  
e a descoberta.  
Fazer falar esses lugares,  
aprisionar a sua voz dispersa pelo vento.  
Entramos na fotografia para nos reencontrarmos  
para escolhermos o lugar da viagem,  
o lugar onde podemos seguir o movimento inverso,  
ouvir o rumorejar das folhas sobre o canto da azenha,  
determo-nos no abrigado poço do tempo  
onde nos será possível mergulhar no sonho e,  
no canto dos pássaros desaparecidos.”*

Poema inédito de Egito Gonçalves , 20.08.83 em Fernandes (1995)

*“Que é dos pintores do meu país estranho,  
Onde estão eles que não vêm pintar?”*

António Nobre – “Só” em Fernandes (1995)

*“Minhas visões! Entrai, entrai, não tenhais medo!  
Ó Rio Doce! Túnel de água e de arvoredo!  
Por onde Anto vogava em o vagão dum bote...  
E, ao sol do meio dia, os banhos em pelote  
quando íamos nadar à Ponte de Tavares!  
Tudo se foi! Espuma em flocos pelos ares!  
Tudo se foi!*

António Nobre – “Só” em Bento (1998)

### **A lenda de São Rosendo**

*“A boa gente de Monte Córdova, segundo reza uma lenda que anda por lá, nem sempre foi tão feliz como se pode pensar. Houve tempos em que, não havia meios de nascer por ali crianças que se levasse à pia baptismal.*

*As mulheres andavam amarguradas e os homens resmungavam, que a coisa não era para menos... Aquilo só mesmo obra do Diabo. E depois aquela maldade de quem passava por mulher sem filhos, atirando à socapa um “t’arenego machorra, q’andas metida co diabo...”*

*Até a nobre Condessa Aldara se metia por atalhos, atravessava os milharias e subia ao Monte em penitência, mas com cuidados para que ninguém a visse assim, mulher madura e sem herdeiros. Tanto rezou e tantas vezes subiu ao Monte Córdova em sacrifício que um dia se sentiu em estados de ser mãe.*

*E foi assim que nasceu São Rosendo. Cresceu e foi Bispo. E se não foi a Mãe, foi ele que por via de graça recebida, ali mandou erguer um Mosteiro. No alto do Monte, onde Deus parece estar mais próximo de quem padece!” (www.jf-montecordova.pt)*

### **A lenda do Belo Padrão**

*“Terras de lendas, em que mouros e moiras ainda aparecem a quem as sabe achar, encantados e vingativos, mas todos a quererem libertar-se da magia que os pregou ao interior dos penedos agrestes e duros como as batalhas com os cristãos.*

*E foi numa dessas minas escuras que D. Ilduara conseguiu salvar aquele Cristo de pedra que ainda está na Capela do Monte. É que os mouros de maus que eram, congeminavam roubá-lo do belo Padrão. Há quem diga que o queriam partir todo.*

*Pois D. Ilduara escondeu-o tão bem, que ninguém mais o viu, até que um belo dia, andando um camponês na apanha da flor do mato, deu com Ele meio enterrado numa moita funda. Correu voz e povo e fez-se festa rija...*

*Logo ali os lavradores decidiram construir uma bela Capela para o Senhor do Padrão. Ainda lá está, mas agora bem emparedado e pregado na parede para que mais ninguém consiga roubá-lo. (www.jf-montecordova.pt)*

## **Património Natural**

Os principais tributários do rio Leça são a **Ribeira do Arquinho** (com uma bacia hidrográfica de 33 km<sup>2</sup>) e a **Ribeira de Leandro** (com uma bacia hidrográfica com 20 km<sup>2</sup>). Segundo dados do INAG de 2001, o afluente que contribui com maior caudal no rio Leça, é a ribeira do Arquinho, com um escoamento médio anual de 13,3 hm<sup>3</sup> para um total médio anual na foz do rio Leça de 107 hm<sup>3</sup>, sendo o caudal médio do rio Leça de 3,4 m<sup>3</sup>/s (<http://www.maretec.mohid.com>).

Entre Pereiras (freguesia de Monte Córdova) e Granja (na freguesia de Refojos), no concelho de Santo Tirso, o curso do rio Leça tem em apenas 1,5 km de extensão um desnível de 150 metros, o que se deve a rupturas e falhas geológicas, por onde ocorre o leito do rio Leça. É a este local que se refere a citação seguinte: *“Às cascatas de Fervença (7km S.) Como espectáculo, as cascatas de Fervença somente merecem ser procuradas durante o Inverno ou princípios da Primavera. É a quadra em que o pequeno caudal do rio Leça torna aparatoso o profundo ressalto. A aproximação da curiosa queda tem de ser feita, em boa parte, a pé, a partir da aldeia de Lamelas...”* (FCG, 1983).

A **Ribeira do Arquinho**, também conhecido por Avioso ou Almorode, nasce em S. Pedro de Avioso e desagua em Gueifães. Com um percurso de 11 km, é o maior afluente do Leça e o maior curso de água que nasce no concelho da Maia.

Até há umas dezenas de anos, os ecossistemas que estavam associados à ribeira do Arquinho eram ricos em biodiversidade faunística e florística. As cheias de Inverno arrastavam nutrientes, que tornavam os campos agrícolas das margens ainda mais produtivos, havendo um número significativo de moinhos cuja força motriz eram as suas águas. Outra actividade que girava à volta desta ribeira era a das lavadeiras da Maia, que lavavam as roupas nas águas do rio, antes do uso generalizado da máquina de lavar roupa. A partir de finais da década de 1960, a industrialização e a pressão urbanística poluíram e afectaram negativamente o rio. Com o encerramento de algumas indústrias poluidoras e de melhorias no saneamento básico na sua bacia, parece existir uma franca recuperação dos ecossistemas, com o regresso dos peixes e de outra vida selvagem ([www.scribd.com](http://www.scribd.com)).

Relativamente a **flora**, encontram-se presentes na Bacia do rio Leça os seguintes habitats:

- a) Mosaico de 4020 e 4030 (Mosaico de matos climatófilos e matos higrófilos) – Este é um mosaico de habitats em que o segundo (4020) é prioritário. Possui como espécie indicadora a *Erica ciliaris*;
- b) 4030 (Matos climatófilos) – Habitats em que as principais espécies constituintes são os tojos e urzes;
- c) 91E0 (Vegetação ripícola e palustre) – Trata-se de bosques ripícolas e palustres com salgueiros e/ou amieiros;

- d) 9230 (Folhosas) – Bosquetes de carvalhos, que poderão estar associados a outras espécies como sobreiros, castanheiros e/ou salgueiros (CIBIO, 2004).

No vale do Leça, ainda existem locais com uma **diversidade florística notável**, particularmente no seu curso superior (Monte Córdova), no vale que vai de Pereiras até à ponte das Cabras, em Refojos. Na área de terrenos agrícolas abandonados, em alguns campos existe já regeneração natural, com giestas (*Cytisus sp.*) altíssimas, bem como mantos de fetos (*Pteridium aquilinum*) e silvas (*Rubus ulmifolius*). Aqui encontram-se bastantes castanheiros (*Castanea sativa*), muitos deles com condução por talhadia. De salientar, é o conjunto de loureiros (*Laurus nobilis*) arbóreos alinhados junto ao caminho que pelo seu tamanho e efeito visual merecem destaque. Ainda se encontram algumas árvores de fruto dispersas pelos campos, principalmente nas bordaduras, tais como laranjeiras, figueiras, ameixoeiras. Nas bordaduras dos montes, surgem carvalhos (*Quercus robur*) e, nas zonas mais húmidas, predominam os salgueiros (*Salix sp.*). A gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) foi uma das espécies de flora registada junto ao caminho.

Os choupos (*Populus sp.*) e amieiros (*Alnus glutinosa*) marcam a passagem do rio Leça e na encosta granítica (a vertente sul da cumeada que separa a zona das Valinhas do rio Leça), com muitos afloramentos rochosos, com matos de tojo e giesta, alguns sobreiros dispersos e pinheiros bravos e bastantes eucaliptos e mais perto rio surgem alguns loureiros dispersos. Na margem esquerda existem tapetes de violetas e *Primula vulgaris* entre outras plantas, mas os fetos e as heras dominam o tapete arbustivo e herbáceo, e por vezes até se instalam nos troncos mais grossos de algumas árvores. O ambiente é propício ao desenvolvimento de fetos e observam-se aí várias espécies. Junto das quedas de Fervença surgem chamissas (*Erica arborea*) de grande porte, entre alguns sobreiros e muitos carvalhos que ladeiam as margens do rio. Sobre os penedos imensos, e nos interstícios entre eles, que acompanham as cascatas encontrou-se várias bolbosas tais como narcisos (*Narcissus triandus* L.), jacinto-bravo (*Scilla monophyllus* Link in Schrad.), lírios do monte (não estavam em floração) e vários tipos de briófitas e outras plantas.

O amieiro (*Alnus glutinosa*), é o representante mais comum na galeria ripícola, mas no rio Leça também é de destacar a abundância em alguns locais de choupos (*Populus sp.*), salgueiros (*Salix sp.*), sabugueiro (*Sambucus nigra*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), sanguinho-d'água, etc. Os carvalhos, especialmente o carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e sobreiro (*Quercus suber*) destacam-se pelos exemplares de grandes dimensões existentes e pela constância na paisagem. O espinheiro (*Crataegus monogyna*), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), os crocus, a chamissa (*Erica arborea*), os loureiros (*Laurus nobilis*) (alguns de grandes dimensões) são outras espécies observadas.

No leito do rio surgem bolbosas como a tábua-larga (*Typha latifolia*) e a *Alisma plantago-aquatica*.

Com a exceção dos ambientais litorais e rupícolas, na Área Metropolitana do Porto, no passado dominariam os bosques dominados por carvalhos (com destaque para o carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), sobreiros, salgueiros e/ou amieiros. Em solos submetidos a encharcamento sazonal dominariam os bosques palustres dominados pelo amieiro (*Alnus glutinosa*) e pelo salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*). Estes amieiros-salgueirais (Carici lusitanicae – Alnetum glutinosae) que tipicamente albergam espécies como a lírio-dos-pântanos (*Iris pseudacorus*) e a salgueirinha (*Lythrum salicaria*). As galerias ripícolas dos principais cursos de água da Maia (rio Leça e ribeira do Arquinho) representam importantes espaços para o equilíbrio dos ecossistemas. Apesar da baixa qualidade biológica da água e de haver ainda margens degradadas, os corredores ripícolas constituem um suporte importante de estrutura ecológica. No concelho da Maia os corredores ripícolas cobrem um total de 8,7 km, no estrato arbóreo destacam-se os choupos, os freixos e os amieiros, encontrando-se por vezes carvalhos, já ao nível do estrato sub-arbóreo existem salgueiros, vimeiros e as borrazeiras entre outras espécies (www.ambiente.maiaidigital.pt).

A zona do estuário do rio Leça não possui valor biológico. Mas, nos cursos médio e alto, verifica-se que as comunidades vegetais apresentam estabilidade. Embora não existam espécies ameaçadas, é relevante a vegetação ribeirinha espontânea encontrada em alguns locais, sendo composta por florestas-galeria de amieiro (*Alnus glutinosa*), carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e salgueiro (*Salix* sp.). No rio Leça, foram encontrados “troços de cursos com dinâmica natural e seminatural (3210), bem como vegetação flutuante de ranúnculos (3260)” (verificar o que significam os números!!!) (INAG, 2000).

Relativamente a **fauna**, existe, na Bacia do Rio Leça, uma área de bastante importância: o vale do Ribeiro de Tabãos, localizado na freguesia de Alfena, em Valongo. Neste local, podem encontrar-se o Bufo-real (*Bubo bubo*), o Morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*) e a Salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), como principais espécies. No entanto, o vale encontra-se sob pressões urbanas e industriais, que colocam em causa o seu equilíbrio e manutenção das espécies (CIBIO, 2004) .

No ano de 2007, durante uma visita de campo, de cerca de 30 pessoas, ao rio Leça no concelho de Valongo, foi avistada uma **lontra** (*Lutra lutra*), tendo alguns participantes na mesma altura afirmado terem visto outra mais pequena (Câmara Municipal de Valongo, 2007).

Junto à nascente do Leça em Cabanas (Monte Córdova) foram avistadas duas **poupas** (*Upupa epops*). Na serra da Agrela e mesmo na Maia (Ardegães) foram avistados, e há relatos de serem comuns e numerosos os **coelhos-bravos** (*Oryctolagus cuniculus*). Na Agrela (Santo Tirso) numa zona de transição de floresta para áreas agrícolas foi avistada uma **perdiz** (*Alectoris rufa*). Por toda a bacia do rio Leça é comum o **melro** (*Turdus merula*), a lavandisca etc.

Foram avistados no rio Leça em vários locais dos concelhos de Matosinhos e Maia, vários casais de **patos-reais** (*Anas platyrhynchos*). Também foi relatada a pesca de **enguias** no rio Leça em Alfena, junto à Azenha do Barrela.

Na bacia do rio Leça, presumivelmente, poderão encontrar-se mamíferos como a toupeira-de-água, musaranho-anão e a doninha (INAG, 2000).

Devido à expansão urbana, à poluição do rio e ao desaparecimento da agricultura e do habitat de nidificação das aves, faz com que a avifauna se resuma praticamente às espécies que toleram a presença humana (INAG, 2000).

É possível a ocorrência de espécies de répteis, como o licranço, o sardão, o lagarto-de-água, a lagartixa, a cobra-de-água viperina e a cobra-de-colar e de anfíbios como: salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitânica*), salamandra-de-pintas-amarelas, tritão-de-patas-espalmadas, tritão-marmorado, sapo-parteiro, discoglossos, sapo-de-unha-negra, sapo, sapo-corredor, rela, rã-ibérica e a rã-verde, sendo estes bastante raros, devendo limitar-se aos troços iniciais e afluentes do rio Leça, devido às condições das linhas de água, bastante poluídas (INAG, 2000).

A ictiofauna é bastante reduzida ou inexistente em vários troços do rio, tendo já aqui existido as seguintes espécies: lampreia, enguia, sável, panjorca, verdemã do norte e boga, que são consideradas vulneráveis e/ou em perigo ou ameaçadas, podendo o rio Leça tornar-se um local potencial para as albergar (INAG, 2000)

## Acessibilidades

De montante para jusante, algumas das principais freguesias no vale do rio Leça:

### Concelho de Santo Tirso

#### Monte Córdova

Romaria em Monte Córdova por Alberto Pimentel nos finais do séc. XIX: *"Pela manhã começaram a subir os thyrsenses para Monte Córdova, uns en burros, outros em cavallo, alguns, principalmente as senhoras em carros de bois, e muitos a pé. Das freguezias de além da ponte vinham chegando ranchos de gente do campo, moçoilas com muito ouro ao pescoço, rapazes de collarinhos bordados e jaqueta ao hombro, por causa do calor. No Minho os cavallos são raros. Os burros floresce sem competidor. Mas eu estimei immensamente que me offerecessem, para este passeio a monte Córdova, um burro em vez de cavallo. Era mais seguro. Foi assim também que subi às alturas de Monte Córdova."* ([www.jf-montecordova.pt/](http://www.jf-montecordova.pt/))

Outra descrição da freguesia de Monte Córdova, quando o Bispo do Porto quis saber como era a Freguesia, o Reitor chamado Veríssimo Araújo, escreveu o seguinte: ([www.jf-montecordova.pt/](http://www.jf-montecordova.pt/)).

*“Anda dividida em duas partes que são: Monte Córdova do Monte e Monte Córdova da Ribeira. Às capelas de Santa Luzia e do Senhor Padrão, e Senhora de Velinhas acode gente em romage sempre; porque obra ali Deos muitos milagre por meyo espadano. O Mosteiro dos Monges de São Bento chamado a Igreja do Mosteiro do Salvador onde hia fazer oração a mãe de S. Rosendo, e donde foi a sua pia batismal përa S. Miguel do Couto anexa desta, onde ficou hum pedrão com huã imagem de Christo mal pulida, que he tradição se não pudera dali tirar a qual imagem comesou de resplandeser em milagres e se lhe fez ao dispois huã capela com esmolos dos devotos.”*

*“Esteve o Monte povoado e vistoso enquanto o sol brilhou no horizonte. Com o cahir da noite foi-se despovoando vagorosamente, e a custo. Tão animada a partida, quanto saudoso o regresso. Era já noite, e ainda voltavam de má vontade os retardatários. Todos se conheciam mais pobres e desacompanhados: ficava-les em Monte Córdova aquella bella imagem, que lhes parecera já thesouro seu!”* ([www.jf-montecordova.pt/](http://www.jf-montecordova.pt/))

A freguesia é essencialmente rural, em que as pessoas se dedicam essencialmente à agricultura, principalmente à cultura do milho e do vinho, algum centeio e pasto para o gado, onde a agricultura vai resistindo à pressão imobiliária. Existem vários locais notáveis, como: o monte Córdova, o Alto das Cabanas – miradouro natural; o Carvalhal de Valinhas – onde se encontra um conjunto de centenários carvalhos, local classificado de interesse florestal e as quedas de água do rio Leça, na Fervença. A serra mecânica, movida a água, existente no lugar de Pereiras, é um exemplar da arqueologia industrial, classificado como imóvel de interesse público ( <http://www.jf-montecordova.pt/>).

Situada na serra do mesmo nome, é uma terra com ocupação humana desde há milénios. Os primeiros vestígios da presença humana remontam à Pré e Proto-História. Na Estação Arqueológica do Monte Padrão, Monumento Nacional desde 1910, encontramos várias estruturas que indicam a sua ocupação desde a Idade do Bronze até à época medieval (<http://www.anafre.pt/>). A freguesia de Monte Córdova, foi comenda de Cristo e reitoria da mitra. No Monte Padrão, esteve até ao século XVI, a igreja paroquial que, segundo se conclui de vários documentos medievais, foi primitivamente mosteiro anexo ao de Celanova, na Galiza — segundo a tradição, o mosteiro foi mandado erigir pela condessa Aldara, mãe de S. Rosendo, a este monte estão ligadas tradições e lendas referentes a S. Rosendo, nascido nas suas proximidades, na vizinha freguesia de S. Miguel do Couto, e ainda outras ligadas a mouras encantadas (<http://www.minhaterra.com.pt/>). Até 1836 Monte Córdova de Cima pertencia ao concelho de Santo Tirso, enquanto Monte Córdova de Baixo pertencia ao concelho de Refojos de Riba d’Ave (Santo Tirso, 1990),

O relevo da freguesia fez com que durante séculos houvesse um relativo isolamento das populações. Alberto Pimentel, em “Santo Thyrsos de Riba d’Ave”, 1902, relatava que Monte Córdova era a freguesia

com mais extenso território do concelho, com uma *"população espalhada por diversos lugares, e inteiramente carecida de meios de comunicação entre esses lugares. Não há estrada nenhuma e, para vencer a aspereza do monte, apenas os peões encontram um atalho, que tem o nome de Isqueiro de Linhares"* (<http://www.minhaterra.com.pt/>).

A freguesia tem 3122 habitantes que se dedicam principalmente à agricultura, indústria têxtil e construção civil (<http://www.minhaterra.com.pt/>). Festas e Romarias: N. Sra. da Assunção (15 de Agosto), N. Sra. de Valinhas (2.º domingo de Setembro), Sta. Luzia (13 de Dezembro ou domingo seguinte), S. Gonçalo (1.º domingo de Maio), Sto. António de Molelo (domingo seguinte a 13 de Junho) e Bom Jesus do Padrão (Corpo de Deus?); Orago: S. Salvador (<http://www.minhaterra.com.pt/>; Santo Tirso, 1990). O Rancho Folclórico S. Salvador de Monte Córdova e a Associação de Pescadores e Caçadores são algumas das colectividades e instituições da freguesia (<http://www.minhaterra.com.pt/>).

### Refojos de Riba d'Ave

Pelo vale da serra da Agrela estende-se Refojos de Riba D'Ave, freguesia essencialmente agrícola. Na Idade Média foi cabeça de julgado e concelho, tendo o foral sido outorgado por D. Manuel I. O antigo concelho compreendia um território composto de terras baixas e planas, férteis e óptimas para a agricultura. A origem da freguesia estará num antigo mosteiro, o Mosteiro de S. Cristóvão de Refojos (já desaparecido) cuja fundação se deveria à família dos "da Maia" (Lamy, 1987), que existiria, como atesta documentação existente (<http://www.anafre.pt/>). *Refojo* significa recôncavo do terreno; caverna ou gruta; fojo (Lamy, 1987).

O abade de Refojos, Alexandre de Melo da Silva descreveu assim, em 16 de Abril de 1758, para o "Dicionário Geográfico de Portugal", o rio Leça: (Lamy, 1987)

*" o rio que cinge a maior parte da freguesia de S. Cristóvão de Refojos se chama Leça. Nasce em Redundo, freguesia de Monte Córdova. Da freguesia de Monte Córdova se lhe unem um regato, que nasce em Cabanas, aldeia da mesma freguesia, e água de diversas fontes e charcos, que fazem mais abundante o seu cabedal. Deste rio diz Manuel Faria e Sousa no «Epítome», que compôs dos Esclarecidos Reis de Portugal, que tem mais peixes do que águas; porém sempre corre todo o ano"*

*"Entram nele, na freguesia de S. Cristóvão de Refojos, os ribeiros da Lajinha, de S. Jorge, Pedra de Hera, Franco, Presinhas e Samoça. Não é navegável, nem tem capacidade para ser sulcado de embarcações"*

*"A natureza o destina, desde o seu nascimento, à Serra de Refojos, onde o seu curso é tão rápido, que, indignado de se lhe quebrar a finíssima prata nos escabrosos penhascos, fervem nos despenhadeiros suas ondosas espumas e por esta razão, se chama a este sítio a Fervença; mas, apenas o rio Leça na amenidade do vale de Refojos, logo vai sossegando os roucos bramidos de suas vozes e os furiosos ímpetos de sua braveza"*

*“Corre de leste ao oeste. Cria abundância de peixes, que são trutas, escalos, bogas e barbos, estes peixes fluviais são de belo sabor e contendem muitos afirmando que excedem no gosto aos do mar, o que não é do meu argumento”*

*“É comum aos povos para poderem nele pescar. As suas pescarias são livres, excepto em algumas levadas, que, como têm donos próprios, não se podem abrir para se pescarem, sem o consentimento deles”*

*As suas margens em todo o vale de Refojos se cultivam e estão todas povoadas de amieiros, carvalhos, castanheiros e vides, que enlaçadas na verdura das suas ramas, dão os sazoados frutos e inquietas folhas da vista o melhor agrado dos olhos”*

*“Tem muitas levadas e açudes [...] tem uma ponte de pedra junto à aldeia de Leça [...]”*

Já quanto ao vale de Refojos o abade escreveu o seguinte:

*“Os frutos que a terra dá com maior abundância são milhos e centeios; o trigo, pouco, e esse não é muito bom; as frutas são excelentes, como as laranjas da China, limas, ginja, peras, castanhas e as camoesas são das melhores de toda a província, havendo grande abundância nos anos em que as primaveras são temperadas; o azeite que haverá é pouco, mas muito bom; o vinho é verde, mas em grande abundância e quantidade”*

*“Todas as aldeias têm fontes perenes. No Inverno estão suas águas quase tépidas e no Verão frias, especialmente no tempo da canícula”*

Referindo-se à serra de Refojos o abade escreveu o seguinte:

*“ As plantas de que está povoada, uma grande parte dela, são carvalhos, sobreiros, castanheiros e algumas oliveiras. Tem algum vinho verde e as fontes que nela nascem estão todas cercadas de avena e o restante são bouças de matos, que a maior parte delas são foreiras ao Mosteiro de S. Cristóvão de Refojos; se se cultivassem, em algumas partes dariam centeio e milho”*

*“ O seu temperamento é delicioso. Os gados que nela se apascentam são: bois, vacas, carneiros, ovelhas, cabras, éguas e mulas e as carnes dos animais, que são comestíveis, tem singular sabor e a maior parte deste género se criam na dita serra. Tem coelhos, lebres, e perdizes e toda a caça é excelente”*

*“Tem fojos que fabricou a indústria, para neles se caçarem raposas, quando os povos se juntam a fazer as suas montarias”*

**S. Tiago da Carreira**

É uma freguesia essencialmente agrícola na margem direita do rio Leça, e por ela passava a antiga estrada real Porto - Guimarães, que daqui seguia por Valinhas, Monte Córdova, etc. Junto dessa estrada real ainda existe, no lugar de Parada, a casa da estalagem (<http://www.minhatererra.com.pt/>). O seu topónimo derivaria de uma Estrada Real que passava pela actual povoação (<http://www.anafre.pt>). Durante as guerras liberais, o exército realista acampou nas terras da freguesia, fiel a D. Miguel. É digno de visita a belíssima Casa de Menguela, solar oitocentista, com uma ermida dedicada a N. S. da Vitória (<http://www.anafre.pt>). Na bouça do Rego, acamparam em 1834, as forças realistas sob o comando do general conde de Almer. Por iniciativa do abade Pedrosa, os habitantes de S. Tiago da Carreira colocaram ali um pilar com inscrição alusiva à efeméride. Diz o epitáfio: (<http://www.minhatererra.com.pt/>)

*"Aqui jaz Frei Florencio do Destino Mu-relles abbade de Lamellas*

*Nasceu a 15 de Janeiro de 1803*

*Faleceu a 2 de Junho de 1877*

*Saudosa recordação de seu sobrinho Eduardo Pinto de Meirelles".*

*Freguesia de Refojos de Riba de Ave*

Tem uma população de 1159 habitantes que se dedica principalmente à indústria de plásticos e à agricultura. As festas e romarias da freguesia são as de S. Cristóvão (o padroeiro) (móvel) e Festa do Menino (1 de Janeiro) (<http://www.minhatererra.com.pt/>).

## **Lamelas**

Situada na margem direita do rio Leça, o topónimo Lamelas poderá ter origem geográfica, reportando-se às características dos solos onde assenta a freguesia. O seu padroeiro é Santa Eulália, embora na freguesia também se realize uma romaria a Santo António (<http://www.minhatererra.com.pt/>). A freguesia tem 947 habitantes (<http://www.minhatererra.com.pt/>), que se dedicam quase exclusivamente à actividade agrícola e ainda produzem artesanato têxtil (tecelagem), bem conhecido na região (<http://www.anafre.pt>).

A paróquia de Santa Eulália de Lamelas remonta à primeira metade do século XI, pois a sua igreja já era citada em 1044, no "Rol das Igrejas do Rei". O julgado ou "terra" de Refojos era constituído em meados do século XIII, por vinte e cinco paróquias, grande parte delas ainda existentes; o Mosteiro de S. Cristóvão, possivelmente da fundação dos "da Maia", governadores da terra desde o século X, possuía diversos haveres, entre os quais três casais em Lamelas, mais propriamente no lugar de Froiães e outros prédios. Lamela esteve anexa, para efeitos civis, à freguesia de Reguenga, desde 26 de Março de 1896 a 2 de Outubro de 1896 (<http://www.minhatererra.com.pt/>). Até 1836 pertenceu ao extinto concelho de Refojos de Riba d'Ave (Santo Tirso, 1990). Lamelas era uma tradicional terra de almocreves, assim como

a freguesia de Reguenga, à qual Lamelas esteve anexa. A estrada real do Porto para Guimarães passava na freguesia e, junto do lugar de Carneiro existia uma estalagem (<http://www.minhatererra.com.pt/>).

São famosos os seus fontanários: Portela, Fonte do Lobo e Lamelas (<http://www.minhatererra.com.pt/>). Existe o Rancho Folclórico de Santa Eulália de Lamelas e na gastronomia o prato típico da freguesia é arroz de Toquinha com vitela assada (<http://www.minhatererra.com.pt/>).

### **Santa Maria da Reguenga**

Reguenga é uma freguesia situada na encosta e sopé da vertente Ocidental da serra da Agrela. Possui excelentes terras agrícolas, atravessadas no sentido Nordeste – Sudoeste pelo rio Leça. Tem uma forte tradição agrícola produzindo excelentes vinhos e cereais. Alberto Pimentel assinalou há um século que *"no Inverno esta freguesia é frequentes vezes alagada pelas águas que vêm da serra da Agrela abaixo e pelas cheias do rio Leça, engrossado com as torrentes que se despenham de Monte Córdova"*. E concluía: *"nesse período do ano, a Reguenga, pode dizer-se ser a Veneza do concelho de Santo Tirso"*. (<http://www.minhatererra.com.pt/>). Na área da serra da Agrela assiste a descida do rio Leça, junto do qual se construíram vários moinhos e serras hidráulicas, actividades pré-industriais que só no século XX acabaram por perecer às mãos do progresso. A agricultura é o traço marcante da paisagem, o cultivo do milho e do vinho e em menor escala de vários cereais e a criação de gado.

Até 1836 pertenceu ao concelho de Refojos de Riba d'Ave (Santo Tirso, 1990), passando a fazer parte, com as reformas administrativas do século XIX do concelho de Santo Tirso. Esta terra de origem regalenga, encontra-se referenciada pela primeira vez no Rol das Igrejas do Rei com o nome de Santa Maria da Quintana, que passou depois a chamar-se de Santa Maria da Reguenga, devido à terra ser propriedade da Coroa e os seus habitantes pagarem o foro à Casa Real ( <http://www.acist.com.pt/>).

Nas Inquirições realizadas por D. Afonso III em 1258 é novamente referenciada a terra e confirmado o seu estatuto de reguengo, nesta altura esta freguesia denominava-se Santa Maria de Quintana nome que deriva de uma instituição de origem romana – as Quintanas. Quintana era uma subdivisão agrária como os Casais e formava uma propriedade rústica com suas casas, seus campos e seus soutos (<http://www.minhatererra.com.pt/> ).

Foi só depois do século XIII que Santa Maria de Quintana passou a chamar-se Santa Maria da Reguenga. E, mais uma vez, este nome ou topónimo veio-lhe de uma instituição medieval - os Reguengos que eram terras que pertenciam à coroa, a quem os habitantes, chamados Reguengueiros, pagavam um foro, ou renda, que correspondia a um terço do fruto das terras. Mas nem toda a paróquia

da Reguenga, na Idade Média, era pertença da coroa, pois havia aqui várias "Honras" de fidalgos (<http://www.minhatererra.com.pt/>).

A Reguenga de Baixo mantém as suas e características casas de xisto tradicionais com as ruas estreitas principalmente no lugar da Guarda, onde é visível uma casa que abriga uma pequena imagem de Santo António e, ao lado, uma lápide de granito com uma inscrição de difícil leitura e a data de 1886. Do fundo da Guarda e a caminho da Igreja, atravessa-se uma ampla área agrícola denominada *Agras* onde, no Verão, se vêem extensos campos de milho (<http://www.minhatererra.com.pt/>).

A Reguenga, uma terra essencialmente agrícola, era conhecida, antigamente, pelas galinheiras que se dedicavam à comercialização de galinhas e outros produtos, transportando à cabeça, para o Porto e para toda a região, grandes cestos, fazendo longas caminhadas e enfrentando as dificuldades com cânticos denominados "Benditos" que serviam, também, para afugentar os medos provocados pela escuridão da noite (<http://www.minhatererra.com.pt/>; Santo Tirso, 1990).

O Rancho Típico de Santa Maria da Reguenga, fundado em 1956, conferiu à freguesia a projecção proveniente do grande êxito que alcançou no panorama do folclore, destacando-se algumas actuações de mérito a nível nacional e internacional (<http://www.minhatererra.com.pt/>). A festa da Sr.<sup>a</sup> das Dores realiza-se no 1.º domingo de Setembro (Santo Tirso, 1990). A padroeira da paróquia é Santa Maria.

### **S. Pedro d' Agrela**

Esta freguesia que ocupa a extremidade Sul do concelho de Santo Tirso localiza-se a Sul do rio Leça, estendendo-se pelas encostas da serra da Agrela (<http://www.anafre.pt>). A freguesia tem uma população residente de 1581 habitantes, sendo as principais actividades económicas a agricultura, a indústria de mobiliário e as confecções de vestuário (<http://www.minhatererra.com.pt/>). Até ao ano de 1836 a freguesia pertenceu ao extinto concelho de Refojos de Riba d'Ave. (Santo Tirso, 1990).

Nesta freguesia encontram-se algumas das mais belas quintas do concelho, como a Quinta da Agrela, onde outrora habitou Carneiro Pacheco (1852-1923), importante proprietário local e ministro do reino (<http://www.anafre.pt>). As festas da freguesia da Agrela são: a Festa de São Pedro (Padroeiro) em Junho ou Julho e a Festa da Sr.<sup>a</sup> da Guia no 3.º domingo de Agosto (Santo Tirso, 1990). Na gastronomia destaca-se as papas de sarrabulho e no artesanato a tanoaria; existindo ainda o Clube de Ciclismo de Agrela (<http://www.minhatererra.com.pt/>).

## S. Julião d' Água Longa

É uma das maiores freguesias de Santo Tirso em área, encontrando-se localizada no extremo Sul do concelho junto à serra da Agrela (<http://www.anafre.pt>). Tem uma população de 1968 habitantes e as actividades económicas dominantes são: a indústria de mobiliário, a construção civil, a indústria têxtil e a pequena agricultura (<http://www.minhaterra.com.pt/>). Até 1836 pertenceu ao extinto concelho de Refojos de Riba d'Ave (Santo Tirso, 1990).

Na arquitectura local são notáveis as casas do lugar de Pidre, construídas com pequenos blocos de xisto, alternando com cantaria granítica dos cunhais e moldura das janelas e portas, algumas destas construções são oitocentistas (<http://www.anafre.pt>). Na freguesia merece atenção particular a ponte do Arquinho no ribeiro de Pisão e a capela e o cruzeiro das Alminhas, além dos moinhos de água espalhados pelos cursos de água (<http://www.minhaterra.com.pt/>).

A origem do topónimo *Água Longa* estará relacionada com a ampla bacia que o rio Leça e seus afluentes formam, uma vez que as suas águas transvazam frequentemente dos respectivos leitos, e inundam extensas áreas agrícolas (<http://www.anafre.pt>).

Realiza-se a festa da Sr.<sup>a</sup> do Rosário no 1.º domingo de Outubro (Santo Tirso, 1990), sendo o padroeiro da freguesia S. Julião. Na gastronomia destaca-se perna de porco assada no forno, no artesanato distingue-se a tecelagem e ainda no campo das tradições o Rancho Folclórico de S. Julião de Água Longa (<http://www.minhaterra.com.pt/>).

## Concelho Valongo

### Alfena

S. Vicente de Alfena, era conhecida, na Idade Média, por S. Vicente de Queimadela, sendo Alfena apenas um lugar da freguesia. O nome Alfena prevaleceu devido à importância do Hospital dos Leprosos que ficava situado no lugar de Alfena. Data de 1214 o documento mais antigo que refere Alfena "Leprosos de Alfena e dos Leprosos de Portugal". (Santos, 1984). O Reguengo, era pertença do Rei, enquanto as restantes propriedades da freguesia estavam sob o domínio do Mosteiro de Águas Santas e do Mosteiro de Santo Tirso (Santos, 1984). O nome Alfena tem etimologia árabe e significa *batalha*. (Santos, 1984). Foram avistadas bastantes **noras** (engenhos de rega que retiravam a água do rio para regar os campos agrícolas) no vale agrícola do rio Leça em Alfena, todas desactivadas e por vezes semi-cobertas de vegetação.

## Ermesinde

A referência mais antiga a Ermesinde data das inquirições de 1258 (Ermezenda) (Reis, 2002). Segundo alguns autores, estas terras teriam sido pertença dos Mosteiros de Águas Santas e de Santo Tirso, e de D. Ermezenda (donde derivaria o nome de Ermesinde, que até ao século XX foi apenas um dos lugares da freguesia) abadessa do Mosteiro de Rio Tinto. No entanto, há quem afirme que a D. Ermezenda que dá o nome a Ermesinde seria a D. Ermesenda Guterres de finais do século IX. Em 1911 S. Lourenço de Asmes passou a designar-se Ermesinde (Dias, 2001). Ermesinde e Alfena pertenciam às Terras da Maia, quando em 1836 foram incorporadas no recém-criado concelho de Valongo. Ermesinde e Alfena estão ligadas ao rio Leça, enquanto Valongo, Sobrado e São Martinho de Campo estão ligados ao Vale do Sousa (Reis, 2002).

A área da freguesia de Ermesinde é de apenas 7,4 km<sup>2</sup> (Reis, 2002). Ermesinde teve um crescimento populacional exponencial durante o século XX, na entrada do século eram 2698 habitantes, duas décadas depois já eram 4440 habitantes, em 1960 a população já quase tinha triplicado, em 1981 a população residente era 30000 e em 1988 o aumento foi de 50% em relação a 1981, enquanto a sua população actual ronda os 50 mil habitantes (Dias, 2001). Apenas em 1998 foi inaugurada a ETAR (Estação de Tratamento de Águas Residuais) de Ermesinde e Alfena para tratar os efluentes destas freguesias do concelho de Valongo (Dias, 2001)

A boa aptidão agrícola dos solos da freguesia de S. Lourenço de Asmes e a abundância de água para rega tornou uma paróquia habitada maioritariamente por agricultores camponeses, praticamente desde as suas origens até ao início do século XX. Os rios e ribeiros de caudal permanente, Leça, Balsinha, o rio Tinto, o Asmes (também conhecido por ribeira dos Sonhos) e o Agras (na Gandra), eram alguns dos cursos de água que irrigavam abundantemente os férteis campos da antiga S. Lourenço de Asmes (Dias, 2001). Eram produzidos o milho, cevada, linho, feijão, abóboras, cebolas, melões, batatas, vinho, azeite, frutas diversas (peras, laranjas, ameixas, maçãs, castanhas) e bolota entre outros produtos agrícolas (Dias, 2001). Também a pecuária teve aqui um grande desenvolvimento, em associação com a agricultura, criava-se uma grande variedade de animais domésticos como pombos, galinhas, coelhos, porcos, ovelhas, vacas e outros (Dias, 2001).

O rio Leça está representado no brasão da freguesia, na descrição heráldica do escudo de Ermesinde, o faxetado ondado a prata e azul simboliza o rio (Dias, 2001). Supõe-se que os moinhos junto ao rio Leça terão sido as primeiras unidades industriais de Ermesinde (Reis, 2002). Mesmo no plano desportivo, o rio Leça teve um papel importante na história de Ermesinde, o CPN foi criado em 1941 com o nome Grupo Propaganda Natação (GPN). Uma das modalidades do clube até à década de 50 foi a natação, modalidade que chegou a ser muito popular em Ermesinde e que formou alguns excelentes atletas. Os treinos e as provas realizavam-se no rio Leça, numa zona próxima dos chamados moinhos do Abade,

tendo a modalidade sido abandonada quando o rio Leça começou a ficar poluído (<http://www.geocities.com/>)

Ermesinde foi, efectivamente, uma importante estância balnear e campestre do Porto, dos finais do século XIX até pelo menos à década de 1960. Na primeira metade do século XX, a beleza do rio Leça e das suas margens deu a Ermesinde uma vocação de espaço de lazer para muitos portuenses que aqui vinham com regularidade semanal, graças aos bons meios de transporte (comboio e eléctrico) que ligavam o Porto à “Sintra do Porto”, como também ficou conhecida, de facto. Havia desde os excursionistas que vinham passar um dia até famílias inteiras que fixavam residência temporária desde Junho até Outubro, chegando-se mesmo a organizar algumas colónias de férias, tudo graças à beleza ribeirinha do rio Leça. Devido à enorme procura de transporte para a “Sintra do Porto”, a linha de eléctrico foi prolongada da Areosa até Ermesinde, ficando a Praça da Liberdade (no Porto) desde 1916 ligada directamente a Ermesinde, pela chamada “linha americana”, com uma extensão de 10,5km, cujo percurso demorava quase uma hora a fazer. (Dias, 2001). No passado existiu em Ermesinde, junto à ponte rodoviária da estrada Porto - Santo Tirso, um hotel designado por Hotel da Travagem, o qual possuía um miradouro sobre o rio Leça, tendo o hotel fechado por volta dos anos trinta. Para aqui se deslocavam, no princípio do século, os fidalgos do Porto para descansar, respirar ar puro e passear nas margens bucólicas do Leça. Nessa altura Ermesinde era conhecida por “Sintra do Norte” (<http://www.geocities.com/>).

Eis o que diz o Guia de Portugal, sobre o rio Leça em Ermesinde: (FCG, 1983).

*“depois de transpor o sinuoso valeiro do rio Leça. Lá está ao fundo o modesto riacho, com os seus sossegados meandros de pendores graníticos...Mas em breve se perde de vista o pequeno rio, assim como os sobranceiros montes de Alfena e S. Miguel-o-Anjo, que lhe dominam os rústicos rodeios..”*

## Concelho da Maia

O Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, autor da “Descrição topográfica e Histórica da Freguesia de Santiago de Milheiros” em 1886, na qual escreveu o seguinte (Marques, 2001):

*“Tem o concelho da Maia três rios, o Leça, o Almorode e o Paredes ou Balsinha, sendo estes últimos confluente do primeiro, que é notável na história, e mencionado por todos os geógrafos antigos e modernos”*

*“Tratando primeiro do rio Leça que banha grande parte da Maia, diremos do seu nascimento e fim, etimologia do nome, freguesias por onde passa, pontes mais célebres [...] Nasce na freguesia de Monte Córdova, no lugar das Lameiras chamadas do redondo. Corre manso e sereno de nordeste a oeste, e sepulta-se no oceano atlântico, entre Matosinhos e Leça da Palmeira, vinte e cinco quilómetros desde a sua origem [...]”*

*“ Até ao ano de 1483 era navegável este rio até à ponte de Guifões, três quilómetros acima da sua foz, porém depois, por causa das azenhas que se fizeram junto a Matosinhos, tornou-se impossível tal navegação que só era para batéis ou barcos pequenos [...]”*

*“ As freguesias notáveis que fertiliza são as seguintes: Monte Córdova, Reguenga, Agrela, S. Julião de água Longa, Alfena, S. Lourenço de Asmes (hoje Ermesinde), Águas Santas, Milheirós, Gueifães, Leça do Bailio, Barreiros, Moreira, Custóias, Santa Cruz do Bispo, Guifões, Matosinhos e Leça da Palmeira [...]”*

*“ Traz o rio Leça peixes muito gostosos, como muges, bogas, escalos, barbos, trutas e enguias”*

O nome Maia derivaria dos Madequisences, uma tribo pré-romana que habitaria esta região, como comprova a inscrição na rocha que está exposta no átrio da Faculdade de Ciências do Porto. O radical indo-europeu *Mad* significa “terra húmida” (Marques, 2002).

As primeiras comunidades humanas no concelho da Maia terão surgido entre o V e o IV milénio A.C., tal como comprovam os machados e pontas de pedra polida que foram encontrados em Modivas de Baixo, Azevedo e na Quinta do Paço, e que remontam a ocupação destes territórios ao Paleolítico e Neolítico (Maia, 2004). A Mamoa de Leandro na freguesia de S. Pedro de Fins, a Mamoa de Ardegães e a Agra das Antas na freguesia de Águas Santas são alguns dos testemunhos da antiguidade da ocupação humana do território da Maia (Maia, 2004).

Segundo o manuscrito do Padre Joaquim Antunes de Azevedo, calcula-se que em meados do século XIX, cerca de 400 pessoas trabalhassem no sector da moagem no concelho da Maia. Os moinhos situavam-se maioritariamente no rio Leça, embora os houvesse também na ribeira de Avioso. Os moinhos do rio Leça eram os maiores, chegando a ter 15 rodas, ou seja 15 pares de mós (Marques, 1998).

Já José Augusto Vieira em 1887 no seu “Minho Pitoresco”, referindo-se às moagens, inventariava os seguintes elementos: 1 moinho de vento, 48 moinhos de água, 2 moinhos a vapor, ocupando cerca de 350 pessoas no concelho da Maia (Marques, 1998). A produção de cereais era muito importante no concelho, num inquérito de 1855 foram apuradas as seguintes produções agrícolas: 242160 alqueires de milho, 23600 alqueires de trigo, 5867 alqueires de centeio, 2700 alqueires de castanha e 276 alqueires de cevada. E foram referidos no mesmo inquérito 40 moinhos e azenhas para moagem de cereais, estando alguns em ruína ou fechados e ainda 26 engenhos de linho e 2 engenhos de azeite (Marques, 1998). Quanto à caça, na Maia, no século XIX predominavam as lebres, coelhos, perdizes, galinholas, codornizes e rolas (Marques, 1998).

Marques (2001) contabiliza os moinhos de rodízio nos rios Leça e Almorode em número superior a 60. Os núcleos rurais de Mandim (Barca), Calquim (Gondim), Fundevila (Milheirós), Casal (Nogueira) e Sá (Silva Escura) são alguns dos testemunhos da forte identidade agrícola das terras da Maia (Marques, 2002).

## **Freguesia de São Pedro Fins**

Onde se situa o Monte de São Miguel-o-Anjo e respectiva capela.

### **Milheirós**

Pertenceu à freguesia de Águas Santas, tendo a sua elevação a freguesia sido devido ao facto de as suas gentes terem de atravessar o rio Leça, para ir à Igreja de Águas Santas, o que era muito difícil e demorado nas estações frias e chuvosas. Segundo o Padre João Neves da Cruz a criação da freguesia de Milheiros terá ocorrido entre 1578 e 1580 durante o reinado do cardeal D. Henrique (Maia, 2004). Em 1258, esta freguesia era designada por Milheiroos, o nome devia-se à grande produção de milho desta zona, a qual abastecia as freguesias vizinhas. Não é pois de estranhar que aqui existam muitos moinhos antigos. A Casa do Arco, que data do século XVIII, e que foi totalmente restaurada é utilizada para actividades ligadas ao turismo e à hotelaria, esta casa possuiu cinco moinhos, que a actual proprietária está a reconstruir, a ponte do Arco, em granito, de um só arco, deve ser contemporânea da casa (<http://www.geocities.com/>). Os Moinhos de Alvura, a Ponte de Alvura e a Casa de Alvura (1711) que possui na eira cuja data de construção é 1834, um relógio de sol que data de 1902, a Ponte do Arco, a Casa da Ponte ou dos Cinco Moinhos e os núcleos tradicionais de Calvilhe, Meio da Aldeia e Fundevila, assinalam a importância do rio Leça e das terras férteis que banha na freguesia de Milheirós (Maia, 2004).

O milho, cultura com elevados rendimentos nestas terras férteis, terá dado origem ao nome da freguesia, e era depois moído nos moinhos do rio Leça. A criação de gado bovino era muito importante na economia das populações, e era exportado para Inglaterra. Outra das actividades económicas com relevância nesta freguesia era a exploração de pedreiras, como documenta a designação de Monte Penedo (Maia, 2004).

Na freguesia de Milheirós realizam-se as seguintes festas: São Tiago a 25 de Julho, Santa Luzia a 13 de Dezembro e em Honra do Menino Deus no 1.º domingo do ano (Maia, 2004).

### **Águas Santas**

A referência documental mais antiga à freguesia de Águas Santas remonta ao ano de 974 da nossa era cristã, e terá sido a Fonte de Águas Santas, e a lenda que envolve a fonte, que terá dado o nome à povoação (Maia, 2004). A "Pedra Gravada" (conhecida por Pedra de Aregães) é um exemplo de arte rupestre da idade do bronze, que comprova a antiguidade do povoamento das terras desta freguesia (Maia, 2004). Já a referência documental mais antiga ao mosteiro de águas santas, de que só resta a igreja (Igreja de N.ª Sr.ª do Ó), classificada como monumento nacional, remonta ao ano de 1120, importa ainda referir os cinco sarcófagos monolíticos dos princípios da Idade Média no exterior do edifício (Maia,

2004). A capela de N.ª Sr.ª da Guadalupe que foi construída em 1633 e reconstruída em 1722, é outro dos monumentos arquitectónicos/religiosos mais importantes da freguesia de Águas Santas (Maia, 2004).

O solar da Quinta da Granja que hoje é um espaço de Turismo de Habitação Rural e a Quinta de Corim (cujos os jardins, escadaria e varandas se presume ser da autoria de Nicolau Nasoni) são alguns dos belos exemplares de arquitectura civil (Maia, 2004). As festas populares que se realizam em Águas Santas são as seguintes: Festa do Menino no 1.º fim-de-semana de Janeiro, Festa de N.ª Sr.ª dos Aflitos no último domingo de Julho e a Festa de N.ª Sr.ª de Guadalupe no 2º fim-de-semana de Setembro (Maia, 2004).

### Gueifães

Nesta freguesia segundo FCG (1983) *"passa a ribeira do arquinho, rica em enguias e bogas"* e ainda a cruzar o rio Leça existe a Ponte de Pedra (que liga a S. Mamede de Infesta), por esta ponte passava a via romana que ligava Olissipo (Lisboa) a Bracara Augusta (Braga) (Maia, 2004). A Festa de N.ª Sr.ª da Saúde realiza-se no 2.º Domingo a seguir à Páscoa (Maia, 2004).

### Maia

Até ao ano de 1952 era o lugar de Barreiros. Forma juntamente com as freguesias de Vermoim e Gueifães a cidade da Maia (Maia, 2004). De salientar a Capela de N.ª Sr.ª do Bom Despacho (Maia, 2004).

### Vermoim

O rio Almorode atravessa Vermoim de Norte para Sul, entra na Várzea, uma veiga agrícola, a referência mais antiga (1014) que existe a Vermoim (Maia) indica o rio Almorode ou ribeira de Avioso como referência de localização, assim como o rio *Leza* (Leça) (<http://www.scribd.com>). Não existem dúvidas que por esse tempo existiria um Mosteiro em Vermoim e que a villa Vermudi é a actual Vermoim da Maia, pois o referido documento é eloquente quando ao seu nome e localização junto à Ribeira de Avioso, afluente do rio Leça - *"asciterium prenominato Vermudi et reliquias loci ejus, vocabulo Sancti Romani, et omne ejus basilica fundata est in ipsa villa, suburbio Portugal, prope rivulo Leza et discurrente arrugio Avenoso"* (<http://www.jfvermoim.org>). O topónimo Vermoim tem origem etimológica num nome próprio com origem germânica (Vermudus), nas inquirições de 1258 todas as propriedades (23 casais ou explorações agrícolas) eram honras (propriedade da Igreja) ou coutos (propriedade de Fidalgos) (<http://www.jfvermoim.org>)

No brasão de Vermoim, as coticas em prata e azul representam o ribeiro de Avioso, Almorode ou Arquinho, afluente do rio Leça, que cruza o território da freguesia a Nascente. Tem havido algumas campanhas de limpeza do rio Almorode, com a retirada de toneladas de lixo do seu leito e margens (<http://www.jfvermoim.org/>)

Em frente ao adro da Igreja de Vermoim encontra-se um notável freixo mult centenário, cuja memória da sua existência acompanha a história da freguesia, cujo tronco mede cerca de 4 metros de perímetro (<http://www.jfvermoim.org/>).

Durante o século XIX e durante a primeira metade do século XX, eram famosos os tamancos de Vermoim, feitura artesanal de tamancos desenvolvida por mão-de-obra masculina da freguesia em oficinas familiares, que conciliavam essa actividade económica com a agricultura (<http://www.jfvermoim.org/>).

### **Moreira da Maia**

O rio Leça, nos séculos passados fornecia a freguesia de Moreira da Maia de peixe miúdo e há, por curiosidade, também referências à abundância de víboras. O nome de Moreira vem de Villa Moraria e tem a sua génese em Morus (amora) e talvez se deva há abundância de amoreiras nesta zona em tempos idos (Marques, 1998). A festa de N.ª Sr.ª Mãe dos Homens decorre no último domingo de Setembro, na capela com o mesmo nome (Marques, 1998). No património de Moreira da Maia, destaca-se o Mosteiro de Moreira, a Ponte de Moreira e a Capela de N.ª Sr.ª Mãe dos Homens (Maia, 2004).

### **Concelho de Matosinhos**

**S. Mamede de Infesta (Matosinhos), Custóias, Leça do Balio, Santa Cruz do Bispo, Guifões, Leça da Palmeira e Matosinhos.**

A zona da Ponte da Pedra no rio Leça em **S. Mamede Infesta**, foi no passado um local de veraneio muito aprazível. Para lá se deslocava um grande número de pessoas, para passear de barco, descansar, petiscar, nadar, etc. Era referida na primeira vintena do séc. XI como *ponte petrina*, como consta de documentos insertos no *Portugaliae Monumenta Historica*, e estava integrada na antiga via romana de Calle a Bracara Augusta. Esta via foi aproveitada mais tarde para a construção da antiga estrada Porto-Braga, tendo sido construída ao lado uma segunda ponte (<http://www.geocities.com/>)

**Guifões**, localizada na margem sul do rio Leça, está incluída no "maciço antigo" (plataforma rígida que se vai inclinando até ao mar) formado essencialmente por rochas eruptivas, tais como: granitos de duas

micas, biotite e moscovite, que se terão formado há cerca de 360 milhões de anos, no Período do Carbonífero da Era Paleozóica, e rochas metamórficas, como xistos com cerca de 590 milhões de anos, formadas no Período Câmbrio. Com interesse geológico encontramos no Monte Xisto relevos residuais, os "tors" e os "caus de blocos" no Monte dos Pipos. A sua pedra granítica é famosa (até no estrangeiro) (<http://www.regional-editora.com/>). Nas "Memórias Paroquiais de 1758", o Cura Ambrósio da Silva, escreve: *"(...)Esta freguesia está situada em terra plana, e só della se descobrem as freguezias vizinhas, que são Sam Thiago de Custoyas Igreja da Sagrada Religião de Maltha, que fica pella parte do Nascente, e pello Poente fica a freguezia de Mattozinhos, e Palmeyra, pello Norte Santa Cruz do Bispo, e Sul com a dita freguezia de Mattozinhos, e dista esta freguezia às ditas circunvezinhas menos de quarto de Legoa em circuito della. (...)Tem esta freguezia sincoenta, e dous fogos actuaes, e vinte, e sinco alternativos, que entre todos fazem setenta, e oito. Pessoas tem trezentas, e vinteseis. (...)"*

Sobre as pontes do rio Leça escreveu: *"(...)Tem este Rio nesta freguezia tres pontes huma de páo, e duas de pedra. A primeira de pedra pella parte de Nascente chamada a ponte = do Carro = faz sahida para a aparte do Norte para a freguezia de Santa Cruz do Bispo. A segunda de pedra chamada = a ponte de Guifões =, pela parte do Poente faz sahida para a freguezia de Sam Miguel da Palmeyra: esta hé de cantaria, que dizem os antigos fora feita pellos Mouros; por se achar ainda sem se acabar com tres olhaes(...)"* (<http://www.regional-editora.com/>)

A Ponte de Guifões que ruiu em 1979, era de três arcos e teria sido construída no Período da Ocupação Romana e a Ponte do Carro que é Monumento Nacional, liga Guifões a Santa Cruz do Bispo, no chamado Caminho de Santiago, é medieval de estilo Românico (<http://www.regional-editora.com/>).

## Equipamentos:

O **Parque de merendas de Pereiras**, em Monte Córdova, localiza-se na margem esquerda do rio Leça, junto à serra hidráulica, e abaixo da levada que leva água à mesma. O espaço possui com um coberto arbóreo admirável, sendo bordejado por um grande carvalho alvarinho, com mesas e bancos de granito maciço e mais alguns bancos de granito maciço avulso.

Nesta área, em Santo Tirso, encontram-se implementados os **"Percursos da Natureza de Santo Tirso"**, sendo compostos pelos seguintes trilhos, na envolvente do rio Leça ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)):

- PR 1ST – "Histórico Pré-Industrial", que percorre Pereiras, Azenha de Valinhas, Quedas de Fervença, rio Leça e Monte Padrão, com grau de dificuldade médio e uma duração de 3 a 4 horas;
- PR 2ST – "Padrão", que percorre a Capela de St. António, Senhor do Padrão, Santa Cristina e Monte Padrão, com grau de dificuldade médio e duração de 3 a 4 horas;
- PR 3ST – "Rio Leça", que percorre as quedas de Fervença, Redundo, Pereiras, Valinhas e rio Leça, com grau de dificuldade baixo e duração de 6 a 7 horas;
- PR 4ST – "Abraço", que percorre Santo Tirso, Alminhas, S. João do Carvalhinho, Santa Cruz, N. S. Assunção, com grau de dificuldade médio/alto e duração de 5 a 6 horas;
- PR 5ST – "Moinhos", que percorre o Castro de Sta Margarida, Ribeira de Fojo, Coutada, S. Tomé de Negrelos, com grau de dificuldade médio e duração de 4 a 5 horas;
- PR 6ST – "Vale do Leça", que percorre Guimarei, Lamelas, Água Longa, Agrela, Reguenga, Refojos, com grau de dificuldade moderado/médio e duração: de cerca de 6 horas;

O **Parque de Lazer de Nossa Senhora de Valinhas**, em Monte Córdova, situa-se na Rua Nossa Senhora de Valinhas, no carvalhal da Senhora das Valinhas, junto à Capela de Nossa Senhora de Valinhas. Esta área, onde ocorrem vários exemplares de carvalhos centenários, *como* carvalhos-alvarinho (*Quercus robur*) e sobreiros (*Quercus suber*), assim como os mais recentes carvalhos-americanos (*Quercus rubra*), encontra-se atravessada por uma lâmina de água, sobre a qual passam pequenas pontes em esteios de granito, com corrimão em madeira. Ao longo desta vão aparecendo pequenas fontes em granito ou formadas a partir da rocha, de onde brota água. Inserido no parque encontra-se um coreto em granito e um cruzeiro. O cruzeiro, de granito, assente sobre dois degraus e apresenta inscrita a data 1879. No cimo, apresenta uma esfera cortada por uma cruz latina, com as iniciais N.R. Esta área florestal está classificada como de Interesse Público DG 119 II Série 23-05-04.

Na envolvente, localizam-se as Quedas do rio Leça em Fervença, existindo uma ligação entre os dois espaços através dos percursos de Santo Tirso. Do outro lado da estrada, localiza-se a Devesa das Valinhas, onde os moinhos de água (Azenhas de Valinhas), que construídos com vista a aproveitar a energia da água para a moagem de cereais, para a serração e também para o apisoamento de tecidos, foram-se estabelecendo ao longo dos vários afluentes do rio Leça. As Azenhas de Valinhas possuem um grande valor para a compreensão das pequenas actividades económicas de subsistência, sendo possível observar a ligação estabelecida entre estas estruturas económicas e a natureza que as rodeia e ainda a capela de N.ª S.ª das Valinhas ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

No alto do Monte Córdova, sobranceiro à cidade de Santo Tirso, localiza-se o **Parque de Lazer de Nossa Senhora da Assunção**, que apresenta uma área florestal considerável, onde subsistem espécies

folhosas de interesse relevante e uma panorâmica excelente do alto do monte. Este parque desenvolve-se em redor da Basílica de Nossa Senhora da Assunção, encontrando-se equipado com bar, restaurante, loja de recordações, sanitários e uma área para piqueniques, com mesas e bancos em granito. Mais abaixo, junto à Capela Velha, existe um outro parque de merendas, com mesas e bancos em granito, possuindo como infra-estrutura de apoio um restaurante, anexo à capela que aqui se encontra.

A denominada "Sala de Visitas", uma zona da mata bem conservada, acolhe escolas, associações e outros grupos, que utilizam este espaço para convívios, palestras e acções de educação ambiental. O espaço é também utilizado para os jogos de pista, escaladas, caminhadas, e observação da natureza ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

No Monte Padrão, encontra-se actualmente em construção um edifício destinado ao **Centro Interpretativo do Monte Padrão**, para apoio às actividades relacionadas com o Castro do Monte Padrão. Este possui como objectivos: o desenvolvimento disciplinar da Arqueologia no âmbito da gestão do recinto de que as ruínas são o núcleo fundamental e a divulgação dessa memória arqueológica junto da comunidade. Pretende-se que esta intervenção seja complementada, faseadamente, com a requalificação do último tramo do percurso de acesso ao castro, que é, simultaneamente, a extensão final de diversos percursos lúdicos que culminam junto da capela do Monte Padrão. Será composto pela sala de serviços educativos (apoiada pelos veículos multimédia), o apoio administrativo (definido pela recepção e documentação informal), sala de restauro, gabinetes de trabalho, área de recolha de materiais e equipamentos, e ainda os serviços sanitários e vestiários, a que deverá juntar-se a área para a colocação das infra-estruturas técnicas do edifício ([www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)).

A **Zona de Lazer de S. Lázaro** localiza-se em Alfena (Valongo), nas margens do rio Leça, sendo limitada por este rio a Oeste, Sul e Este. O parque desenvolve-se nas duas margens, sendo interligada através de uma antiga ponte romana e de uma nova ponte, em madeira. A ponte romana, em granito possui dois arcos, estando actualmente encerrado a trânsito automóvel, efectuando a ligação entre a Rua de S. Lázaro (na margem direita) e as Rua das Cabanas e Rua Central da Costa (na margem esquerda). A Sul e Oeste, o parque, a uma cota superior ao rio, encontra-se delimitado por muros em granito, com corrimão em madeira, que o separa desta linha de água. A Este, contacta directamente com o rio, até onde se prolonga o parque, existindo aqui um pequeno açude. Neste local, une-se ao rio Leça, um pequeno braço de rio que foi desviado um pouco antes, passando por campos agrícolas, entre edificações, e pelo próprio parque, antes de retornar ao seu percurso normal.

O parque é formado por duas áreas, uma em cada margem do rio Leça. Na margem direita possui um amplo espaço relvado, atravessado por um percurso pedonal, em calçada de granito, ao longo da qual se encontram bancos também neste material. Na margem esquerda, no espaço entre o rio Leça e a escarpa rochosa, encontra-se a outra área desta zona de lazer. Aqui, existe um parque de merendas, equipado

com mesas e bancos de piquenique em granito e um espaço para fazer churrascos. Subindo um pouco a encosta, encontram-se umas escadas com muros em xisto que levam ao nicho onde se encontram as imagens da Nossa Senhora dos Remédios e S. Lázaro, e, abaixo um espaço relvado pontuado com mesas de piquenique em granito. Existe também uma pequena fonte em granito e ardósia, embora a água seja “imprópria para consumo”. Junto à ponte, encontra-se o edifício de um antigo moinho, que foi recuperado, possuindo o piso superior envidraçado, com acesso através de uma pequena rampa metálica. Ao lado deste edifício existe um pequeno estacionamento automóvel.

Junto ao rio Leça, a vegetação ripícola encontra-se reduzida a apenas alguns choupos e amieiros, que se encontram junto à margem. No parque, existem choupos, carvalhos e um pinheiro. Todo o espaço encontra-se equipado com caixotes do lixo e iluminação.

Na envolvente, encontra-se, a Oeste, uma escarpa rochosa, acima da qual se localizam habitações unifamiliares, com 1-2 pisos, tal como a Norte. A Sul e Este, encontram-se parcelas agrícolas que se prolongam até ao rio.

Em 1996, a Câmara Municipal de Valongo promoveu o arranjo das margens do rio, regularizando o seu curso e definindo esta zona de lazer de S. Lázaro, um ano após efectuar obras de consolidação da estrutura da ponte, substituindo o lajeado da ponte e reconstruindo guardas em granito e impermeabilizando o tabuleiro ([www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)).

O futuro **Parque Socer** encontra-se a ser construído em Ermesinde, nos terrenos de uma antiga unidade industrial de resinas, derivando o nome do grupo de empresas que aí funcionava (<http://jn.sapo.pt>). Deriva de um projecto imobiliário, que visa não apenas a construção de edificações, mas também a implementação de uma zona verde, que englobasse ambas as margens do rio ([www.avozdeermesinde.com](http://www.avozdeermesinde.com)), numa extensão de cerca de 350 metros entre a Ponte da Travagem e o limite do concelho de Valongo (<http://jn.sapo.pt>, [www.avozdeermesinde.com](http://www.avozdeermesinde.com))

Prevê-se que este parque possua um “polidesportivo em relva sintética, circuito de manutenção com 11 aparelhos, caminhos pedestres, um equipamento para desportos radicais e um parque infantil”. Pretende-se também recuperar um moinho tradicional (<http://jn.sapo.pt>), já que, nas proximidades, se encontram edifícios em ruínas de antigos moinhos, assim como uma pequena ponte, em granito, que conduz a um espaço florestado, com plantações de choupos e carvalhos. Quanto às espécies vegetais, pretende-se colocar espécies como: tílias, freixos, mélias, jacarandás e carvalhos, sendo que nas margens, deverão ser plantados amieiros, choupos e loureiros, com o reforço da galeria ripícola, de modo a preservar a fauna <sup>2</sup>, existente no local. Do projecto consta também a implantação de mobiliário urbano, com papeleiras, bancos e iluminação ([www.avozdeermesinde.com](http://www.avozdeermesinde.com)).

Na envolvente, na margem esquerda do rio, irá ser construída uma urbanização, enquanto do outro lado, um pouco mais afastadas do rio, existem habitações unifamiliares, com 1-2 pisos, que possuem, jardins

privados em redor, separados do parque por um muro em granito. Junto ao parque encontram-se também estufas com plantas ornamentais, como estrelícias e campos agrícolas. Próximo, encontra-se o centro comercial Maiashopping.

O **Parque Urbano dos Moutidos**, localizado em Águas Santas (Maia), encontra-se rodeado por um muro em granito. Possui uma área com cerca de 4 ha, dividindo-se por quatro áreas distintas: a zona aluvionar, a zona de maior declive, uma zona de mata e uma zona de prado. É constituído por grandes espaços relvados, atravessados por caminhos. Na parte mais alta, localiza-se um café que se encontra aberto até às duas horas da manhã, hora a que o parque fecha. Encontra-se equipado com sanitários, bancos e mesas com bancos que são aproveitadas para jogar às cartas, bem como um parque infantil. Existe também um pequeno lago. A vegetação, composta predominantemente com espécies autóctones, possui carvalhos, urzes, pinheiros mansos, loureiros, azevinhos e roseiras. O espaço é tratado por um jardineiro da Câmara Municipal. Atrás do parque, encontra-se uma mata com eucaliptos e acácias, que se pretende que venha a integrar o parque, através da sua ampliação.

O **Parque das Varas**, ou Parque do Mosteiro de Leça do Balio, localiza-se junto ao Mosteiro de Leça do Balio, em Leça do Balio, numa das margens do rio Leça. Possui uma área de 17 000 m<sup>2</sup>, que se divide em dois patamares: um localizado à cota do rio, onde se situa um café-restaurant com instalações de apoio, um auditório-xadrez, equipamentos de diversão infantil e uma esplanada. Este espaço é percorrido por um corredor pedonal e uma pista de skate e bicicletas, que atravessam este espaço de prado paralelamente com o rio. O segundo patamar, sobre o café, possui um espelho de água recuperado num espaço verde relvado; aqui, encontram-se instalações sanitárias e um parque de estacionamento arborizado, com laranjeiras, carvalhos, choupos e tílias. Existe iluminação pública por todo o espaço ([www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)).

O **Parque da Ponte do Carro** localiza-se em Guifões (Maia), tendo a sua execução incluído a substituição de habitações degradadas existentes na margem direita do rio Leça, a jusante da Ponte do Carro, com a criação de uma frente urbana. A intervenção inicial abrangeria apenas cerca de 1 500 m<sup>2</sup>, mas entretanto o projecto foi reformulado, tendo a Câmara adquirido uma área com 8 540 m<sup>2</sup> de modo a recuperar uma área bastante degradada, na envolvente de um espaço com grande beleza natural. Assim, o local compreende uma série de pequenas plataformas ligadas por percursos pedonais, efectuando um corredor que liga a Ponte do Carro à Rua de Monte de Leça; pode-se passar da margem direita do rio Leça, através de um espaço relvado com parque de merendas e equipamentos de diversão infantil, para a sua margem esquerda, por meio de uma ponte de madeira (no local onde antes já tinha existido uma ponte); no local, foi também criado um pequeno tanque para os peixes, tendo-se aproveitado a água de

uma mina. Foi reposto o açude existente e recuperado o canal de adução ao moinho e o próprio moinho. As habitações existentes foram restauradas e foi colocada iluminação pública. Foi também efectuado um processo de limpeza das margens, com a retirada de lixos e corte de vegetação, como silvas e ramos secos, protegendo-se a mata ribeirinha e vegetação marginal, e havendo a reposição de espécies de mata ripícola, como amieiro (*Alnus glutinosa*), ulmeiro ou negrilho (*Ulmus procera*) e freixo (*Fraxinus angustifolia*) (CM Matosinhos, 2005).

## Bibliografia

BENTO, Jorge (1998); Leca de sempre; Gráfica Firmeza; Porto.

CAMARA MUNICIPAL DE VALONGO (2007); Valongo Natura; Ambiente e Qualidade de Vida; Boletim Informativo N.º 11; Câmara Municipal de Valongo; Valongo.

CIBIO (2004); Estrutura Ecológica da Área Metropolitana do Porto; Porto.

DIAS, António José Guerner; RODRIGUES, Benedito Gonçalves; PRAIA, João Félix (1995); Matosinhos: Monografia do Concelho, vol 1 – Geologia do Concelho de Matosinhos: Aspectos Mais Significativos; Câmara Municipal de Matosinhos; Matosinhos.

DIAS, Manuel Augusto; Pereira, Manuel Conceição (2001); Ermesinde: registos monográficos; Câmara Municipal Valongo; Valongo.

FERNANDES, Andreilino (1995); O Rio Leça; Câmara Municipal de Matosinhos; Amileça; Matosinhos.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1983); Guia de Portugal - Volume IV - Entre Douro e Minho – I Douro Litoral; 2.ª Edição; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa.

INAG (2000), Plano de Ordenamento da Bacia Hidrográfica do Rio Leça.

LAMY, Alberto Sousa (1987); Monografia de Refojos - freguesia do concelho de Santo Tirso; Tipografia Guerra; Viseu.

MAIA (2004); Maia: guia histórico e de actividades concelhias; Regional Editora; Maia.

MARQUES, José Augusto Maia (2002); Maia: monografia-mapa: concelho da Maia; Arthihora - produções Gráficas; Porto.

MARQUES, José Augusto Maia (2001); Maia: páginas de memória; Cadernos do mosteiro – 2; Câmara Municipal da Maia; Maia.

MARQUES, José Augusto Maia (1998); Moreira da Maia no século 19: segundo o manuscrito do Padre Joaquim Antunes de Azevedo; Câmara Municipal da Maia; Maia.

MOREIRA, Domingos A. (1996); Antiguidade linguística do nome do rio "Leça"; Sep. de: Casa Museu Idalina e Aurora Matos; Alfena.

O RIO DA SAÚDE (1994); O rio da saúde; Associação dos Amigos do Rio Leça; Leça do Balio.

REIS, José (2002); Ermesinde: monografia-mapa; Artihora; Porto.

SANTOS, Januário dos (1984); Alfena ontem e hoje; Paróquia de Alfena; Alfena.

SANTO TIRSO (1990); Santo Tirso: roteiro turístico, histórico-cultural e sócio-económico do concelho; Páginas Verdes Edições e Publicidade Escrita (com o apoio da Câmara Municipal de Santo Tirso); Porto.

SERÉN, M.C. & FONSECA, J.M.S. (1998); Matosinhos, monografia do concelho - IV volume - O concelho no Antigo Regime; Câmara Municipal Matosinhos; Matosinhos.

SILVA, Armando Coelho da, (1982); Organizações gentílicas entre Leça e Ave; Sep. A - Actas Colóquio de História Local e Regional Santo Tirso 1979; Imp. Portuguesa; Porto.

VELHAS, Edite Marina F. Santos (1991); A bacia hidrográfica do Rio Leça: estudo hidroclimatológico; Sep. Revista Faculdade de Letras: Geografia – série I – volume 7; Porto.

<http://cultura.maiadigital.pt>

<http://jf-balio.pt>

[www.acist.com.pt](http://www.acist.com.pt)

[www.ambiente.maiadigital.pt/](http://www.ambiente.maiadigital.pt/)

[www.anafre.pt](http://www.anafre.pt)

[www.castrenor.com](http://www.castrenor.com)

[www.cm-matosinhos.pt](http://www.cm-matosinhos.pt)

[www.cm-stirso.pt](http://www.cm-stirso.pt)

[www.correnterioleca.com/rioleca.asp](http://www.correnterioleca.com/rioleca.asp)

[www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

[www.dgrf.min-agricultura.pt](http://www.dgrf.min-agricultura.pt)

[www.e-cultura.pt](http://www.e-cultura.pt)

[www.freguesiadealfena.pt](http://www.freguesiadealfena.pt)

[www.geocities.com](http://www.geocities.com)

[www.geocaching.com/](http://www.geocaching.com/)

[www.ippar.pt](http://www.ippar.pt)

[www.jf-montecordova.pt](http://www.jf-montecordova.pt)

[www.jf-montecordova.pt](http://www.jf-montecordova.pt)

[www.jfvermoim.org/](http://www.jfvermoim.org/)

[www.maretec.mohid.com](http://www.maretec.mohid.com)  
[www.minhaterra.com.pt/](http://www.minhaterra.com.pt/)  
[www.naya.org.ar](http://www.naya.org.ar)  
[www.matosinhoshoje.com](http://www.matosinhoshoje.com)  
[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)  
[www.regional-editora.com/](http://www.regional-editora.com/)  
[www.rotanoave.com](http://www.rotanoave.com)  
[www.scribd.com](http://www.scribd.com)  
[www.avozdeermesinde.com](http://www.avozdeermesinde.com)

